

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

JÉSSICA DE SOUZA FARJADO

A representação dos tipos
“homem supérfluo” e “raznotchínets”
na novela *Púnin e Babúrin*, de Ivan Turguêniev

Versão corrigida

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

A representação dos tipos
“homem supérfluo” e “raznotchínets”
na novela *Púnin e Babúrin*, de Ivan Turguêniev

Versão corrigida

Jéssica de Souza Farjado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Doutora em Literatura e Cultura Russa. Pesquisa desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fatima Bianchi

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F229r Farjado, Jéssica de Souza
A representação dos tipos "homem supérfluo" e
"raznotchínets" na novela Púnin e Babúrin, de Ivan
Turguêniev / Jéssica de Souza Farjado ; orientadora
Maria de Fatima Bianchi. - São Paulo, 2020.
202 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. Literatura russa. 2. Século XIX. 3. Ivan
Turguêniev. 4. Homem supérfluo. 5. Raznotchínets. I.
Bianchi, Maria de Fatima, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE
Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)


Nome do (a) aluno (a): Jéssica de Souza Farjado

Data da defesa: 14/10/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Fatima Bianchi

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 11/12/2020



(Assinatura do (a) orientador (a))

Agradecimentos

Aos meus pais, Sonia e João, e a minha irmã Érica, por tudo.

À minha orientadora Fátima Bianchi, pela dedicação, cuidado e paciência dispensados a mim desde a graduação.

Ao professor Mario Ramos e à Daniela Mountian, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação que foram fundamentais para o devido encaminhamento da pesquisa. Aproveito para estender meus agradecimentos a todos os professores do curso de russo que tanto me ensinaram: Noé Policarpo Poli, Elena Vássina, Bruno Gomide, Aurora Bernardini, Arlete Cavaliere, e ao saudoso professor Homero Freitas de Andrade.

À minha prima Tati, à minha tia Miriam, aos meus amigos Raul, Edmundo, Cat, Dani, Camila, Sandra, Juliana, Renata, Marina, Marcus, e a todos aqueles que contribuíram para a conclusão deste trabalho.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento.

Resumo

O presente trabalho de pesquisa apresenta uma tradução do original em russo da novela *Púnin e Babúrin*, de Ivan Turguêniev, publicada em 1874, assim como uma investigação dos contextos histórico e literário russo, a partir da datação dos capítulos da novela pelo autor, com o objetivo de compreender a caracterização e evolução dos tipos “homem supérfluo” e “raznotchínets”, bem como o embate entre eles. Por se tratarem de tipos recorrentes na obra de Turguêniev, procurou-se realizar também um estudo da relação que as duas personagens centrais da novela, o “homem supérfluo” e o “raznotchínets”, guardam com alguns dos principais personagens da obra do escritor. Paralelamente, o trabalho apresenta um comentário sobre o estilo literário do autor e, mais especificamente, sobre determinados recursos que são frequentes em suas narrativas, com o propósito de ressaltar sua riqueza e importância para a Literatura. E, por fim, ressalta alguns elementos autobiográficos presentes na novela, visto que estão atrelados tanto à construção estética de suas obras, de modo geral, quanto ao retrato desses dois tipos tão representativos da literatura russa do século XIX.

Palavras-chave: Literatura russa; século XIX; Ivan Turguêniev; “homem supérfluo”; “raznotchínets”

Abstract

The present research work presents a translation of the original in Russian of the novel *Punin and Baburin*, by Ivan Turguêniev, published in 1874, as well as an investigation of the Russian historical and literary contexts, from the dating of the chapters of the novel by the author, with the aim of understanding the characterization and evolution of the types "superfluous man" and "raznoshynets", as well as the clash between them. Since they are recurrent types in Turgenev's work, there is a study about the relationship that the two central characters of the novel, the "superfluous man" and the "raznotchínets", keep with some of the main characters of the writer's work. In parallel, the work presents a commentary on the author's literary style and, more specifically, on certain resources that are frequent in his narratives, with the purpose of highlighting its richness and importance for Literature. And, finally, we highlights some autobiographical elements present in the novel, since they are linked both to the aesthetic construction of his works, in general, and to the portrait of these two types so representative of Russian literature of the 19th century.

Keywords: Russian literature; XIX century; Ivan Turgenev; "superfluous man"; "raznoshynets"

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Parte I	
2. Tradução.....	12
2.1. Sobre a tradução.....	87
Parte II	
Capítulo 1	
3. Introdução.....	95
4. <i>Púnin e Babúrin</i> no contexto histórico e literário russo.....	102
4.1. Capítulo I – 1830 – Período pós-Revolução Dezembrista.....	102
4.2. Capítulo II – 1837 – Busca por ilustração.....	105
4.3. Capítulo III – 1849 – Período pós-Primavera do Povos.....	109
4.4. Capítulo IV – 1861 – Emancipação do servos na Rússia.....	114
5. <i>Púnin e Babúrin</i> no conjunto da obra de Turguêniev.....	116
Capítulo 2	
6. O realismo de Turguêniev.....	133
6.1. Foco narrativo.....	144
6.2. Temas e recursos recorrentes.....	148
6.2.1. Construção narrativa.....	148
6.2.2. <i>Os ciganos</i> de Púchkin.....	152
6.2.3. Dualidade.....	158
6.2.4. Babúrin, Zenão e a filosofia estoica.....	162
7. Considerações finais.....	170
7.1. Crítica e recepção.....	170
7.2. Construção das personagens e elementos autobiográficos.....	174
8. Bibliografia.....	188

Apresentação

Para a minha dissertação de mestrado, traduzi para o português a novela *O rei Lear da estepe*, de Ivan Turguêniev, publicada em 1870, por tratar-se de um texto então inédito no Brasil. Além da tradução, realizei também uma pesquisa na medida do possível aprofundada sobre esta obra, procurando abordar alguns elementos significativos em sua composição, como o skaz literário, discutido por Mikhail Bakhtin e Boris Eichenbaum, e a estilização, recurso estilístico teorizado também por Bakhtin e por Iúri Tiniánov.

Como a intenção era continuar trabalhando com a obra do escritor, o primeiro passo para a escolha do tema para a presente tese de doutoramento foi selecionar as obras de Turguêniev que ainda careciam de tradução direta do original em russo para o português. Após uma breve pesquisa sobre cada uma delas, optei por realizar um estudo da novela *Púnin e Babúrin*, de 1874, assim como sua tradução. A personagem central desta obra é um raznotchínets próximo da meia-idade, republicano e de tendências revolucionárias já na década de 1830, o que faz dele uma figura singular para a época. O que chamou minha atenção em especial nesta obra foi a relação evidente que existe entre suas personagens principais e as demais personagens icônicas do escritor, assim como o recurso à datação dos capítulos da novela, que se revela fundamental para a sua compreensão, e também a habitual linguagem poética e a elegância de estilo nela empregadas por Turguêniev.

A primeira parte da tese é composta pela tradução da novela, seguida de um breve comentário elaborado a partir do cotejo com versões para o francês e o inglês e das diversas soluções encontradas pelos respectivos tradutores. No comentário à tradução,

foram ressaltadas as escolhas de equivalentes para a tradução de pronomes e formas de tratamento, assim como para as expressões idiomáticas empregadas pelo autor e as soluções encontradas para os erros de pronúncia e grafia de duas das personagens.

Na segunda parte, o primeiro capítulo aborda o contexto histórico e literário russo dos períodos datados nos capítulos da obra, que compreendem cerca de três décadas do século XIX, mais especificamente os anos de 1830, 1837, 1849 e 1861, que expõem a intenção do narrador de “contar pela ordem e na sequência”. Esta parte foi dedicada também a um estudo que relaciona a figura de Babúrin aos principais protagonistas da obra de Turguêniev, entre eles Tchulkatúrin, Rúdin, Lavriétski e Bazárov, visando ressaltar suas semelhanças e diferenças, inclusive levando-se em consideração o lugar ocupado por tais personagens em categorias arquetípicas, como “homem supérfluo”, “raznotchínets” e “homem novo”. Para os objetivos desta pesquisa, estas denominações revelam-se de extrema importância. Através de sua narrativa, o narrador, Piotr Petróvitch, ao se recordar de um acontecimento de sua pré-adolescência, se propõe a apresentar ao leitor a história do raznotchínets Babúrin. No entanto, a contraposição que implicitamente acaba por se estabelecer entre ambos, na novela, traz à tona a revelação do próprio narrador, Piotr Petróvitch, como um “homem supérfluo”. Dessa forma, como procurei mostrar, a narrativa sobre o outro acaba se tornando também uma narrativa sobre si mesmo, que coloca o narrador como, de fato, a personagem principal da obra.

Como a datação dos capítulos remete a acontecimentos históricos da época em que tem lugar a ação, o segundo capítulo foi dedicado a uma discussão acerca da questão do realismo na obra do autor, que inicia sua carreira literária como prosador ao se aproximar dos integrantes da chamada Escola Natural, que colocava como exigência

aos escritores a representação da realidade “como ela é”. Por procurar representar a sociedade russa em suas diversas esferas de forma objetiva e evidenciar questões políticas e sociais mais prementes, Turguêniev foi frequentemente apontado como um “cronista de sua época”. No entanto, teóricos como Marina Ledkovskaia-Astman e Elizabeth Allen associam sua obra não apenas à literatura de cunho realista, mas também a outras correntes literárias. Esta última, por exemplo, procura dissociar o escritor do chamado “realismo puro”, ligado ao senso de comunidade rural e familiar, que em geral lhe é atribuído.

O estilo literário e narrativo empregado por Turguêniev na novela também recebeu especial atenção nesta pesquisa, não apenas por sua riqueza, mas também por sua importância na caracterização da figura do narrador, Piotr Petróvitch, como um homem supérfluo. Para refletir sobre sua linguagem poética e a figura do narrador, o ponto de vista de teóricos como Edmund Wilson, Mikhail Bakhtin e Norman Friedman foram de importância fundamental. Também recebeu destaque o modo como o autor russo costuma estruturar as suas narrativas, num modelo que tende a ser constante, como expõe o teórico Anthony Briggs, com elementos que são frequentes nela, como a questão da dualidade, a referência a filósofos, além da recorrência a Púchkin, como examina o estudioso Vladimir Gromov.

Por fim, a conclusão procura apresentar a recepção da obra à época de sua publicação e destacar elementos autobiográficos presentes na narrativa. Como Turguêniev sempre declarou que para criar as suas personagens ele precisava se apoiar em protótipos existentes na realidade, este foi mais um elemento abordado neste trabalho, encerrando, assim, a proposta de entender o lugar e o significado tanto da figura do narrador quanto de Babúrin na novela, ao acompanhar o percurso de ambos na história, na obra e na vida de Turguêniev.

Parte I

2. Tradução

Púnin e Babúrin

Relato de Piotr Petróvitch B.

...Agora, que estou velho e doente – me ponho cada vez mais a pensar na morte, cada dia mais próxima; raramente penso no passado, raramente volto meu olhar interior para o que ficou para trás. Apenas de vez em quando – no inverno, sentado imóvel diante da lareira que arde; no verão, ao perambular a passos lentos pela alameda sombreada – me lembro dos anos passados, de acontecimentos, de pessoas: mas não é na época de maturidade da minha vida, nem na de juventude que meus pensamentos então se detêm. Eles me transportam ou para o início da infância ou para a pré-adolescência. Como agora: vejo-me na aldeia com minha avó severa e colérica – não tenho mais que doze anos – e duas criaturas vêm-me à imaginação...

Mas me porei a contar pela ordem e na sequência.

I

1830

O velho criado Filípitch entrou, como de costume na pontinha dos pés, com a gravata atada em forma de roseta, os lábios bem apertados “para não deixar cheiro” e o topete grisalho bem no meio da frente; entrou, fez uma reverência e entregou à minha avó, numa bandeja de ferro, uma carta enorme com um selo oficial. Vovó colocou os óculos e leu a carta...

– Ele está aqui? – perguntou ela.

– O que a senhora deseja? – proferiu Filípitch com timidez.

– Imbecil! Aquele que trouxe a carta está aqui?

– Tá aqui, Tá aqui... no escritório.

Vovó sacudiu o rosário de âmbar...

– Traga-o aqui... E você, meu senhor – dirigiu-se a mim –, fique quieto.

E eu nem me mexia em meu cantinho, no banco a mim atribuído.

Vovó me tratava com mãos de ferro!

Uns cinco minutos depois, entrou no aposento um homem de uns trinta e cinco anos, de cabelos pretos, moreno, de bochechas largas e bexiguntas, nariz adunco e sobrancelhas grossas, sob as quais os olhos pequenos e cinzentos espiavam triste e calmamente. A cor desses olhos e a sua expressão não correspondiam com a feição oriental do restante do rosto. O homem que entrara vestia uma sobrecasaca solene de abas longas. Ele se deteve junto à porta e fez uma reverência – apenas com a cabeça.

– Seu sobrenome é Babúrin? – perguntou vovó e no mesmo instante acrescentou para si mesma: – *Il a l'air d'un arménien*.¹

– Exatamente, minha senhora – respondeu este com uma voz surda e regular. À primeira palavra de minha avó: “seu” – suas sobrancelhas estremeceram ligeiramente. Será que estava esperando que ela fosse tratá-lo por “senhor”, dizer a ele: o senhor?

– Você é russo? Ortodoxo?

– Exatamente, minha senhora.

Vovó tirou os óculos e lançou para Babúrin um olhar vagaroso da cabeça aos pés. Ele não baixou o olhar e apenas pôs as mãos atrás das costas. A mim, pessoalmente, o

¹“Ele parece armênio”. Em francês no original.

que interessava mais que tudo era a sua barba: ela estava muito bem escanhoada, mas bochechas e queixo azuis assim eu nunca tinha visto!

– Iakov Petróvitch – começou vovó – o recomenda muito em sua carta, como homem “sóbrio” e trabalhador; no entanto, por que então você o deixou?

– Ele, senhora, precisa de pessoas de outro tipo em sua propriedade.

– Outro... tipo? Está aí algo que não compreendo. – Vovó tornou a sacudir o rosário. – Iakov Petróvitch escreveu-me que você tem duas peculiaridades. Que peculiaridades?

Babúrin deu ligeiramente de ombros.

– Não tenho como saber o que ele quis dizer com peculiaridade. A não ser que eu... não admito castigos físicos.

Vovó se admirou.

– Será possível que Iakov Petróvitch quis castigá-lo?

O rosto escuro de Babúrin ficou rubro até a raiz dos cabelos.

– Não me entenda mal, senhora. Eu tenho como regra não empregar castigos físicos... nos camponeses.

Vovó ficou ainda mais admirada do que antes e chegou a levantar as mãos.

– Ah! – proferiu ela por fim e, inclinando a cabeça um pouco de lado, tornou a examinar Babúrin com atenção. – Essa é a sua regra? Bem, isso para mim não faz a menor diferença; não é para administrador que o estou designando, mas a empregado de escritório, escrivão. Como é a sua caligrafia?

– Eu escrevo bem, minha senhora, sem erros ortográficos.

– Para mim isso também não faz diferença. Para mim, o mais importante é que seja legível, e sem essas letras maiúsculas novas, com perninhas, que eu não gosto. E

qual é a sua outra peculiaridade?

Babúrin deu uma titubeada, tossiu...

– Pode ser... que o senhor proprietário tenha aludido ao fato de que não sou sozinho.

– É casado?

– De forma alguma, minha senhora... mas...

Vovó ficou carrancuda.

– Vive comigo uma pessoa... do sexo masculino... um companheiro, um homem miserável, do qual não me separo... já tem, veja só, dez anos.

– Ele é seu parente?

– Não, minha senhora, não é parente, é um companheiro. Nenhum incômodo poderá acontecer na propriedade por sua causa – apressou-se em acrescentar Babúrin, como que antecipando uma objeção. – Ele vive da minha comida, ocupa o mesmo quarto que eu; também pode ser útil, pois é alfabetizado, fala sem adulação, com perfeição e a moral é exemplar.

Vovó ouvia Babúrin mexendo os lábios e murmurando.

– Ele é sustentado por você?

– Por mim, minha senhora.

– Você o mantém por caridade?

– Por justiça... já que um homem pobre tem a obrigação de ajudar outro pobre.

– Ora essa! É a primeira vez que ouço isso. Até agora eu acreditava que isso era antes uma obrigação de pessoas ricas.

– Para os ricos, permito-me dizer, isso é um passatempo... mas para a nossa gente...

– Bem, basta, basta, está bem – interrompeu-o vovó e, pensando um pouco, falou

pelo nariz, o que sempre era um mau sinal: – E que idade tem ele, o seu parasita?

– A minha idade, minha senhora.

– A sua? Eu suponha que fosse seu pupilo.

– De modo algum, senhora; ele é meu companheiro e além disso...

– Basta – interrompeu-o vovó pela segunda vez. – Nesse caso, você é um filantropo. Iakov Petróvitch está certo: na sua posição, essa é uma grande peculiaridade. E agora vamos falar de trabalho. Vou lhe explicar quais serão as suas tarefas. E ainda a propósito do ordenado... – *Que faites vous ici?*² – acrescentou vovó de repente, voltando para mim seu rosto seco e amarelo. – *Allez étudier votre devoir de mythologie.*³

Levantei de um salto, me aproximei da mão de vovó e saí, não para estudar mitologia, mas simplesmente para o jardim.

O jardim da propriedade de vovó era muito antigo e grande e ia terminar de um lado numa represa de água corrente, em que havia não apenas peixes-dourados e gobios, mas se pegava até mesmo salvelinus, os famosos salvelinus, que hoje em dia quase desapareceram em toda parte. À cabeceira dessa represa havia um espesso arbusto de salgueiro encravado; mais acima, em ambos os lados da encosta, haviam densas moitas de aveleira, sabugueiro, madressilva, abrunheiro, debaixo germinavam urzes e levísticos. Só aqui e acolá entre as moitas apareciam minúsculas clareiras com uma erva fina, verde-esmeralda, sedosa, em meio à qual emergiam cogumelos atarracados que se espalhavam alegremente com seus chapeuzinhos rosas, lilases e cor de palha, e bolinhas

²“O que está fazendo aqui?” Em francês no original.

³“Vá estudar seu dever de mitologia” Em francês no original.

douradas de “cegueiras noturnas”⁴ acendiam em manchas luminosas. Aqui, na primavera, se ouve rouxinóis cantando, tordos assobiando, cucos cuculando; no verão aqui mesmo no calor era fresco, e eu adorava embrenhar-me nesse fundo de jardim e no matagal, onde eu tinha meus lugarejos secretos favoritos, conhecidos – pelo menos era o que eu imaginava! – apenas por mim. Ao sair do gabinete da vovó, fui direto para um desses lugarejos que eu apelidara de “Suíça”. Mas qual não foi minha surpresa quando, sem ter ainda alcançado a “Suíça”, por entre um denso emaranhado de juncos úmidos e ramos verdes, vi que alguém além de mim a havia descoberto! Uma figura longa, longuíssima, num balakhon⁵ de frisa amarela e kartuz⁶ alto estava bem no meu lugarejo predileto! Aproximei-me sorrateiro e avistei um rosto, que me era completamente desconhecido, também longo, fino, com olhinhos pequenos avermelhados e nariz engraçado: espichado como uma vagem, ele parecia pender sobre os lábios grossos; e esses lábios, de vez em quando tremiam e ficavam arredondados, soltavam um assobio agudo, em meio ao qual os dedos longos das mãos ossudas, colocadas uma contra à outra no alto do peito, com agilidade punham-se em movimento circular. De tempos em tempos o movimento das mãos cessava, os lábios paravam de assobiar e tremer, a cabeça se inclinava para frente como se prestasse atenção. Aproximei-me ainda mais, olhei com mais atenção... O desconhecido segurava uma pequena xícara rasa em cada mão, semelhante àquelas que provocam os canários e os fazem cantar. Um galho estalou-me sob os pés; o desconhecido se sobressaltou, voltou seus olhinhos cegos para a mata e quase recuou... mas deu de encontro com uma árvore, deixou escapar um ai e parou.

Saí para a clareira. O desconhecido sorriu.

⁴Nome popular da *Ranunculus acris*, uma espécie de planta com flor amarela.

⁵Espécie de casacão que os camponeses russos usavam.

⁶Espécie de quepe ou boné.

– Bom dia – disse eu.

– Bom dia, senhorzinho!

Não me agradou que tenha me chamado de senhorzinho. Que intimidade!

– O que o senhor faz aqui? – perguntei com severidade.

– Pois veja o senhor – respondeu-me ele sem parar de sorrir. Estou chamando os passarinhos para cantar. – Ele mostrou suas xícaras. – Os tentilhões respondem muito bem! O senhor, por sua pouca idade, sem dúvida precisa escutar o canto das aves! Queira escutar: vou me pôr a gorjear, e eles vão me seguir no mesmo instante, que coisa agradável!

Ele começou a esfregar suas xícaras. De fato, um tentilhão respondeu numa sorveira próxima. O desconhecido se pôs a rir baixinho e me deu uma piscadela.

Essa risada e essa piscadela – cada movimento do desconhecido, a voz fraca e sibilante, os joelhos arqueados, as mãos magrelas, e mesmo seu kartuz e o balakhon longo – tudo nele inspirava bondade, algo inocente e divertido.

– O senhor vem sempre aqui? – perguntei eu.

– Só hoje.

– Não seria o senhor aquele que...

– O senhor Babúrin falou com a patroa? Esse mesmo, esse mesmo.

– Seu amigo se chama Babúrin, e o senhor?

– Me chamo Púnin. Púnin é meu sobrenome; Púnin. Ele é Babúrin e eu sou Púnin. – Ele pôs a zumbir as xícaras novamente. – Escute, escute o tentilhão... como canta!

De repente fiquei gostando “terrivelmente” desse esquisitão. Como quase todo menino, ou me acanhava com estranhos, ou me empertigava, mas esse era como se eu o

conhecesse há séculos.

– Venha comigo – disse-lhe eu –, conheço um lugarejo ainda melhor que este; lá tem um banco: nós podemos sentar e de lá se vê a represa.

– Pois bem, vamos – respondeu meu novo amigo meio cantado. Deixei-o passar na frente. No caminho, ele ia de um lado para o outro, tropeçava nos próprios pés e atirava a cabeça para trás.

Reparei que atrás do seu balakhon, embaixo da gola, uma pequena borla balançava.

– O que é isso que o senhor tem pendurado aí? – perguntei eu.

– Onde? – replicou ele de volta e apalpou a borla com a mão. – Ah! Essa borla? Deixe aí! Pois está pregada para enfeitar. Não incomoda.

Eu o conduzi até o banco e sentei-me; ele se instalou ao lado.

– Aqui é bom! – proferiu ele e deu um suspiro bem profundo. – Oh, boníssimo! O senhor tem um jardim magnífico! Oh, oh, oh!

Olhei para ele de lado.

– Que kartuz o senhor tem! – exclamei sem querer. – Vamos, mostre!

– Como quiser, senhorzinho, como quiser. – Ele tirou o kartuz; ia estender a mão, mas ergui os olhos e então cai na risada. Púnin era completamente careca; não se via nem um único fiozinho de cabelo no topo de sua cabeça, coberta de uma pele lisa e branca.

Ele passou a mão nela e também começou a rir. Quando ria, engasgava, escancarava a boca e fechava os olhos – e na testa formavam-se rugas de baixo para cima em três fileiras, como ondas.

– E então? – disse ele afinal. – Não é verdade que é um verdadeiro ovo?

– Um ovo, um verdadeiro ovo! – arrastei eu com admiração. – Faz tempo que o senhor é assim?

– Faz tempo; e que cabelos tinha! – um velo de ouro, semelhante àquele atrás do qual os argonautas navegaram por sorvedouros marítimos.⁷

Embora tivesse apenas doze anos, eu sabia quem eram os argonautas, graças às minhas lições de mitologia; tanto mais me surpreendi ouvindo essa palavra dos lábios de um homem vestido quase de farrapos.

– Mas então o senhor estudou mitologia? – perguntei eu, revirando nas mãos o kartuz, que era de algodão, com uma faixa de pele puída e uma pala de papelão rasgada.

– Estudei esse tema, meu caro e pequeno senhorzinho; em minha vida tive de tudo o suficiente! Mas agora devolva minha coberta, pois ela protege a nudez da minha cabeça.

Ele enterrou o kartuz na cabeça e, franzindo o sobrolho esbranquiçado, perguntou-me: quem era eu, precisamente, como e quem eram meus pais?

– Sou neto da proprietária daqui – respondi eu. – Sou o único que ela tem. Papai e mamãe morreram.

Púnin benzeu-se.

– Que Deus os tenha! Nesse caso então é órfão; e herdeiro. O sangue nobre agora é evidente; e assim corre pelos olhinhos, e assim brinca... sh... sh... sh... sh... – Ele mostrou com os dedos como brinca o sangue. – Bem, mas não saberia, vossa alteza, se meu amigo entendeu-se com sua avó, se conseguiu a ocupação que lhe prometeram?

– Isso eu não sei.

Púnin soltou um grasnido.

⁷Na mitologia grega, os argonautas eram tripulantes da nau Argo, que saía em busca do Velo de Ouro, a lã do carneiro alado Crisómalo. O velo foi conquistado pelo herói Jasão e o carneiro foi transformado na constelação de Áries no céu.

– Eh! Se ele se instalar aqui! Ainda que por um tempo! Mas aquele vagueia, vagueia, não encontra refúgio, as inquietações da vida não cessam, a alma se aflige...

– Diga-me – interrompi eu –, o senhor é do clero?

Púnin virou-se para mim e apertou os olhos.

– E qual é o motivo dessa pergunta, meu caro adolescente?

– O senhor fala do jeito que recitam na igreja.

– Os dizeres eslavos que usei? Mas isso não deve surpreender o senhor. Suponhamos que numa conversa comum dizeres semelhantes nem sempre sejam oportunos; mas apenas quando se infla o espírito, como agora, e o estilo se torna elevado. Certamente o seu mestre, o professor de literatura russa – pois a lecionam ao senhor? –, então certamente ele lhe explicou isso, não?

– Não, não explicou – respondi. – Não tenho mestres quando estamos morando na aldeia. Em Moscou tenho muitos mestres.

– E por quanto tempo o senhor se digna a morar na aldeia?

– Uns dois meses, não mais; vovó diz que fico mimado quando estou na aldeia.

Tem uma governanta aqui comigo.

– Franciesca?

– Francesa.

Púnin coçou atrás da orelha.

– Ou seja, uma mademosele.

– Sim; ela se chama mademoiselle Friquet – De repente, pareceu-me vergonhoso que eu, um garoto de doze anos, não tivesse um preceptor, mas uma governanta, justamente uma garota! – Mas eu não a escuto – acrescentei eu com desdém. – Eu não!

Púnin meneou a cabeça.

– Oh, nobrezinho, nobrezinho! Da estrangeirinha gostando o senhor ficou! Daquilo que é russo o senhor se afastou, ao alheio se inclinou, ao forasteiro se voltou...

– O que é isso? O senhor fala em versos? – perguntei.

– E o que o senhor acha? Eu posso sempre, o quanto quiser; porque isso é natural para mim...

Mas neste mesmo instante um assobio forte e agudo ressoou no jardim atrás de nós. Meu interlocutor levantou-se do banco com presteza.

– Perdoe-me, senhorzinho; isso é o meu amigo que me chama, procura por mim... O que ele tem para me dizer? Perdoe-me, queira desculpar...

Ele esgueirou-se pelos arbustos e desapareceu; e eu ainda permaneci sentado no banquinho. Sentia-me atônito e com alguma outra sensação agradável de satisfação... jamais havia encontrado e nem falado com uma pessoa assim. Pouco a pouco fui me entregando a devaneios... mas lembrei-me da mitologia e me arrastei para casa.

Em casa fiquei sabendo que vovó havia se entendido com Babúrin: fora-lhe concedido um pequeno quarto na isbá dos criados, no pátio do estábulo. Ele instalou-se ali imediatamente com seu amigo.

Na manhã seguinte, após terminar de tomar o chá e, sem pedir a permissão de mademoiselle Friquet, dirigi-me à isbá dos criados. Queria tornar a conversar com o esquisitão de ontem. Sem bater na porta – esse não era e nunca fora um hábito entre nós –, entrei direto no quarto. Nele encontrei não aquele a quem procurava, não Púnin, mas seu protetor – o filantropo Babúrin. Ele estava de pé diante da janela, sem o sobretudo,

as pernas bem afastadas, e com cuidado enxugava a cabeça e o pescoço comprido com uma toalha.

– O que deseja? – proferiu ele sem baixar as mãos e franzindo o cenho.

– Púnin não está em casa? – perguntei de maneira bem desembaraçada e sem tirar o gorro.

– O senhor Nikandr Vavíltch Púnin, neste minuto precisamente, não está em casa – respondeu Babúrin, sem se apressar – mas permita-me dizer, meu jovem: será que é decente entrar assim, sem perguntar, no quarto dos outros?

Eu!.. meu jovem!.. como ele ousa!.. Fique rubro de ira.

– O senhor provavelmente não me conhece – articulei já não sem cerimônia, mas com arrogância –, eu sou o neto da patroa daqui.

– Isso não faz diferença para mim – objetou Babúrin, pondo-se a usar a toalha de novamente. – Mesmo o senhor sendo o neto da patroa, não tem o direito de entrar no quarto dos outros.

– Como ele é dos outros? Como assim?! Estou em casa aqui, ou onde estiver.

– Não, desculpe-me, aqui quem está em casa sou eu; porque este quarto me foi destinado como condição do meu trabalho.

– Não queira me ensinar, por favor – eu o interrompi –, sei melhor do que o senhor que...

– É preciso que o senhor aprenda – interrompeu-me ele, por seu turno –, porque o senhor acha-se em idade para isso... Conheço as minhas obrigações, mas também conheço muito bem os meus direitos, e se o senhor continuar a conversar dessa maneira comigo, então devo pedir-lhe que se retire daqui...

Não se sabe como terminaria nossa discussão se, nesse minuto, Púnin não tivesse

entrado correndo e se balançando. Ele provavelmente adivinhara, pela expressão de nossos rostos, que entre nós se passava algo desagradável e, no mesmo instante, dirigiu para mim as mais afáveis manifestações de alegria.

– Ah, senhorzinho, senhorzinho! – exclamou, agitando as mãos ao acaso e caindo em seu riso silencioso – Querido! Veio me visitar! Você veio, querido! (“O que é isso? – pensei eu. – Então ele de fato disse “você” para mim?”) Anda, vamos, vamos comigo para o jardim. Eu achei aqui uma coisa... Para que ficar nesse calor sufocante? Vamos.

Eu acompanhei Púnin, entretanto, na soleira da porta, considerei necessário virar-me e lançar um olhar provocador a Babúrin. Como se dissesse “eu não tenho medo de você”!

Ele respondeu da mesma maneira e até bufou na toalha – é provável que tenha feito isso para que eu sentisse direitinho até que ponto ele me desprezava!

– Que insolente o seu companheiro! – disse eu a Púnin assim que a porta se fechou atrás de mim.

Púnin voltou seu rosto rechonchudo para mim quase assustado.

– De quem o senhor fala dessa forma? – perguntou ele arregalando os olhos.

– Mas, é claro, dele... como o senhor o chama? Desse... Babúrin.

– De Paramon Semiónovitch?

– Isso mesmo; é desse... moreno.

– Ora... ora... ora!.. – proferiu Púnin em tom de reproche afável. – Como o senhor pode falar desse jeito, senhorzinho, senhorzinho! Paramon é um homem respeitável, de regras rígidas, extraordinário! Mas, é claro – ele não se dá por vencido – porque conhece o seu valor. Esse homem possui um grande conhecimento – e não é um

lugar como esse que ele deveria ocupar! Ele, meu querido, é preciso tratar com cortesia, pois ele... – aqui Púnin inclinou-se até meu ouvido – é republicano!

Cravei os olhos em Púnin. Por essa eu não esperava. Eu havia lido no manual de Kaidánov,⁸ e em outras obras de história, que existiram nos tempos da Antiguidade os republicanos, os gregos e os romanos, e por alguma razão até imaginava-os todos de capacetes, escudos redondos nas mãos e grandes pés descalços; mas que de fato, nos dias de hoje, sobretudo na Rússia, na província de ...a, se podia encontrar republicanos – isto derrubava todos os meus conceitos, confundia-os completamente!

– Sim, meu querido, sim; Paramon Semiónitch⁹ é republicano – repetiu Púnin –; pois daqui em diante o senhor sabe como opinar sobre tal homem! E agora vamos para o jardim. Imagine o que eu encontrei lá! Um ovo de cuco no ninho de um rabirruivo! Que maravilha!

Dirigi-me com Púnin ao jardim; mas tinha sempre no pensamento: republicano! Re... pu... blicano!

“Ora, ora – resolvi eu por fim – ele tem uma barba tão azul!”

Minhas atitudes com essas duas personalidades – Púnin e Babúrin – se determinaram definitivamente a partir deste dia. Babúrin suscitava em mim um sentimento hostil, com o qual, no entanto, dentre em pouco misturou-se com algo parecido com respeito. E como eu o temia! Não deixei de temê-lo mesmo quando sua severidade rude de antes havia sumido em seu tratamento comigo. Não é preciso dizer

⁸Ivan Kuzmitch Kaidanov (1782 - 1843), educador russo, autor de livros de história.

⁹Corruptela do patronímico Semiónovitch.

que eu não temia a Púnin; até o desrespeitava, eu o considerava – falando sem rodeios – um tolo; mas o amava de todo o coração! Passar horas inteiras em sua companhia, ficar a sós com ele, escutar suas histórias – era um verdadeiro deleite para mim. Vovó não gostava nem um pouco dessa “intimité”¹⁰ com uma pessoa “simplória” – “du commun”;¹¹ mas era só eu conseguir escapar que corria imediatamente para o meu divertido, querido e estranho amigo. Nossos encontros tornaram-se frequentes, sobretudo após o afastamento de mademoiselle Friquet, a quem vovó mandou de volta a Moscou como castigo por ter inventado de ir se queixar do tédio que reinava em nossa casa a um capitão de equipe do exército que estava de passagem. E Púnin, por seu lado, não se incomodava com as conversas prolongadas com um menino de doze anos; ele como que as procurava. Quantas histórias suas ouvi, sentado com ele à sombra perfumada, na relva seca e lisa, sob o resguardo do álamo prateado ou nos juncos atrás da represa, na areia grossa e meio úmida que se desprendia da beira, de onde se sobressaíam e entrelaçavam raízes nodosas como grandes veias negras, como serpentes, como que provenientes de um reino subterrâneo! Púnin contou-me em detalhes sua vida, todos os seus acontecimentos felizes e infelizes, com os quais eu sempre tão sinceramente me solidarizava! Seu pai era diácono; “era um homem admirável – entretanto, sob a embriaguez, severo até a inconsciência”.

O próprio Púnin estudara em um seminário; mas, por não suportar os “flagelos” e não sentir inclinação para o clero, tornou-se leigo, em consequência disso adveio-lhe todo um calvário e finalmente virou um vagabundo. “Não teria me encontrado com o meu benfeitor Paramon Semiónitch – acrescentou Púnin como de costume (ele não chamava Babúrin de outra forma) –, e teria me atolado em um pântano de vícios,

¹⁰“Intimidade”. Em francês no original.

¹¹“Comum”. Em francês no original.

vergonha e desgraça!” Púnin amava expressões elevadas e tinha forte pretensão, se não para a mentira, à invenção e ao exagero; tudo o deixava admirado, encantava-se com tudo... E eu, imitando-o, também me punha a exagerar e me encantar. “Mas você ficou tão endemoniado – se benza, ora essa” –, costumava dizer-me minha velha ama-seca. As histórias de Púnin me interessavam muito; mas mais ainda do que suas histórias, eu amava as leituras que ele fazia comigo. É impossível transmitir a sensação que experimentava quando, achando um momento oportuno, como que um ermitão fantástico ou um espírito bondoso, ele de repente surgia na minha frente com um livro pesado debaixo do braço e, acenando às furtadelas com os dedos longos e tortos e piscando misteriosamente, apontava com a cabeça, as sobrancelhas, os ombros e todo o corpo para o fundo e os confins do jardim, onde ninguém poderia se infiltrar atrás de nós e onde era impossível nos encontrar! E assim conseguimos escapar despercebidos; então com êxito atingimos um dos nossos lugarejos secretos; e já sentávamos juntos, e o livro já se abria devagar, exalando um forte odor de mofo e velho que para mim, naquela época, era indescritivelmente agradável! Com tal estremecimento, com tal espera de agitação silenciosa, eu olhava para o rosto, os lábios de Púnin – esses lábios dos quais dentro de um instante verteria uma fala doce! Por fim ressoariam os primeiros sons da leitura! Tudo ao redor desaparecia... não, não desaparecia, mas se distanciava, cobria-se de névoa, deixando atrás de si apenas uma impressão de algo amigável e protetor! Essas árvores, essas folhas verdes, essas relvas altas nos acolhiam, protegiam de todo o resto do mundo; ninguém sabia onde estávamos, que, com nossa poesia, que nós penetrávamos e nos inebriava, algo grande, secreto e importante acontecia conosco... Púnin detinha-se de preferência aos versos – os versos sonoros e estrondosos; ele estava pronto para dar a própria alma por eles! Ele não lia, ele gritava, com uma

solenidade altissonante, vibrante, anasalada, como um ébrio, como um frenético, como Pítia!¹² E este era mais um costume dele: primeiro zumbia os versos baixo, à meia voz, como se murmurasse... A isso ele chamava de ler em rascunho; depois passava a limpo esses mesmos versos já retumbante e de repente erguia-se de um salto, levantava a mão – seja em súplica, ou em tom imperativo... Desse modo nós passávamos não apenas por Lomonóssov, Sumarókov e Kantemir¹³ (quanto mais velho fossem os versos, mais eram do agrado de Púnin), mas até mesmo pela “Russíada” de Kheráskov!¹⁴ E, para dizer a verdade, ela, essa mesma “Russíada”, me encantava em especial. Havia ali, entre outros, uma tártara valente, uma heroína gigante; agora me esqueci de seu nome, mas naquele tempo eu ficava com as mãos e os pés gelados assim que ele era mencionado! “Sim – acontecia de Púnin dizer acenando expressivamente com a cabeça –, Kheráskov – aquele não perdoava ninguém. Por vezes lança um versinho assim, que simplesmente machuca... Apenas resista!.. Você deseja compreendê-lo, mas veja só, lá está ele! E soa, soa como um címbalo! Por isso lhe foi dado o nome! Uma palavra: Kherráskov!!!” Púnin acusava Lomonóssov de ter um estilo demasiado livre e simples, e a Derjávin¹⁵ se referia quase com animosidade, dizia que ele era mais cortesão do que poeta.¹⁶ Em nossa casa não apenas não se dava nenhuma importância à literatura, à poesia, mas até consideravam-se os versos, sobretudo os versos russos, como algo completamente indecente e vulgar; vovó nem mesmo os chamava de versos, mas de “cantos”;¹⁷ todo

¹²Sacerdotisa de Apolo no oráculo de Delfos, na Grécia Antiga.

¹³Mikhail Lomonóssov (1711 - 1765), poeta, cientista e polímata russo. Em 1755 fundou a primeira universidade russa, que hoje leva seu nome, a Universidade Estatal de Moscou. Aleksandr Sumarókov (1717 - 1777), poeta, escritor e dramaturgo russo. Antiokh Kantemir (1708 - 1744), poeta e diplomata russo de origem moldávia.

¹⁴Mikhail Kheráskov (1733 - 1807), poeta, escritor e dramaturgo russo. *Russíada*, o primeiro poema épico russo na tradição de Homero e Virgílio, retrata a tomada de Kazan em 1552 por Ivan, o Terrível.

¹⁵Gavrila Derjávin (1743 - 1816), poeta russo que também ocupou diversos cargos políticos. Algumas de suas odes foram dedicadas à Catarina, a Grande, e outros cortesãos.

¹⁶O personagem utiliza a palavra *piita*, antiga denominação para poeta, atualmente possui sentido pejorativo ou irônico.

¹⁷O termo utilizado (*kanty*) designa um tipo de arte musical e poética desde meados do XVII ao século XVIII. Eram cantos líricos, populares, panegíricos e espirituais. Lomonóssov e Sumarókov estão entre os

autor de cantos era, em sua opinião, ou um beberrão, ou um tolo completo. Educado sob tal compreensão, eu inevitavelmente deveria ou me afastar de Púnin com repulsa – e ele vinha tão desmazelado e desleixado, que chegava a ofender meus hábitos de fidalgo –, ou então me deixar entusiasmar e cativar por ele, seguir seu exemplo, contagiar-me com sua paixão pelos versos... E assim aconteceu. Eu também comecei a ler versos ou, como vovó dizia, entoar cantos... até tentei escrever alguma coisa, precisamente a descrição de um realejo da qual ficaram os dois versinhos seguintes:

Eis o grande veio a girar

E os dentes a estalar

Púnin aprovou nessa descrição algo de onomatopeico, mas censurou o tema em si como sendo baixo e indigno do tinido da lira.

Que pena! Todas essas tentativas e agitações, nossas leituras solitárias, nossa vida a dois, nossa poesia – tudo acabou de uma vez. Como um trovão, de súbito uma desgraça se abateu sobre nós.

Vovó gostava de ordem e limpeza em tudo, sem tirar nem pôr dos generais daquela época; e nosso jardim deveria ser mantido em ordem e limpeza. Por isso, de tempos em tempos, nele “juntava” de mujiques sem terra nem família, servos dispensados ou que caíram em desgraça – e eles eram obrigados a limpar o caminho, carpir os canteiros, peneirar e afofar a terra sob as flores etc. Então certa vez, na

nomes famosos que compuseram nesse gênero.

barafunda justamente da condução disso, vovó dirigiu-se ao jardim e prendeu-me com ela. Por toda a parte, em meio às árvores, pelos prados, surgiram camisas brancas, vermelhas e cinzas; por toda a parte ouviam-se rangidos e tinidos de pás raspando, baques surdos de torrões de terras em peneiras inclinadas. Passando em frente aos trabalhadores, vovó imediatamente notou com seus olhos de águia que um deles empenhava-se menos do que o restante e que tirara o gorro como que a contragosto. Esse era um rapaz ainda muito jovem, de rosto macilento e olhos fundos e baços. O kaftan de nanquim,¹⁸ todo rasgado e remendado, mal parava em seus ombros estreitos.

– Quem é esse? – perguntou vovó a Filípitch, que ia atrás dela na ponta dos pés.

– De quem... a senhora... perdoe-me... – balbuciou Filípitch.

– Oh, imbecil! Estou falando desse que olha para mim como um lobo. De pé ali – não está trabalhando.

– Esse, senhora! Sim, senhora... E... e... esse é Ermil, o filho do finado Pável Afanássiev.

Esse Pável Afanássiev havia sido mordomo de vovó há dez anos e a servia com extraordinária disposição; mas de repente caiu em desgraça, assim de repente virou vaqueiro, mas não se manteve, caiu mais, aos trambolhões, por fim foi parar numa isbá sem chaminé numa aldeia longínqua com um pud¹⁹ de farinha por mês e morreu de paralisia, deixando a família em extrema pobreza.

– Ah, ha! – proferiu vovó – A maçã, como se vê, não cai longe do pé. Bem, é necessário tomar uma providência com ele. Não preciso de gente assim que olha de soslaio.

Vovó voltou para casa e tomou uma providência. Três horas depois levaram Ermil, totalmente “equipado”, para debaixo da janela do gabinete dela. O menino

¹⁸Tecido de algodão amarelo-ocre proveniente da China.

¹⁹Antiga unidade de medida equivalente a 16,3 kg.

miserável foi mandado para o exílio, do outro lado da cerca; a alguns passos dele, avistava-se um carrinho de camponês, cheio de seus trastes miseráveis. Assim eram aqueles tempos! Ermil permanecia de pé sem o gorro, de cabeça baixa, descalço, com as botas atadas por um barbante jogadas atrás das costas; seu rosto, voltado em direção à casa senhorial, não expressava nem desespero, nem mágoa, nem mesmo surpresa; um sorriso apático congelou-se nos lábios descorados; os olhos, secos e estreitos, olhavam fixamente para o chão. Anunciaram-no à vovó. Ela se levantou do sofá, aproximou-se da janela do gabinete farfalhando um pouco o vestido de seda e, encostando o lornhão duplo de ouro no intercílio, olhou para o novo degredado. No gabinete, além dela, naquele momento encontravam-se quatro pessoas: o mordomo, Babúrin, um moleque da faxina e eu.

Vovó balançou a cabeça de cima a baixo...

– Senhora – ouviu-se de repente uma voz rouca, quase abafada. Olhei em volta. O rosto de Babúrin ruborizara... ruborizara até a escuridão; sob o cenho carregado surgiram pequenos pontinhos finos e brilhantes... Não havia dúvida: foi ele, foi Babúrin que pronunciou a palavra: “Senhora!”

Vovó também olhou em volta e transferiu seu lornhão de Ermil para Babúrin.

– Quem aqui... está falando? – pronunciou ela lentamente... pelo nariz. Babúrin avançou um pouquinho para frente.

– Senhora – começou ele –, fui eu que... atrevi-me. Suponho... Permito-me informar-lhe que a senhora em vão digna-se a agir assim... como a senhora agora se digna a agir.

– Como é? – reiterou vovó com a mesma voz e sem afastar o lornhão.

– Tenho a honra... – prosseguiu Babúrin com clareza, ainda que articulando cada

palavra com esforço evidente – Explico-me acerca deste rapaz que está sendo enviado ao exílio... sem qualquer culpa de sua parte. Tais disposições, ousou informar, trarão apenas descontentamentos... e outras – que Deus nos guarde! – consequências ruins –, que nada mais são do que o abuso do poder dado aos proprietários de terras.

– Você... estudou onde? – perguntou vovó após um certo silêncio e baixando o lornhão.

Babúrin se surpreendeu.

– O que deseja, senhora? – murmurou ele.

– Estou perguntando: onde você estudou? Você usa essas palavras complicadas.

– Eu... a minha educação... – fez menção de começar Babúrin.

Vovó deu de ombros com desprezo.

– Pois então – interrompeu ela –, as minhas disposições não te agradam. Isso pouco me importa –, tenho poder sobre meus súditos e não respondo a ninguém sobre eles –, só não estou acostumada que raciocinem em minha presença e nem que se intrometam em meus assuntos. Não preciso de sábios filantropos raznotchínets;²⁰ preciso de criados submissos. Assim como tenho vivido antes de você, também viverei depois de você. Você não me serve: está demitido. Nikolai Antonov – dirigiu-se vovó ao mordomo –, acerte as contas com este homem; porque hoje mesmo no almoço ele não estará mais aqui. Ouviu? Não me incite à ira. E aquele outro também... mande o tolo parasita com ele. – O que Ermilka²¹ está esperando? – acrescentou ela, novamente lançando um olhar pela janela. – Eu o examinei. Bem, o que mais? – Vovó agitou o vestido em direção à janela, como se espantasse uma mosca importuna. Depois sentou-se na poltrona e, virando-se para nós, disse sombriamente: – Vão todas

²⁰Intelectuais que não pertenciam à nobreza na Rússia dos séculos XVIII e XIX.

²¹Diminutivo do nome Ermil.

as pessoas embora!

Todos nos retiramos – todos, exceto o moleque da faxina, a quem a fala de vovó não se referia, porque ele não era “uma pessoa”.

A ordem de vovó foi cumprida com precisão. No almoço, Babúrin e meu amigo Púnin haviam partido da propriedade. Não me proponho a descrever meu desgosto, meu sincero e verdadeiro desespero de criança. Ele era tão forte que até abafava aquele sentimento de respeitosa admiração que a demissão audaciosa do republicano Babúrin inspirou em mim. Depois da conversa com vovó, ele dirigiu-se imediatamente ao seu quarto e começou a fazer as malas. Não me concedeu nem uma palavra, nem um olhar, ainda que eu me remexesse o tempo todo perto dele, isto é, perto de Púnin, na verdade. Este ficara completamente desconcertado e também não falou nada, em compensação, olhava para mim sem cessar, e em seus olhos havia lágrimas... sempre aquelas mesmas lágrimas: não derramavam e não secavam. Ele não se atreveu a censurar seu “benfeitor”. Paramon Semiónitch não podia equivocar-se com nada, mas ele estava muito triste e abatido. Púnin e eu tentamos ler algo da *Russíada* em despedida; nós até nos trancamos com ela na despensa – era inútil pensar em ir ao jardim –, mas no primeiro verso nós dois hesitamos e me pus a chorar como um bezerro desmamado, a despeito dos meus doze anos e da pretensão de ser grande. Já sentado na carruagem, Babúrin por fim virou-se para mim e, suavizando um pouco seu rosto habitualmente severo, disse: “Uma lição para você, jovem senhor; lembre-se do acontecimento de hoje e, quando crescer, se esforce para pôr fim a tais injustiças. O senhor tem um coração bom, e o caráter por enquanto ainda é puro... Veja, tenha cuidado: pois assim não é possível!” Entre as lágrimas que corriam abundantemente pelo meu nariz, pelos lábios,

pelo queixo, balbuciei que iria... iria lembrar-me, que eu prometia... faria... sem falta...sem falta...

Mas nesse momento Púnin, a quem eu já tinha abraçado umas vinte vezes (minhas bochechas ardiam de roçar em sua barba por fazer e eu estava todo impregnado do seu cheiro) –, nesse momento Púnin caiu num repentino frenesi! Ele saltou do assento da carruagem, ergueu ambas as mãos para o alto e se pôs com voz retumbante (de onde ela apareceu!) a declamar a famosa releitura²² do salmo de Davi por Derjávín, desta vez poeta, e não cortesão:

Levante-se, Deus onipotente! Para julgar

Os deuses terrenos em sua congregação!..

Até quando o Senhor, diga, até quando o Senhor irá

Os injustos e perversos poupar...

O vosso dever é as leis preservar...

– Sente-se! – disse-lhe Babúrin.

Púnin se sentou, mas prosseguiu:

“O Vosso dever é salvar da desgraça os inocentes

Cobrir com o manto os infelizes

Defender dos fortes os impotentes...”

Púnin – junto com a palavra “fortes” – apontou com o dedo para a casa senhorial, e depois meteu-o nas costas do cocheiro sentado na boleia:

“Arrancar os pobres dos grilhões!

Eles não escutam! Não veem nem sabem...”

²²Trata-se do poema *Vlastiteliám i sudiiám* (*Aos soberanos e juizes*) escrito por Derjávín em 1780, baseado no Salmo 81.

Vindo correndo da casa senhorial, Nikolai Antónov se pôs a gritar a plenos pulmões ao cocheiro: “Vá! Paspalho! Vá, não perca tempo!” – e a carruagem começou a rodar. De longe ouvia-se ainda:

“Ressuscita, Deus, justo Deus!..

Venha, julgue, castigue os maliciosos

E seja o único rei na Terra!”

– Que palhaço! – observou Nikolai Antónov.

– Não o açoitaram o suficiente na juventude – acrescentou o diácono aparecendo no terraço de entrada. Ele viera para saber a que horas a patroa desejava estabelecer a vigília.²³

Neste mesmo dia, fiquei sabendo que Ermil ainda se achava na aldeia e que apenas na manhã seguinte se encaminharia cedo à cidade para realizar certas formalidades legais, que tinham por objetivo limitar a arbitrariedade dos proprietários de terra, mas serviam apenas como fonte de renda adicional para as autoridades –, neste mesmo dia o encontrei e, por falta de dinheiro próprio, entreguei-lhe uma trouxa em que embrulhei dois lenços de assoar, um par de sapatos cambaios, um pente, uma camisa velha de dormir e uma gravata de seda novinha em folha. Ermil, a quem me vi obrigado a despertar – ele estava deitado nos fundos do quintal, ao lado da telega, numa braçada de palha – Ermil, com bastante indiferença, não sem até certa hesitação, pegou meu presente, não me agradeceu, então afundou a cabeça na palha e tornou a

²³Culto da Igreja Ortodoxa realizado na véspera de domingo e de alguns feriados religiosos. Inclui os serviços Vespéral, Matinal e Primeira Hora. Antigamente iniciava-se à tarde e estendia-se por toda a noite até o amanhecer.

adormecer. Afastei-me dele um tanto decepcionado. Eu havia imaginado que ele ficaria maravilhado e se regozijaria com minha visita, veria nela uma promessa de minhas magnânimas intenções futuras – e em vez disso...

“Podem dizer o que for, essa gente é insensível” – pensei eu no caminho de volta.

Vovó, que por algum motivo me deixara em paz neste dia inesquecível para mim, lançou-me um olhar de desconfiança, quando fui despedir-me dela depois do jantar.

– Seus olhos estão vermelhos – observou-me ela em francês –, e o senhor cheira à isbá. Não vou entrar em julgamento de seus sentimentos e suas ocupações – eu não desejaria ser obrigada a punir-lhe –, mas espero que o senhor abandone todas as suas tolices e volte a se comportar, como convém a um menino nobre. Ademais, agora logo nós retornaremos a Moscou, e eu pegarei um preceptor para o senhor – tal como vejo, para dominá-lo, são necessárias mãos masculinas. Vá.

De fato, nós logo voltamos para Moscou.

II

1837

Passaram-se sete anos. Nós vivíamos em Moscou como antes – mas eu já era aluno do segundo ano da faculdade – e o poder da vovó, que se tornara visivelmente decrépito nos últimos anos, não pesava sobre mim. De todos os meus camaradas, eu ficara especialmente próximo de um tal de Tarkhov, um rapaz alegre e bondoso. Nossos hábitos, nossos gostos eram os mesmos. Tarkhov era um grande caçador de poesia e ele próprio fazia uns versinhos, também não havia desaparecido em mim o que Púnin semeara. Como é de praxe entre jovens que estreitam relações, não havia segredos de

um para o outro. Mas então, no decorrer de alguns dias, comecei a observar certa vivacidade e agitação em Tarkhov... Ele desaparecia por horas, e eu não sabia onde havia se metido, antes isso nunca lhe acontecia! Eu já estava começando a exigir dele, em nome da amizade, uma confissão completa... Ele mesmo se antecipou a mim.

Um dia eu estava sentado em seu quarto...

– Petia²⁴ – pôs-se a falar ele de repente, corando com alegria e olhando-me diretamente no rosto –, preciso apresentá-lo à minha Musa.

– À sua musa! Como você fala estranho! Um perfeito clássico! (O Romantismo, naquele tempo, no ano de 1837, encontrava-se em pleno auge.) Como se eu não conhecesse há muito tempo a sua musa! Você escreveu uma nova poesia, ou o quê?

– Você não está me entendendo – objetou Tarkhov continuando sempre a rir e corar. – Vou apresentá-lo a uma Musa viva.

– Ah! Então é isso! Mas por que ela é sua?

– Bem, é porque... Veja, espere, parece que ela está vindo para cá.

Ouviu-se um barulho suave de saltos rápidos – a porta se abriu – e na soleira surgiu uma moça de uns dezoito anos, usando um vestidinho de chita colorido, uma manta de feltro preta sobre os ombros, um chapéu de palha preto sobre os cabelos loiros e um pouco armados. Ao me ver ela se assustou e ficou envergonhada, e recuou... mas Tarkhov imediatamente saltou ao encontro dela.

– Por favor, por favor, Musa Pávlovna, entre: este é meu amigo íntimo, uma pessoa maravilhosa – manso e pacífico. Não tenha nenhum medo dele. Petia – dirigiu-se ele a mim –, apresento-lhe a minha Musa – Musa Pávlovna Vinográdov, meu bom amigo.

²⁴Diminutivo do nome Piotr.

Fiz uma reverência.

– Como assim... Musa? – eu já ia começar...

Tarkhov pôs-se a rir.

– Mas você não sabe que existe tal nome no calendário eclesiástico?²⁵ E eu, irmão, não sabia até encontrar-me com esta senhorinha encantadora. Musa! Que nome fascinante! E como ele lhe cai bem!

Inclinei-me pela segunda vez para a boa conhecida de meu amigo. Ela despreendeu-se da porta, deu dois passos e parou. Ela era muito atraente, mas eu não podia concordar com a opinião de Tarkhov e até pensei comigo mesmo: “Mas que musa é essa?”

Os traços de seu rosto rosado e arredondado eram finos e delicados; uma juventude fresca e viva ventilava de toda a sua figura esbelta e delicada; mas a musa, a personificação da musa eu, naquele tempo – sim, e não estava sozinho –, todos nós, os rapazotes, a representávamos de maneira completamente diversa! Antigamente toda musa precisava sem falta ser pálida e ter cabelos negros! Uma expressão de desdém e altivez, um sorriso sarcástico, um olhar inspirador – eis sem o que nós não podíamos imaginar uma musa, a musa de Byron, a soberana que então reinava nos pensamentos dos homens. Nada semelhante notava-se no rosto da jovem que havia chegado. Se naquela época eu fosse mais velho e mais experiente, é provável que prestasse maior atenção em seus olhos, pequenos, profundos, com as pálpebras inchadas, mas negros, como ágatas vívidas e brilhantes, que são raros nas loiras. Eu não descobria inclinações poéticas em seus olhares apressados, como que furtivos, mas sinais de uma alma apaixonada, apaixonada até a abnegação... Mas naquela época eu era ainda

²⁵Na Igreja Ortodoxa, a tradição é os pais darem nomes aos filhos de acordo com nomes de santos do calendário eclesiástico.

muito jovem.

Estendi a mão a Musa Pávlovna – ela não me ofereceu a sua –, não havia notado meu gesto; sentou-se na cadeira puxada por Tarkhov, mas não tirou o chapéu e a manta.

Ela estava visivelmente envergonhada; a minha presença a constrangia. Respirava de forma irregular e prolongada, como que se estivesse ganhando ar.

– Vim vê-lo por um minutinho, Vladimir Nikoláitch²⁶ – começou ela, sua voz era muito macia e profunda; em seus lábios vermelhos, quase infantis, ela parecia um tanto estranha –, mas nossa madame não queria me deixar de forma alguma por mais de meia hora. Há três dias o senhor não se sentia bem.... então pensei...

Ela hesitou, abaixou a cabeça. Cobertos pelas sobrancelhas grossas e baixas, seus olhinhos escuros corriam de lá para cá sem que se pudesse apanhá-los. No verão quente, viam-se tais besourinhos escuros, ágeis e brilhantes entre as hastes de relva secas.

– Mas como a senhora é encantadora, Musa, Musotchka!²⁷ – exclamou Tarkhov.

– Mas fique, fique um pouquinho... Vamos acender o samovar.

– Oh, não, Vladimir Nikoláievitch! Como é possível! Preciso ir em um segundo.

– Descanse um bocadinho que seja. A senhora está ofegante... está cansada.

– Não estou cansada. Eu... não por isso... Apenas... dê-me outro livrinho: este eu terminei de ler. – Ela tirou do bolso um pequeno volume cinza e gasto de uma edição moscovita.

– Pois bem, pois bem. E então? A senhora gostou dele? – *Ruslaviev* – acrescentou Tarkhov, dirigindo-se a mim.

– Sim. Só que *Iuri Miloslávski*²⁸ me pareceu muito melhor. Nossa madame é

²⁶Corruptela do patronímico Nikoláievitch.

²⁷Diminutivo do nome Musa.

²⁸*Ruslaviev ou Os russos em 1812* (1831) e *Iuri Miloslávski ou Os russos em 1612* (1829) são romances do escritor e dramaturgo Mikhail Nikolaievitch Zagoskin (1789 - 1852), que introduziu o romance histórico ao estilo de Walter Scott na Rússia.

muito severa quanto a esses livros. Diz que eles atrapalham o trabalho. Porque na sua opinião...

– Mas *Iuri Miloslávski* está par a par com *Os ciganos* de Púchkin,²⁹ não é? E então? Musa Pávlovna? – interrompeu Tarkhov com um sorriso.

– Como não! *Os ciganos*... – arrastou ela pausadamente. – Ah, sim, mais uma coisa, Vladimir Nikoláitch: amanhã não vá.... o senhor sabe aonde.

– Mas por quê?

– Não é possível.

– Por que não?

A moça deu de ombros e no mesmo instante, como se tivesse sido empurrada, levantou-se da cadeira.

– Mas para onde vai, Musa, Musotchka! – gritou Tarkhov com voz chorosa. – Fique mais!

– Não, não, não é possível. – Ela se aproximou da porta rapidamente, agarrou a maçaneta...

– Mas ao menos pegue um livrinho!

– Uma outra vez.

Tarkhov se lançou sobre a jovem, mas aquela havia desaparecido imediatamente para fora do quarto. Por pouco ele não bateu com o nariz na porta.

– Que coisa! Uma verdadeira lagartixa! – disse ele não sem despeito, e depois ficou pensativo.

Eu permaneci com Tarkhov. Era preciso saber o que tudo aquilo significava. Tarkhov não fez mistério. Ele contou-me que essa moça era uma pequena burguesa,

²⁹Aleksandr Púchkin (1799 - 1837), escritor considerado o fundador da literatura russa moderna, autor de obras renomadas como *O prisioneiro do Cáucaso*, *Evguêni Oniêguin* e *Boris Godunóv*.

41uma costureira; que três semanas atrás ele a vira pela primeira vez numa loja de moda onde ele fora fazer a encomenda de um chapéuzinho a encargo de sua irmã, que vivia na província; que ele se apaixonara por ela à primeira vista e que então no dia seguinte ele conseguira conversar com ela na rua; que ela, parece, havia sido indiferente com ele.

– Apenas, por favor, não pense – acrescentou ele com entusiasmo –, não imagine nada de ruim sobre ela. Pelo menos até agora ainda não se passou entre nós nada de...

– De ruim – secundei eu –, não tenho dúvida; também não tenho dúvida de que você lamenta isso sinceramente, meu velho! Aguarde – tudo se acertará.

– Espero! – disse Tarkhov rindo, ainda que entre dentes. – Mas, palavra, irmão, essa moça... Estou lhe dizendo – esse tipo, sabe, é dos novos. Você não teve tempo de examiná-la bem. É arisca! Como é arisca! E teimosa! Mas que teimosia! Por outro lado, essa sua selvageria me agrada. É um sinal de independência! Eu, irmão, estou simplesmente caído por ela!

Tarkhov pôs-se a falar sobre sua “enamorada” e até leu para mim o início de um poema intitulado “Minha Musa”. Seus desabafos amorosos não me agradaram. No fundo eu o invejava. Logo fui embora.

Passados alguns dias, aconteceu-me de estar passando por uma das fileiras do Gostíni Dvor.³⁰ Era um sábado; os consumidores se ajuntavam numa multidão; de todos os lados, em meio ao aperto e tropel de gente, ouviam-se os gritos insistentes dos comerciantes. Tendo comprado tudo o que precisava, pensava apenas em como escaparia o mais depressa desses assédios importunos – quando de repente me detive... a contragosto:

³⁰Complexo comercial e arquitetônico de Moscou.

em uma quitanda avistei a conhecida do meu amigo – Musa, Musa Pávlovna! Ela achava-se bem ao meu lado, e parecia que estava à espera de alguém. Vacilando um pouco, decidi aproximar-me e falar com ela. Mas não tive tempo de atravessar a soleira da loja e tirar o kartuz, pois ela afastou-se com pavor e, virando-se rapidamente para um velhinho de capote de frisa para quem o lojista pesava uma libra de passas, agarrou-o pela mão, como se recorresse à sua proteção. Aquele, por sua vez, voltou o seu rosto para ela – e imagine só a minha surpresa! Quem eu reconheço nele? Púnin!

Sim, era ele; eram aqueles seus olhinhos inflamados, seus lábios grossos, seu nariz fino e curvado. Ele até que havia mudado pouco nesses sete anos; talvez um pouco mais flácido.

– Nikandr Vavílich! – exclamei eu. – O senhor não me reconhece?

Púnin estremeceu, abriu a boca, cravou os olhos em mim...

– Não tenho a honra – começou ele e de repente pôs-se a choramingar: – O senhorzinho de Troitski! (A propriedade de vovó chamava-se Troitski.) Será mesmo o senhorzinho de Troitski? – A libra de passas caiu de sua mão.

– Justamente! – respondi eu e, apanhando do chão a compra de Púnin, beijei-lhe.

Ele sufocou de alegria, de emoção; por pouco não chorou, tirou o gorro – assim pude me certificar de que os últimos vestígios de fios de cabelo haviam desaparecido de seu “ovo” –, puxou do fundo dele um lenço, assoou-se, enfiou o gorro no peito junto com as passas, vestiu-o de novo, deixou as passas caírem de novo... Não sei como Musa havia se portado durante todo esse tempo: eu me empenhava em não olhar para ela. Eu não acreditava que a emoção de Púnin provinha de uma afeição excessiva para com a minha pessoa: sua natureza simplesmente não suportava nenhum abalo inesperado. Os nervos eram fracos!

– Venha conosco, conosco, meu caro – pôs-se a balbuciar ele afinal –, mas o senhor não se dignaria em visitar nosso pequeno ninho isolado? O senhor, estou vendo, é estudante...

– Perdão, eu, ao contrário, ficaria muito feliz.

– O senhor está livre agora?

– Totalmente livre.

– Que maravilha! Como Paramon Semiônitch ficará contente! Hoje, como de hábito, ele voltará para casa mais cedo, e a madame dela a deixa livre aos sábados. Sim, espere, perdão, eu perdi a cabeça completamente. Mas o senhor não conhece nossa sobrinha?

Apressei-me em insinuar que eu ainda não tivera o prazer em...

– Mas isso é evidente! Onde o senhor poderia ter se encontrado com ela! Musotchka... Repare, caro senhor: esta moça se chama Musa – e esse não é um apelido, mas seu nome verdadeiro... Como uma predestinação? Musotchka, apresento-lhe o senhor... o senhor...

– B... – lembrei eu.

– B... – repetiu ele. – Musotchka! Preste atenção! Você está vendo na sua frente um jovem querido e maravilhoso. O destino levou-o de mim, quando ele ainda era bem novo! Peço que simpatize e goste dele!

Fiz uma mesura profunda. Musa, vermelha como uma flor de papoula, ergueu os olhos de soslaio e baixou-os imediatamente.

“Ah! – pensei eu – Você é dessas que em momentos difíceis não empalidecem, mas enrubescem: é preciso levar isso em consideração.”

– Queira desculpar, ela não é à nossa moda – observou Púnin e saiu da loja para a

rua; Musa e eu seguimos atrás dele.

A casa onde Púnin morava ficava a uma grande distância do Gostíni Dvor, mais precisamente na Rua Sadôvaia. Meu antigo e querido mentor de poesia chegou a me contar vários pormenores sobre sua vida cotidiana. Após nossa separação, ele e Babúrin percorreram bastante a Santa Rus e só recentemente, um ano e meio atrás, encontraram refúgio permanente em Moscou. Babúrin conseguira ingressar como o escriturário principal no escritório de um rico comerciante e fabricante.

– O empreguinho não é vantajoso – observou Púnin com um suspiro –, trabalho demais, proveito de menos... mas o que se há de fazer? Mesmo assim, graças a Deus! Eu também procuro ganhar alguma coisa com cópias e aulas; só que meus esforços até agora foram em vão. A minha caligrafia, o senhor talvez se lembre, é antiquada, nada apreciada no gosto atual, e a propósito da licenciatura, um obstáculo para mim é a falta de traje decente; além do mais, temo o ofício do aprendizado – aprendizado da russa literatura – pois para o gosto atual tampouco serei adequado; por isso vivo esfomeado. (Púnin caiu na risada com seu riso surdo e roufenho. Ele conservava a linguagem antiga, de estilo um pouco elevado, e o velho hábito de rimar.) Tudo gira em torno das novidades, das novidades! O senhor, é claro, já não reverencia os antigos deuses e agarra-se aos novos?

– E o senhor, Nikandr Vavílich, será que ainda estima Kheráskov?

Púnin deteve-se e acenou com ambas as mãos ao mesmo tempo.

– No mais alto grau, meu senhor! No ma...is al...to grau!

– E não lê Púchkin? Púchkin não o agrada?

Púnin tornou a erguer as mãos acima da cabeça.

– Púchkin? Púchkin é uma serpente que se esconde em ramos verdes, a quem foi

dada a voz de um rouxinol!

Enquanto Púnin e eu conversávamos assim, andando com ar importante e com cuidado pelas calçadas de tijolos irregulares da Moscou “de pedras brancas”,³¹ essa mesma Moscou – na qual não havia nenhuma pedra e que de modo algum era branca –, Musa caminhava conosco em silêncio, pelo lado mais distante de mim. Falando sobre Musa, ele a chamava de: sua sobrinha. Púnin ficou um pouco calado, coçou a nuca e me disse a meia voz que ele a chamava assim... por chamar; que ela não tinha nenhum grau de parentesco com ele: que era órfã, encontrada e acolhida por Babúrin na cidade de Voronej; mas que ele, Púnin, poderia chamá-la de filha, pois não a amava menos do que uma filha legítima. Eu não duvidava que, embora Púnin houvesse baixado a voz de propósito, Musa ouvia muito bem tudo o que ele dizia: e algo a irritara, acanhara e envergonhara; sombra e rubor percorreram seu rosto e tudo nela moveu-se ligeiramente: as pálpebras e sobrancelhas, os lábios e as narinas estreitas. Tudo era muito gracioso, engraçado e singular.

Mas por fim alcançamos o “pequeno ninho modesto”. E, de fato, esse pequeno ninho era muito modesto. Ele consistia numa pequena casinha térrea, quase afundada no terreno, com um telhado de tábuas finas e tortas e quatro janelinhas embaçadas na frente. A mobília dos cômodos era mesmo pobre e até não muito limpa. Entre as janelas e pelas paredes pendiam cerca de uma dúzia de minúsculas gaiolas de madeira com cotovias, canários, pintassilgos e tentilhões. “Meus súditos!” – disse Púnin solenemente,

³¹Moscou tem esse epíteto, pois entre os anos 1366 e 1368 o grão-príncipe Dmitri Donskoi substituiu as paredes de carvalho do Kremlin por uma cidadela de pedra calcária branca. Posteriormente, a muralha e torres da fortificação tiveram que ser reconstruídas.

apontando com o dedo para eles. Mal tivemos tempo de entrar e olhar ao redor, mal Púnin teve tempo de mandar Musa buscar o samovar, e o próprio Babúrin surgiu. Pareceu-me ter envelhecido muito mais do que Púnin, contudo seu passo permanecia firme e a expressão geral de seu rosto se conservava; mas ele havia emagrecido, curvara-se, as faces ficaram cavadas, e seus fios negros e espessos “desenvolveram cabelos grisalhos”. Ele não me reconheceu e não manifestou nenhum prazer em especial quando Púnin me apresentou; ele não sorriu nem mesmo com os olhos, mal acenou com a cabeça; perguntou – extremamente desdenhoso e seco – se minha *vó* era viva – e só. “A mim, era como se dissesse, a visita de um nobre não surpreende, e não me é nem um pouco lisonjeira.” O republicano permanecia republicano. Musa retornou; uma velhinha decrépita trazia atrás dela um samovar mal areado. Púnin ficou atarantado e se pôs a me servir; Babúrin sentou-se à mesa, apoiou a cabeça em ambas as mãos e lançou um olhar cansado em volta. Ao pegar o chá, entretanto, começou a conversar. Ele estava descontente com sua posição. “É um kulak,³² não é um homem – assim se referia ao patrão –, para ele as pessoas subordinadas são lixo, são insignificantes; mas o próprio não usou uma sermiaga³³ por muito tempo? Uma crueldade e uma cobiça só. Pior que o serviço público! E todo o comércio local se faz com embuste e só por isso se mantém!” Ouvindo tais palavras tristes, Púnin suspirou desolado, concordou, balançou a cabeça para cima e para baixo, e de um lado para o outro; Musa fazia um silêncio obstinado... Era evidente que um pensamento a atormentava: seria eu essa pessoa discreta ou um fofoqueiro? E se eu me fazia de discreto, não seria de propósito? Seus olhos tão negros, velozes e inquietos corriam sob as pálpebras meio caídas. Ela olhou para mim apenas uma vez, e de modo tão curioso, penetrante, quase maldoso... Que eu até estremeci.

³²Termo pejorativo para designar um camponês rico. A palavra também significa “punho”.

³³Espécie de sobretudo de tecido rústico.

Babúrin quase não falou com ela; mas toda vez que a ela se dirigia, em sua voz ouvia-se uma ternura sombria, não paternal.

Púnin, ao contrário, estava sempre a gracejar com Musa; no entanto, ela o respondia a contragosto. Ele a chamava de *snegurka*,³⁴ floco de neve.

– Por que o senhor dá a Musa Pávlovna tais nomes? – perguntei eu.

Púnin pôs-se a rir.

– Porque ela é muito fria conosco.

– É sensata – replicou Babúrin –, como deve ser uma moça nova.

– Podemos chamá-la de patroazinha – exclamou Púnin. – Hein? Paramon Semiónitch? – Babúrin franziu o cenho; Musa virou-se... Naquele momento eu não entendi essa indireta.

Assim passaram-se cerca de duas horas... não muito animadas, embora Púnin fizesse todo o possível para “ocupar a honorável companhia”. Ele, entre outras coisas, ajeitou-se diante da gaiola de um de seus canários, abriu a portinhola e ordenou: “Na *cúpula!* Dê o concerto!” No mesmo instante o canário saiu voando, sentou-se na *cúpula*, ou seja, no alto da careca de Púnin e, girando de um lado para o outro e sacudindo as asinhas, pôs-se a cantar com toda a força. Púnin não se mexeu durante todo o concerto, apenas regeu levemente com o dedo e apertou os olhos. Não consegui segurar a gargalhada... mas nem Babúrin, nem Musa riram.

Ante minha saída, Babúrin surpreendeu-me com uma pergunta inesperada. Desejava saber de mim, enquanto estudante da universidade, que tipo de pessoa havia sido Zenão e qual era a minha opinião sobre ele.

– Que Zenão? – perguntei eu um pouco espantado.

³⁴Donzela de neve dos contos populares russos.

– Zenão, o pensador da Antiguidade.³⁵ Será possível que ele permanece desconhecido para o senhor?

Lembrei-me vagamente do nome Zenão como fundador da escola estoica; de resto, não sabia absolutamente mais nada sobre ele.

– Sim, foi um filósofo – proferi afinal.

– Zenão – continuou Babúrin com disposição –, aquele mesmo pensador que explicou que o sofrimento não é ruim, pois a paciência a tudo suplanta; mas o bem neste mundo é um só: a justiça; a maior virtude nada mais é do que a justiça.

Púnin apurou os ouvidos com devoção.

– Contou-me essa máxima um pequeno-burguês que tinha muitos livros velhos – prosseguiu Babúrin –, e ela me agradou muito. Mas o senhor, vejo, não estuda esse tipo de matéria.

Babúrin havia dito a verdade. De fato eu não estudava tais matérias. Desde o meu ingresso na universidade, eu não me tornara um republicano pior que o próprio Babúrin. Sobre Mirabeau e Robespierre falaria com prazer. Ainda mais de Robespierre!.. Tinha pendurado sobre a escrivaninha um retrato litografado de Fourquier de Tinville e Charlie!³⁶ Mas Zenão!!! De onde Zenão tinha saído?

Despedindo-se de mim, Púnin insistiu muito para que eu os visitasse no dia

³⁵Zenão de Cítio (333 - 263 a.C.), filósofo grego. Lecionou na antiga Atenas, onde fundou a escola estoica, que defendia uma vida virtuosa e obediente às leis da natureza.

³⁶Honoré Gabriel Riqueti, Conde de Mirabeau (1749 - 1791), escritor e parlamentar francês. Foi líder da posição moderada entre os revolucionários nos estágios iniciais da Revolução Francesa ao favorecer uma monarquia constitucional. Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758 - 1794), uma das figuras mais importantes da Revolução Francesa, saiu em defesa dos pobres e de instituições democráticas. Após a queda da monarquia, iniciou o chamado Reino do Terror, promovendo a execução de cidadãos considerados contrarrevolucionários. Por tais atos foi preso e executado. Antoine Quentin Fouquier de Tinville (1746 - 1795), promotor francês durante os períodos de Revolução e Reino do Terror. Assim como Robespierre, era conhecido por seu radicalismo implacável e foi igualmente condenado à guilhotina. Marie Joseph Chalier (1747 - 1793), revolucionário francês que entrou em conflito com o prefeito de Lyon ao articular várias prisões e exigir o estabelecimento de um tribunal e um exército revolucionário na cidade. Foi preso e condenado, no entanto, sua execução na guilhotina o transformou em mártir da República, pois a lâmina desceu três vezes sobre seu pescoço sem cortá-lo. O carrasco teve de usar uma faca para concluir a decapitação, para horror do povo que assistia.

seguinte, um domingo; Babúrin não me convidou de modo algum e até disse entre dentes que a conversa com gente simples, raznotchínets, não poderia me dar grande prazer e que provavelmente desagradaria minha *vovó*... Nessas palavras eu, no entanto, interrompi seu discurso e lhe dei a entender que minha avó não mandava mais em mim.

– Não entrou na posse das propriedades? – perguntou Babúrin.

– Não, não entrei – respondi eu.

– Bem, pois então... – Babúrin não terminou a frase que começou; mas eu a terminei por ele: “Pois então, eu era um moleque”.

– Adeus – disse eu em voz alta e retirei-me.

Eu já havia saído do quintal para a rua... Musa de repente saiu correndo de casa e, enfiando-me um papelzinho amassado na mão, desapareceu no mesmo instante. Abri esse papelzinho no primeiro poste de luz. Era um bilhete. Com dificuldade distingi as linhas fracas traçadas a lápis. “Pelo amor de Deus – escreveu-me Musa –, vá amanhã depois do almoço no Jardim Aleksandróvski³⁷ ao lado da torre Kutafia³⁸ eu vou esperar pelo senhor não me recuse não me faça infeliz eu preciso ver o senhor sem falta”. Não havia erros de ortografia neste bilhete, mas também não havia sinais de pontuação. Voltei para casa perplexo.

No dia seguinte, a quinze minutos da hora marcada, quando me aproximava da torre Kutafia (era início de abril, os brotos amadureciam, a relva enverdecia, os pardais pipilavam ruidosamente e se engalfinhavam nos pés de lilases desfolhados), para meu grande espanto, vi Musa de um lado, perto do muro. Ela se antecipou a mim. Fiz menção de me dirigir até ela; no entanto, ela mesma veio ao meu encontro.

³⁷Fundado em 1812, trata-se de um parque composto por três jardins, situado no lado norte-ocidental do Kremlin.

³⁸O nome da torre viria da palavra “kut” que significa abrigo ou resguardo, ou ainda de uma expressão coloquial, já obsoleta, para designar uma mulher mal vestida e desajeitada.

– Vamos para a muralha do Kremlin – sussurrou ela com voz apressada, correndo os olhos caídos pelo chão –, aqui tem gente.

Nós subimos a colina pelo caminho.

– Musa Pávlovna – comecei eu... Mas ela me interrompeu imediatamente.

– Por favor – começou a falar com a mesma voz baixa e impetuosa –, não me julgue, não pense nada de ruim. Escrevi-lhe a carta, marquei um encontro – porque... tive medo... Ontem pareceu-me que o senhor estava rindo o tempo todo. Ouça – acrescentou com um esforço repentino, parou e se virou para mim –, ouça: se o senhor falar com alguém... se o senhor mencionar em casa que nos encontramos, eu me atiro na água, me afogo, tiro minha própria vida!

Então pela primeira vez ela lançou para mim aquele olhar ávido e penetrante que eu já conhecia.

“Será possível que ela realmente... realmente seria capaz?” – pensei.

– Perdão, Musa Pávlovna – proferi eu apressado –, como a senhora pode ter uma opinião tão ruim sobre mim? Será que sou capaz de trair um amigo e prejudicar a senhora? E por fim, suas atitudes, até onde sei, não são nada censuráveis... Pelo amor de Deus, acalme-se.

Musa me escutou sem sair do lugar e sem olhar mais para mim.

– Tem mais uma coisa que preciso contar ao senhor – começou ela seguindo em frente pelo caminho –, e então o senhor pode pensar: sim, ela é louca! Preciso lhe contar: esse velho quer se casar comigo!

– Que velho? O careca? Púnin?

– Não, esse não! O outro... Paramon Semiónitch.

– Babúrin?

– Ele mesmo.

– Será possível? Ele pediu a sua mão?

– Pediu.

– Mas a senhora, é claro, não consentiu.

– Não, consenti... porque na hora não entendi nada. Agora é diferente.

Ergui os braços.

– Babúrin e a senhora! Ora, ele está beirando os cinquenta!

– Ele diz que tem quarenta e três. Mas isso não faz diferença. Mesmo se ele tivesse vinte e cinco anos eu não me casaria com ele. Que alegria seria! A semana inteira se passa e ele não sorri nenhuma vez! Paramon Semiónitch é meu benfeitor, lhe sou muito grata, ele me abrigou, educou, eu estaria perdida sem ele, devo reverenciá-lo como a um pai... Mas ser sua esposa! É melhor a morte! É melhor ir direto para o caixão!

– Por que a senhora sempre menciona a morte, Musa Pávlovna?

Musa deteve-se novamente.

– Mas será que uma vida dessas é boa? Eu me apaixonei com aflição e tristeza pelo seu, por assim dizer, conhecido Vladimir Nikoláitch –, mas então Paramon Semiónitch pediu a minha mão... Púnin, ainda que importune com seus versos, mas não intimida ao extremo; não obriga a ler Karamzin³⁹ à noite, quando estou com a cabeça cansada caída nos ombros! Para que quero essas velharias? E ainda me chamam de fria. Como poderia ser calorosa com eles? Se começarem a me forçar, eu vou embora. O próprio Paramon Semiónitch sempre diz: liberdade! Liberdade! Pois então eu quero liberdade. Não é isso o que significa? Todos são livres, mas eu permaneço na prisão? E lhe digo. Se o senhor me trair, ou mesmo fizer alusão, lembre-se: nunca mais vão me ver!

³⁹Nikolai Karamzin (1766 - 1826), escritor e historiador russo representante do surgimento do sentimentalismo na Rússia, autor da novela *Pobre Lisa* entre outras obras. Foi um grande renovador da língua russa ao romper com o eslavo-eclésiástico e escrever literatura utilizando a linguagem cotidiana da época.

Musa parou no meio do caminho.

– Nunca mais vão me ver! – repetiu ela com rispidez. Nem dessa vez seus olhos se ergueram; como se ela soubesse que se trairia sem falta ao mostrar o que havia em sua alma, se olhasse alguém diretamente nos olhos... E justamente por isso que ela de forma alguma, a não ser num repente de cólera ou enfado, erguia o olhar – e então cravava os olhos na pessoa com que estivesse falando... Mas seu rosto pequeno, rosado e gracioso tinha ares de uma decisão irrevogável.

“Bem – passou-me pela cabeça –, Tarkhov está certo. Essa moça é um tipo novo.”

– Não tenha nenhum medo de mim – pronunciei afinal.

– Verdade? Mesmo se... O senhor disse qualquer coisa sobre nossas relações... Mesmo no caso... – Ela se calou.

– E nesse caso a senhora não deve ter medo de nada, Musa Pávlovna. Eu não sou seu juiz. O seu segredo está enterrado bem aqui. – Apontei para o meu peito. – Acredite, sei apreciar...

– A minha carta está com o senhor? – perguntou Musa de súbito.

– Está comigo.

– Onde?

– No bolso.

– Dê-me... rápido, rápido!

Tirei o papelzinho de ontem. Musa agarrou-o com sua mãozinha áspera, ficou um pouco parada diante de mim, como que se preparando para me agradecer; mas de repente estremeceu, olhou ao redor e, sem nem mesmo se despedir, desceu rapidamente pela colina.

Eu olhei para a direção para onde ela se encaminhava. Não muito longe da torre,

envolto numa almaviva (almavivas⁴⁰ estavam na moda naquela época), avistei uma figura na qual imediatamente reconheci Tarkhov.

“Ah, irmão – pensei eu –, se está vigiando é porque já sabe da notícia...”

Fui para casa assobiando baixinho.

Na manhã seguinte, mal tive tempo de tomar o chá quando Púnin apareceu. Entrou no quarto com o semblante muito perturbado, começou a fazer reverências, olhou ao redor e desculpou-se por sua suposta indiscrição. Apressei-me em acalmá-lo. Pecador que sou, imaginei que Púnin viera com a intenção de pedir um dinheirinho emprestado. Mas ele limitou-se a pedir uma xícara de chá com rum, já que o samovar não havia sido retirado.

– Vim-lhe ao encontro com coração um tanto ansioso e palpitante – ele se pôs a falar, mordendo pedacinhos de açúcar. – Não temo o senhor: mas tenho horror à sua venerável avó! A minha roupa também me deixa envergonhado, como eu já lhe relatei. – Púnin passou o dedo pelos botões de sua sobrecasaca velha. – Em casa não faz mal, na rua também não; mas quando adentra um palácio dourado, sua pobreza se exhibe e te deixa confuso!”

Eu ocupava dois pequenos cômodos no segundo andar e, é claro, não passaria pela cabeça de ninguém chamá-los de palácios, ainda mais dourados; mas Púnin provavelmente falava sobre toda a casa de vovó que, aliás, também não se distinguia pelo luxo. Ele me censurou por não ter ido visitá-los no dia anterior: Paramon

⁴⁰Espécie de capa sem mangas que cobre quase todo o corpo. Seu nome originou-se do personagem Conde de Almaviva das óperas *O barbeiro de Sevilha* e *As bodas de Fígaro* de Beaumarchais.

Semióntich, disse, esperou pelo senhor, apesar de assegurar que por nada o senhor viria.

E Musotchka também lhe esperou.

– Como? Musa Pávlovna também? – perguntei eu.

– Ela também. Nossa donzela revelou-se realmente amável! Não é mesmo?

– Encantadora – confirmei eu.

Púnin esfregou a cabeça desnuda com uma rapidez extraordinária.

– Uma beldade, meu senhor, uma pérola ou até um diamante; é verdade o que lhe digo. – Ele se inclinou para os meus ouvidos. – Sangue nobre também – cochichou para mim –, apenas, o senhor compreende, do lado esquerdo; o fruto proibido foi provado. Bem, então os pais morreram, os parentes a abandonaram e lançaram à própria sorte! Isso significa desespero, inanição! Mas aqui entra Paramon Semióntich, notório e imemoriável libertador! Pegou, vestiu, aqueceu e levou a passarinha; e nossa alegria floresceu! Eu lhe digo: um homem de qualidades raras!

Púnin recostou-se na poltrona, ergueu as mãos e inclinando-se para frente novamente, começou a cochichar de novo, porém mais misterioso:

– E de fato o próprio Paramon Semióntich... O senhor não sabe? Ele também é de origem elevada, e também do lado esquerdo. Dizem que seu pai era um soberano príncipe georgiano da tribo do rei Davi...⁴¹ Como o senhor entende isso? Em poucas palavras, o que mais se pode dizer?! O sangue do rei Davi! Que tal? De acordo com outras informações, o progenitor de Paramon Semióntich era um certo xá indiano, Babur Sangue Azul!⁴² Isso é bom mesmo! Hein?

⁴¹David IV, o Restaurador (1073 - 1125), da Dinastia Bagrationi, foi rei da Geórgia de 1089 até sua morte. A expressão “tribo do rei Davi” também faz referência ao rei bíblico de Israel, figura importante para as religiões monoteístas.

⁴²Babur (1483 - 1530), nascido Zahir-ud-Din Muhammad, foi um conquistador da Ásia Central que estabeleceu as bases para a dinastia mongol no subcontinente indiano tornando-se o primeiro imperador mongol. Do lado paterno, era descendente direto do conquistador turco-mongol Tamerlão e, pelo lado materno, descendente de Genghis Khan. A expressão aqui traduzida como “sangue azul” também se refere a pessoa de nascimento nobre ou pertencente a uma classe privilegiada na Rússia pré-

– Mas então – perguntei – ele, Babúrin, também foi abandonado à própria sorte?

Púnin tornou a esfregar sua careca.

– Justamente! E até com mais crueldade do que a nossa beldade! Desde a tenra idade foi uma luta! Eu até, confesso, por esta ocasião, inspirando-me em Ruban,⁴³ compus uma quadra para o retrato de Paramon Semiónitch. Espere... Como é mesmo? Ah, sim!

Desde o berço o destino não poupando em feroz perseguição

Puxou Babúrin para o abismo da maldição!

Mas uma luz nas trevas, um raio dourado brilha na podridão

E então! Sua testa é laureada com o galardão!

Púnin proferiu esses versos com a voz cadenciada, melodiosa e pronunciando os “ós”, como os versos devem ser lidos.⁴⁴

– Então é por isso que ele é republicano! – exclamei eu.

– Não, não é por isso – respondeu Púnin com simplicidade. – Ele perdoou o pai há muito tempo; mas não pode suportar a injustiça de maneira alguma; a tristeza alheia o aflige!

Eu tive a intenção de levar a conversa para aquilo que ficara sabendo de Musa, isto é, a proposta de casamento de Babúrin, mas não sabia como começar. O próprio Púnin me tirou do embaraço.

– O senhor não notou nada? – perguntou de repente, apertando os olhinhos com malícia. – Quando esteve em nossa casa? Nada especial?

– E havia algo para se notar? – perguntei por meu turno.

revolucionária.

⁴³Vassili Grigoriévitch Ruban (1742 - 1795), poeta e escritor da época do Iluminismo. Trabalhou em algumas das primeiras revistas de língua russa. Entre suas obras há descrições de monumentos, trabalhos históricos, estatísticos e geográficos. Também foi autor do primeiro guia de Moscou: *Descrição da capital imperial de Moscou*.

⁴⁴Na língua russa, as letras “o” átonas são pronunciadas como “a” e as tônicas como “o”.

Púnin olhou por cima dos ombros, como se quisesse se certificar de que ninguém nos escutava.

– Nossa bela Musotchka logo será uma senhora casada!

– Como?

– Senhora Babúrina – pronunciou Púnin tenso e, batendo algumas vezes com as palmas das mãos nos joelhos, meneou a cabeça como um chinês de porcelana.

– Não pode ser! – exclamei com uma surpresa fingida.

A cabeça de Púnin parou imediatamente e suas mãos se detiveram.

– Mas por que não pode ser? Permita-me indagar?

– Porque Paramon Semiónitch tem idade para ser pai de sua senhorinha; porque isso significa que a diferença entre as idades exclui qualquer possibilidade de amor por parte da noiva.

– Exclui! – apanhou Púnin num arroubo. – Mas e a gratidão? E a pureza de coração? E a ternura dos sentimentos? Exclui!!! O senhor pelo menos queira considerar: reconhecemos que Musa é uma jovem esplêndida; mas merecer a afeição de Paramon Semiónitch, ser seu conforto, seu apoio, sua esposa afinal! Será que essa não é a maior felicidade até mesmo para tal jovem? E ela entende isso! Olhe, dê uma boa olhada!!! Com Paramon Semiónitch, Musotchka é toda respeitosa, toda temerosa e entusiasmada!

– Mas isso é ruim, Nikandr Vavílich, que ela, como o senhor diz, seja toda temerosa. Não se teme a quem se ama.

– Eu não concordo com isso! Veja eu, por exemplo: para mim, parece, é impossível amar Paramon Semiónitch, mas eu... eu tremo diante dele.

– Mas o senhor é outra coisa.

– Por que outra coisa? Por quê? Por quê? – interrompeu Púnin. Eu simplesmente

não o reconheço: ele se irrita, fica sério, quase zangado e não rima. Não – repetiu ele –, eu observo: o senhor não tem o olhar perspicaz! Não! O senhor não é entendedor do coração humano! – Eu desisti de contradizê-lo... e, para dar outra direção para a conversa, propus que nos ocupássemos da leitura, segundo nosso velho hábito.

Púnin se calou.

– Dos antigos? Dos verdadeiros? – perguntou ele por fim.

– Não, dos novos.

– Dos novos? – repetiu Púnin com desconfiança.

– De Púchkin – respondi eu. De repente me veio à mente *Os ciganos*, que Tarkhov havia mencionado há pouco tempo. Trata-se, a propósito, de uma balada sobre um marido velho. Púnin resmungou um pouco, mas eu o fiz se sentar no sofá para que ouvisse confortavelmente e me pus a recitar o poema de Púchkin. Então chegou até o “marido velho, marido terrível”; Púnin ouviu a balada até o fim, e de repente se levantou num ímpeto.

– Não posso – proferiu ele com uma emoção tão profunda que me impressionou –, desculpe-me; não posso mais ouvir falar dessa obra. Ele é um pasquineiro imoral; é um mentiroso... ele me perturba. Não posso! Perdoe-me por interromper minha visita de hoje.

Eu comecei a persuadir Púnin a ficar; mas ele insistiu com certa obstinação obtusa e assustada; repetiu algumas vezes que ele se sentia perturbado e queria tomar um ar fresco – e nisso seus lábios tremeram ligeiramente e seus olhos evitaram os meus – como se eu o tivesse ofendido. Então ele foi embora.

Um pouco mais tarde, saí de casa e fui até Tarkhov.

Sem pedir a permissão de ninguém, introduzi-me direto em seu apartamento, com a costumeira desenvoltura de estudante. Não havia ninguém no primeiro cômodo. Gritei pelo nome de Tarkhov e, sem obter resposta, quis me retirar; mas a porta do cômodo vizinho se entreabriu e meu amigo apareceu. Ele olhou para mim de modo um tanto estranho e apertou minha mão em silêncio. Eu fui até ele para lhe contar tudo aquilo que soubera de Púnin; e embora tivesse sentido no mesmo instante que visitava Tarkhov em má hora, no entanto, ao acabar de falar um pouco sobre assuntos que nada tinham a ver, informei-lhe da intenção de Babúrin em relação à Musa. Essa notícia, pelo visto, não o surpreendeu muito; ele sentou-se à mesa devagar e, cravando o olhar em mim com atenção e guardando silêncio como antes, deu traços à sua expressão... uma expressão tal, como se quisesse dizer: “Bem, o que mais você vai me contar? Vamos, exponha seus pensamentos”. Olhei fixamente para o seu rosto... Ele me parecia animado, um pouco jocoso, até mesmo um pouco insolente. Mas isso não me impedia de “expor meus pensamentos”. Ao contrário. “Você está mostrando sua fanfarronice – pensei –, e eu que não vou te poupar!” E então comecei imediatamente a discutir sobre o prejuízo das paixões repentinas, sobre a obrigação de toda a pessoa em respeitar a liberdade e individualidade da outra –, numa palavra, me pus a dar conselhos sensatos e proveitosos. Discorrendo dessa maneira, eu, para ficar mais confortável, andava de um lado para o outro no aposento. Tarkhov não me interrompia e nem se mexia na cadeira: apenas brincava com os dedos no queixo.

– Eu sei – disse... (O que, no fundo, me levava a falar permanecia obscuro mesmo para mim, o mais provável é que fosse inveja; em desacordo com a moral, é verdade!) Eu sei – disse – que esse assunto não é fácil, não é brincadeira; estou certo de que você ama Musa e que Musa te ama, que não é um capricho momentâneo da sua parte... Mas

vamos supor!.. (Aqui eu cruzei os braços sobre o peito.) Vamos supor: você saciou sua paixão, e depois? Você realmente irá se casar com ela? E enquanto isso você arruinará a felicidade de um homem bom e honesto, o benfeitor dela e – quem sabe? (aqui meu rosto expressou perspicácia e tristeza ao mesmo tempo) – talvez a própria felicidade dela...

Etc, etc, etc!!!

Meu discurso derramou-se por cerca de um quarto de hora. Tarkhov se manteve calado. Esse silêncio começou a me perturbar. De quando em quando, eu lançava um olhar para ele, não apenas para me certificar da impressão que minhas palavras causavam, como também para entender por que ele não retrucava e nem concordava, mas ficava sentado, como se fosse surdo-mudo. Pareceu-me, por fim, que em seu rosto acontecia... sim, de fato acontecia uma mudança. Ele passou a expressar inquietação, ansiedade, uma ansiedade melancólica... Mas que coisa estranha! Aquilo alegre, animado, radiante que me surpreendia desde a primeira vez que vira Tarkhov, apesar de tudo, aquilo não abandonava esse rosto triste e alarmado! Ainda não sabia se devia parabenizar a mim mesmo pelo sucesso do meu sermão, quando Tarkhov se levantou de repente e, apertando-me ambas as mãos, pronunciou rapidamente:

– Grato, grato! Você com certeza está certo... embora, por outro lado, talvez fosse o caso de observar... O que propriamente é o seu alardeado Babúrin? – Um idiota honesto e mais nada! Você o intitula republicano, mas ele é apenas um casmurro! Oh! É isso o que ele é! Todo o seu republicanismo consiste no fato de não se encaixar em lugar nenhum.

– Ah! É o que você acha! Um casmurro! Não se encaixa!!! – Mas você sabia – prossegui num arrebatamento repentino –, você sabia, meu caro Vladimir Nikoláitch,

que não se encaixar em lugar nenhum em nossa época é um bom sinal de sua nobre natureza? Só as pessoas vazias, as pessoas más, se encaixam em toda parte e se conformam com tudo! Você diz: Babúrin é um idiota honesto!!! Então para você é melhor ser um esperto desonesto?

– Você está deturpando as minhas palavras! – exclamou Tarkhov. – Eu apenas quis lhe explicar como eu vejo esse senhor. Você pensa que ele é um exemplar muito raro? De modo algum! Eu já encontrei homens semelhantes a ele em minha vida. O homem vive com esse ar importante, calado, obstinado, eriçado... Veja só! É de crer que há muito em seu interior! Mas não há nada em seu interior, nem um único pensamento em sua cabeça, apenas o sentimento de amor próprio.

– E isso já é uma coisa respeitável – interrompi eu. – Mas permita-me perguntar onde você chegou a estudá-lo tão bem assim? Será que você o conhece? Ou você o descreve... pelas palavras de Musa?

Tarkhov deu de ombros.

– Musa e eu... não conversamos sobre ele. Ouça – acrescentou ele com um movimento impaciente de todo o seu corpo –, ouça: se Babúrin possui tal natureza nobre e honesta, então como não vê que Musa não combina com ele? Das duas, uma: ou ele não entende que a está coagindo em nome da gratidão, se é assim... então onde foi parar sua honestidade? Ou ele não entende isso... e nesse caso como não chamá-lo de idiota?

Eu quis retrucar, mas Tarkhov tornou a agarrar minhas mãos e a falar com voz apressada:

– Ademais... com certeza... eu concordo, você está certo, mil vezes certo... Você é um verdadeiro amigo para mim... mas agora deixe-me, por favor.

Eu fiquei admirado.

– Deixá-lo?

– Sim. Pois vê que eu devo refletir bem sobre tudo o que você me disse agora...

Não duvido que você esteja certo... mas agora me deixe!

– Você está nessa agitação... – comecei.

– Agitação? Eu? – riu Tarkhov, mas conteve-se imediatamente. – Sim; com certeza. Como seria diferente? Você mesmo disse: isso não é brincadeira. Sim; é preciso pensar sobre isso... a sós. – Ele continuou apertando minhas mãos. – Adeus, irmão, adeus!

– Adeus – repeti eu. – Adeus, irmão! – Ao sair, lancei um último olhar a Tarkhov. Ele parecia satisfeito. Com o quê? Será porque eu, como um amigo e companheiro fiel, lhe indiquei o perigo do caminho pelo qual conduzia seus passos, ou porque eu havia ido embora? Diversos pensamentos giraram em minha cabeça o dia inteiro até aquela noite, até aquele momento em que entrei na casa ocupada por Púnin e Babúrin, pois fui até eles neste mesmo dia. Devo reconhecer que certas expressões de Tarkhov ficaram gravadas em minha alma... ressoavam em meus ouvidos... E, na verdade, de fato Babúrin... de fato ele não via que ela não combinava com ele?

Mas como isso era possível: Babúrin, o abnegado Babúrin – um idiota honesto!!!

Durante sua visita, Púnin me contara que eles haviam me esperado no dia anterior. Pode ser; mas naquele dia absolutamente ninguém esperava por mim... Encontrei todos em casa, e todos se admiraram com o meu aparecimento. Tanto Púnin quanto Babúrin estavam doentes; Púnin tinha dor de cabeça, estava enrolado e deitado

junto à lareira, tinha um lenço estampado atado à cabeça e pepinos fatiados em cada uma das têmporas. Babúrin sofria de amarelão: estava realmente amarelo, quase pardo, com círculos escuros ao redor dos olhos, com a testa franzida e a barba por fazer – pouco se parecia com um noivo! Eu quis ir embora... Mas não deixaram e até me deram chá. Passei uma noite aborrecida. Musa, é verdade, não estava doente, até se esquivava menos do que de costume, mas era evidente que estava entediada, irritada... Por fim não se conteve e, me entregando uma xícara de chá, sussurrou às pressas:

– Nada do que o senhor disser lá, por mais que se esforce, não há nada que o senhor possa fazer... Assim que é!

Olhei para ela com surpresa e, encontrando o momento apropriado, perguntei-lhe também a meia voz:

– O que isso significa?

– Significa – respondeu ela e, correndo seus olhos escuros com raiva sob as sobrancelhas franzidas, cravou-os em meu rosto e se afastou para o lado no mesmo instante –, significa que eu ouvi tudo o que o senhor estava falando lá hoje, e obrigada por não dizer nada, mas mesmo assim não será como o senhor diz.

– A senhora estava lá? – deixei escapar sem querer... Mas então Babúrin ficou de sobreaviso e olhou para o nosso lado. Musa se afastou para longe de mim.

Passados cerca de dez minutos, ela conseguiu se aproximar de mim novamente. Era como se lhe fosse agradável dizer-me coisas ousadas e arriscadas, e dizê-las na presença de seu protetor, sob a vigilância dele, escondendo apenas o suficiente, o suficiente necessário para não incitar sua desconfiança. Caso conhecido: andar na borda, pela beira do precipício, é a ocupação feminina preferida.

– Sim, eu estava lá – sussurrou Musa sem enrubescer; apenas suas narinas

estremeceram ligeiramente e seus lábios se crisparam. – Sim, e se Paramon Semiónitch me perguntar sobre o que estou cochichando com o senhor agora, digo-lhe no mesmo instante. Ora essa!

– Então tome cuidado – persuadi-a –, parece que estão mesmo observando...

– E estou lhe dizendo que estou pronta para contar tudo. Quem está observando?

Um tem o pescoço esticado na cama, como se fosse um patinho doente, e não escuta nada; o outro medita sobre filosofia. Não tenha medo! – A voz de Musa se elevou ligeiramente e suas bochechas coraram pouco a pouco para um vermelho malévolo e opaco; isso lhe caía maravilhosamente, e nunca estivera com tão boa aparência. Após limpar a mesa e colocar os pires e xícaras em seus lugares, ela se deslocou depressa pelo aposento; havia algo de provocativo em seu andar ligeiro e desenvolto. “Podem me julgar”, era como se dissesse, “mas eu sou independente e não tenho medo de vocês”.

Não posso esconder que Musa me parecia fascinante justamente naquela noite. “Sim – pensava eu –, essa fera, esse novo tipo... esse encanto. Essas mãos, faça o favor, podem me esbofetear... Sim! Não faz mal!”

– Paramon Semiónitch! – exclamou ela de repente – A república é um império onde cada um faz o que lhe vier na cabeça?

– Na república não há império – respondeu Babúrin, erguendo a cabeça e franzindo o cenho –, ela é... uma estrutura na qual tudo é baseado na lei e na justiça.

– Pois então – prosseguiu Musa –, na república ninguém pode coagir o outro?

– Ninguém pode.

– E cada um é livre para dispor de si mesmo.

– É livre.

– Ah! Era só isso o que eu queria saber.

– E por que você queria saber isso?

– Porque precisava. Eu precisava que o *senhor* dissesse isso.

– Nossa senhorinha é curiosa – observou Púnin da cama.

Quando saí para a entrada, Musa me acompanhou, é claro, não por cortesia, e sim por alegria maldosa. Perguntei-lhe na despedida:

– Será possível que o ame com tanta força?

– Se amo ou não amo, isso sou *eu* que sei – respondeu ela –, mas o que tiver que ser, será.

– Olhe, não brinque com fogo... vai se queimar.

– Melhor queimar do que congelar. E o senhor... com seus conselhos! Como o senhor sabe que ele não irá me desposar? Como o senhor sabe que eu quero sem falta me casar? Bem, eu estou perdida... O que isso importa ao senhor?

Ela bateu a porta atrás de mim.

Lembro-me que, no caminho de volta para casa, era muito agradável pensar que – ora, ora, ora, meu amigo Vladimir Tarkhov podia estar em maus lençóis com esse “novo tipo”... Pois ao menos ele deveria pagar alguma coisa por sua felicidade!

De que ele seria feliz eu, infelizmente, não podia duvidar.

Passaram-se cerca de três dias. Eu estava sentado em meu quarto diante da escrivaninha, mas estava mais me preparando para ir almoçar do que trabalhando... ouvi sussurros, levantei a cabeça e fiquei petrificado. Diante de mim estava uma aparição imóvel, terrível, branca como giz... estava Púnin. Piscando devagar, seus olhinhos

estreitos olhavam para mim, eles expressavam um pavor absurdo e assustadiço, e os braços pendiam como chicotes.

– Nikandr Vavíltch! O que há com o senhor? Como o senhor entrou aqui?

Ninguém o viu? O que aconteceu? Pois então fale!

– Fugiu – pronunciou Púnin num sussurro rouco e quase inaudível.

– O que o senhor está dizendo?

– Fugiu – repetiu ele.

– Quem?

– Musa. Partiu à noite e deixou um bilhete.

– Um bilhete?

– Sim. Agradeço, diz, mas não volto mais. Não procurem. Nós ficamos para lá e para cá; perguntamos à cozinheira: essa não sabe de nada. Perdão, não posso falar alto. Estou sem voz.

– Musa Pávlovna os deixou! – exclamei eu. – Diga! O senhor Babúrin deve estar em desespero. O que ele pretende fazer agora?

– Ele não pretende fazer nada. Eu quis recorrer ao governador-geral: proibiu. Eu quis dar parte na polícia: proibiu e até zangou-se. Fala que é a vontade dela. Que não deseja perseguir. Até foi para o escritório trabalhar. Apenas, é claro, já não tem mais a aparência humana. Ele a amava profundamente... Oh, oh, nós dois a amávamos profundamente!

Então Púnin mostrou pela primeira vez que não era um estátua, mas um homem vivo: ergueu ambos os punhos para o alto e baixou-os no alto de sua cabeça, que reluzia como um marfim.

– Ingrata! – gemeu ele. – Quem te deu de comer, de beber, salvou, calçou,

educou; quem cuidou de você, que toda a vida, toda a alma... Mas você esqueceu tudo?
Me abandonar, é claro, não é nada, mas a Paramon Semiónitch, a Paramon...

Pedi-lhe que se sentasse, descansasse...

Púnin fez que não como a cabeça.

– Não, não é preciso. Eu vim até o senhor... Não sei porquê. Estou como tonto; deixar a casa sozinha é terrível; onde se meteu? Ficarei postado no meio da sala, fecharei os olhos e chamarei: Musa! Musotchka! Assim que você fica louco. Estou mentindo? Eu sei porque vim até o senhor. Outro dia o senhor recitou aquela maldita balada... lembra quando falava sobre um marido velho? Por que o senhor fez isso? Será que naquele momento o senhor já sabia... ou desconfiava? – Púnin olhou para mim. – Meu caro, Piotr Petróvitch – exclamou ele de repente e se pôs a tremer inteiro –, é possível que o senhor saiba onde ela se encontra? Meu caro, para quem ela fugiu?

Fiquei confuso e baixei os olhos a contragosto...

– Em sua carta ela não lhes teria dito – comecei eu...

– Ela disse que fugiu de nós porque amava outro! Meu caro, querido, o senhor com certeza sabe onde ela está! Salve-a, vá até ela; nós a convenceremos. Piedade, juiz, quem ela matou? – De repente Púnin ficou vermelho, todo o sangue subiu à cabeça, ele caiu de joelhos pesadamente. – Perdoe, pai, vá até ela!

Meu criado surgiu na soleira e deteve-se perplexo.

Deu-me muito trabalho colocar Púnin de pé novamente, fazer-lhe ver que eu até suspeitava de algo, mas que, apesar de tudo, não se pode agir assim sem pensar, sobretudo em dois; que isso apenas estragaria a coisa toda, que eu estava pronto para procurar saber, mas que não garantia nada. Púnin não retrucou, mas também não me escutou e só repetia de vez em quando, forçando a voz:

– Salve, salve-a e Paramon Semiónitch. – Por fim ele pôs-se a chorar. – Diga ao menos isso – perguntou ele – se... *ele* é bonito, é jovem?

– É jovem – respondi eu.

– É jovem – repetiu Púnin, esfregando as lágrimas pelas bochechas. – E ela é jovem... Eis de onde todo o mal vem!

Essa rima veio ao acaso; o pobre Púnin não estava para poesia. Eu daria tudo para ouvir dele novamente os discursos empolados ou ainda sua risada quase silenciosa... Que pena! Aqueles discursos haviam sumido para sempre – eu não ouviria mais a sua risada.

Prometi visitá-lo assim que soubesse de qualquer coisa positiva... No entanto, não mencionei Tarkhov. De repente Púnin curvou-se inteiro.

– Está bem, senhor, está bem, senhor, obrigado, meu senhor – observou ele com uma careta deplorável e inserindo “senhor” a cada palavra, algo que nunca havia feito antes –, só que, sabe, senhor, não diga nada a Paramon Semiónitch... senão ficará zangado! – Numa palavra: proibiu! Adeus, meu senhor!

Ao se retirar e dar as costas para mim, Púnin parecia-me tão miserável que até me admirei: e, mancando das duas pernas, ele foi coxeando a cada passo.

“Que coisa ruim! Finis,⁴⁵ como se diz” – pensei eu.

Embora eu tivesse prometido a Púnin que reuniria informações sobre Musa, entretanto, dirigindo-me naquele mesmo dia à casa de Tarkhov, eu não esperava de modo algum saber de algo, porque acreditava com certeza que ou eu não o encontraria em casa, ou ele não me receberia. Minha proposição mostrou-se falsa: encontrei Tarkhov em casa, ele me recebeu e eu até fiquei sabendo tudo o que queria saber, mas isso não teve utilidade nenhuma. Tão logo atravessei a soleira de sua porta, Tarkhov

⁴⁵“Fim”. Em latim no original.

aproximou-se de mim rápido, resoluto e radiante, os olhos ardentes no rosto bonito e iluminado, e pronunciou com firmeza e desenvoltura:

– Ouça, irmão Petia! Desconfio do porquê você veio e o que você se prepara para falar comigo; mas o previno de que se você mencionar ao menos uma palavra sobre ela, ou sobre a conduta dela, ou sobre aquilo que, a seu ver, governa o meu juízo, nós não seremos mais amigos, não seremos nem mesmo conhecidos, e lhe pedirei que seja como um estranho para mim.

Olhei para Tarkhov: ele tremia todo por dentro como uma corda esticada, ele retinia todo, mal continha as rajadas do seu sangue jovem que subia, uma felicidade forte e alegre irrompia-lhe na alma e se apoderava dele – e ele se apoderava dela.

– Essa é a sua decisão irrevogável? – proferi eu com tristeza.

– Sim, irmão Petia, irrevogável.

– Nesse caso só me resta dizer-lhe: adeus!

Tarkhov apertou ligeiramente os olhos... Ele estava muito bem naquele momento.

– Adeus, irmão Petia – disse ele um pouco anasalado, com um sorriso sincero, reluzindo com alegria todos os seus dentes brancos.

O que eu poderia fazer? Deixei-o com sua “felicidade”.

Quando bati a porta atrás de mim, ouvi que outra porta no aposento também bateu.

Eu não tinha o coração leve quando, no dia seguinte, arrastava-me à casa de meus desgraçados conhecidos. No fundo eu esperava – tal é a fraqueza do homem! – não encontrá-los em casa, e enganei-me novamente. Ambos estavam em casa. A transformação que havia se operado neles nos últimos três dias atingira a todos. Púnin

estava todo pálido e inchado. Onde se metera sua tagarelice? Ele falava com moleza e fraqueza, sempre com aquela voz roufenha, e tinha o semblante assombrado e abatido. Babúrin, por outro lado, havia encolhido e enegrecido; antes já era de poucas palavras, agora mal emitia sons entrecortados; uma expressão de severidade petrificada se congelara em seus traços.

Eu sentia que ficar em silêncio era impossível, mas o que iria dizer? Limitei-me a cochichar para Púnin: “Eu não fiquei sabendo de nada, e o meu conselho para o senhor é: não tenha qualquer esperança.” Púnin olhou para mim com seus olhinhos vermelhos e inchados – e era só isso que restava de vermelho em todo o seu rosto –, murmurou algo incompreensível e afastou-se para o lado. Babúrin provavelmente adivinhou sobre o que era minha conversa com Púnin e, descerrando seus lábios apertados, como se estivessem colados, pronunciou com voz lenta:

– Prezado senhor! Desde a sua última visita, nos aconteceu algo desagradável: nossa pupila Musa Pávlovna Vinográdova, não encontrando mais conforto em viver conosco, decidiu nos abandonar e expressou isso em uma declaração por escrito. Sem nos darmos o direito de impedi-la, deixamos que agisse a seu critério. Desejamos que esteja bem – acrescentou ele não sem esforço –, mas lhe pedimos encarecidamente que não faça menção a este assunto, bem como a semelhantes discursos inúteis e até lamentáveis.

“Então é isso, assim como Tarkhov, me proíbe de falar de Musa” – pensei eu e não podia não ficar admirado por dentro! Não sem razão ele atribuía tanta importância a Zenão. Eu queria contar-lhe algo sobre este sábio, mas não me atrevia a falar e fiz bem.

Logo fui para casa. Ao se despedirem de mim, nem Púnin, nem Babúrin disseram: “Até a vista!” – ambos pronunciaram numa só voz: “Adeus, senhor!” Púnin

até devolveu-me a edição de “O Telégrafo”⁴⁶ que eu lhe trouxera: agora, disse, não preciso mais disso.

Uma semana depois tive um encontro estranho. Uma primavera precoce começou abruptamente; ao meio-dia a canícula chegava a dezoito graus. Tudo enverdecia e subia da terra fofa e úmida. Aluguei um cavalo no haras e parti para fora da cidade, para as Colinas dos Pardais.⁴⁷ No caminho, dei com uma telega atrelada a um par de cavalos fogosos, viátkas⁴⁸ salpicados até as orelhas, com os rabos trançados, com fitas vermelhas nas franjas e crinas. Os arreios nos cavalos eram de caça, com placas de cobre e borlas – e os conduzia um jovem cocheiro elegante, vestindo uma podióvka⁴⁹ azul sem mangas, uma camisa de kanaús⁵⁰ amarela e um chapéu baixo de poiárka⁵¹ com uma pena de pavão ao redor da copa. Ao lado dele estava sentada uma jovem pequena-burguesa ou da classe dos comerciantes, vestida com uma katsaveika⁵² de brocado estampada, com um grande lenço azul claro na cabeça, que caía na risada. O cocheiro também estava sorrindo. Voltei meu cavalo para o lado, e de outro modo não teria prestado especial atenção ao alegre casal que passava rapidamente, quando de repente o rapaz gritou para os cavalos... Mas essa é a voz de Tarkhov! Olhei para trás... De fato era ele; é evidente que ele estava vestido como um cocheiro, e não seria Musa ao lado dele?

Mas neste momento os viátkas arrancaram e só eu os vi. Eu ia soltar meu cavalo a galope atrás deles, mas este era um velho drabant⁵³ de pista, com aquela chamada

⁴⁶*O Telégrafo de Moscou* (1825-1834), a primeira revista enciclopédica russa segundo o modelo das revistas inglesas. Teve papel importante no Romantismo russo dos anos 30.

⁴⁷Colina localizada à margem direita do rio Moscou. Trata-se de um dos pontos mais altos da cidade, atingindo de 60 a 70 metros acima do nível do rio.

⁴⁸Raça de cavalos de médio porte originária da atual região do oblast de Kirov. Em meados do século XIX foi considerado o melhor cavalo para puxar troicas.

⁴⁹Casaco pregueado na cintura.

⁵⁰Tecido de seda de baixa qualidade.

⁵¹Lã do primeiro corte da pelagem da ovelha.

⁵²Jaqueta curta forrada de pele.

⁵³Soldado da cavalaria montada.

marca oscilante de general: ele ia a um galope mais devagar do que a trote.

– Descanse, meu caro! – resmunguei eu entre dentes.

É preciso observar que eu não vira Tarkhov ao longo de toda a semana, embora tivesse ido até ele umas três vezes. Ele nunca estava em casa. Também não havia visto Babúrin e Púnin... Não fui visitá-los.

Apanhei um resfriado em meu passeio: embora estivesse muito calor, o vento soprava penetrante. Fiquei gravemente doente e, quando sarei, eu e vovó partimos para a aldeia – “para o pasto” – por recomendação do doutor. Não fui mais para Moscou; no outono mudei para a universidade de Petersburgo.

III

1849

Já havia se passado não sete, mas doze anos inteiros, e eu completara trinta e dois anos. Vovó havia falecido há muito tempo; eu vivia em Petersburgo onde era funcionário do Ministério do Interior. Havia perdido Tarkhov de vista: ele ingressara no serviço militar e ficava quase sempre na província. Encontrei-me com ele umas duas vezes de modo cordial e amigável; mas nossas conversas não tratavam do passado. Na época de nosso segundo encontro ele, se bem me lembro, já estava casado. Certa vez, num dia tórrido de verão, eu, amaldiçoando o exercício de minhas funções que me seguravam em Petersburgo, o calor sufocante da cidade, o fedor e a poeira, encaminhava-me pela rua Gorókhova. Um cortejo fúnebre cortou meu caminho. Era formado todo por um único carro, isto é, propriamente falando, por uma carroça decrepita grosseiramente conduzida aos solavancos pela calçada acidentada, na qual

sacudia um caixão de madeira deplorável, coberto até a metade por um tecido preto surrado. Um velho de cabeça branca se sobressaía sozinho atrás do carro funerário.

Olhei atentamente para ele... O rosto era conhecido... Ele também lançou-me um olhar... Meu Deus! Mas este é Babúrin!

Tirei o chapéu, me aproximei dele, me apresentei – e pus-me a andar ao seu lado.

– Quem o senhor está enterrando? – perguntei eu.

– Nikandr Vavílytch Púnin – respondeu ele.

Eu pressenti, eu sabia de antemão que ele diria esse nome, mesmo assim senti um aperto no coração. Fiquei triste, mas também feliz, pois a ocasião havia me dado a possibilidade de prestar as últimas honras ao meu mentor...

– Posso ir com o senhor, Paramon Semiónitch?

– Pode... Eu o estava acompanhando sozinho; agora seremos dois.

Nossa procissão prolongou-se por mais de uma hora. Meu companheiro avançava sem erguer os olhos nem descerrar os lábios. Ele havia se tornado definitivamente um velho desde a última vez que eu o vira; o rosto encovado, enrugado e cor de cobre se destacava nitidamente dos cabelos brancos. Marcas de uma vida laboriosa e penosa, de lutas constantes, revelavam-se em todo o ser de Babúrin: a pobreza e a miséria o roeram. Quando tudo acabou, quando aquilo que havia sido Púnin desapareceu para todo o sempre na úmida... na de fato úmida terra do cemitério Smoliénski, Babúrin, detendo-se por uns dois minutos com a cabeça baixa e descoberta diante do pequeno monte de argila arenosa recém-levantado, voltou para mim seu rosto macilento, como que obstinado, seus olhos secos e encovados, agradeceu-me de modo sombrio e quis se retirar; mas eu o detive.

– Onde o senhor está morando, Paramon Semiónitch? Permita-me que lhe faça

uma visita. Eu de modo algum sabia que o senhor estava morando em Petersburgo. Lembraríamos dos velhos tempos, conversaríamos sobre nosso falecido amigo.

Babúrin não me respondeu de imediato.

– É o terceiro ano que estou em Petersburgo – proferiu ele afinal –, moro bem no fim da cidade. Aliás, se o senhor quer mesmo me visitar, então venha. – Ele me deu seu endereço. – Venha à noite; nós sempre estamos em casa à noite... nós dois.

– Vocês... dois?

– Sou casado. Minha esposa não está muito bem de saúde hoje; por isso ela não acompanhou o falecido. E, aliás, uma pessoa basta para cumprir essa formalidade vazia, essa cerimônia. Quem acredita em tudo isso?

Fiquei um tanto surpreso com as últimas palavras de Babúrin, no entanto, não disse nada, peguei uma carruagem e ofereci deixar Babúrin em casa, mas ele recusou.

Naquela mesma noite me dirigi à casa dele. Pensei em Púnin o caminho todo. Lembrei-me da primeira vez em que o encontrei e como ele era entusiasmado e divertido naquela época; depois em Moscou, como estava sereno, sobretudo em nosso último encontro; mas agora sua conta com a vida estava completamente paga: ela não está para brincadeira! Babúrin vivia no lado de Víborgski, numa casinha que me fazia recordar de seu pequeno ninho moscovita: o petersburguês era quase mais pobre ainda. Quando entrei em sua casa, ele estava sentado num canto da mesa, com as duas mãos sobre os joelhos; uma vela de sebo que se consumia iluminava fracamente sua cabeça branca inclinada. Ele ouviu o som de meus passos, agitou-se

e cumprimentou-me com mais hospitalidade do que eu esperava. Passados alguns minutos, sua esposa apareceu: nela reconheci Musa imediatamente – e só então entendi porque Babúrin me convidara para a sua casa: ele queria me mostrar que, apesar de tudo, havia alcançado seu objetivo.

Musa mudara bastante – de rosto, de voz e de gestos; mas, acima de tudo, seus olhos haviam mudado. Outrora eles corriam como mercúrio, esses olhos maus, esses olhos bonitos; eles faiscavam furtivamente, mas com vivacidade; seu olhar picava como um alfinete... Agora eles olhavam de frente, com tranquilidade e fixamente; as pupilas negras haviam se apagado. “Sou rendida, sou tranquila, sou boa” – parecia dizer seu olhar manso e inexpressivo. Isso também dizia seu constante sorriso submisso. Seu vestido era modesto: marrom com pequenas bolinhas. Ela se aproximou de mim primeiro e perguntou se eu a reconhecia. Ela, era evidente, não se constrangera, e não porque ela havia perdido a vergonha ou a memória, mas simplesmente porque sua vaidade havia desaparecido. Musa falou bastante sobre o falecido Púnin, falava com voz também fria e uniforme. Fiquei sabendo que no último ano ele estava completamente débil, quase voltara à infância, de forma que até chegava a se aborrecer sem seus brinquedos; é verdade que o convenceram a costurá-los com trapos para vender... mas ele próprio se divertia com eles. Sua paixão pelos versos, no entanto, não se extinguiu e a memória não conservara nada além de versos: alguns dias antes de sua morte, ele ainda declamava a *Russíada*; em compensação, tinha medo de Púchkin, como uma criança que tem medo do bicho-papão. Seu apego a Babúrin tampouco diminuía: ele o venerava como antes e, já envolto pelo frio e pelas trevas da morte, ainda balbuciava com a fala tremida: “Benfeitor!” Também fiquei sabendo por Musa que, logo após o ocorrido em

Moscou, Babúrin pôs-se a percorrer a Rússia novamente, mudando de um emprego privado para outro; que, em Petersburgo, tornou a se empregar num serviço privado, o qual, por outro lado, fora forçado a abandonar há alguns dias por causa de um aborrecimento com o patrão: Babúrin inventou de intervir em favor dos operários... O sorriso constante de Musa, que acompanhava seu discurso, fazia-me ter pensamentos tristes; ela completava a impressão que a figura de seu marido suscitava em mim. Ambos conseguiam o pão de cada dia com dificuldade – disso não havia dúvida. Ele mesmo pouco participava de nossa conversa: parecia muito mais preocupado do que amargurado... Alguma coisa o atormentava.

– Paramon Semiónitch, faça o favor – disse a cozinheira, surgindo subitamente na soleira da porta.

– O que foi? Do que precisa? – perguntou ele aflito.

– Faça o favor – repetiu a cozinheira com muita persistência. Babúrin se abotoou e saiu.

Quando fiquei sozinho com Musa, ela olhou para mim com o olhar um pouco alterado e pronunciou com a voz também alterada e já sem o sorriso:

– Não sei, Piotr Petróvitch, o que o senhor pensa de mim agora, mas acredito que o senhor se lembra de como eu era... Eu era presunçosa, jovial... e má; queria viver à larga. Mas agora lhe digo isso: quando me abandonaram e eu estava como que desnorteada, só esperava que, ou Deus me recolhesse, ou que tivesse coragem suficiente para me suicidar, e novamente, como em Voronej, encontrei-me com Paramon

Semióntich e mais uma vez ele me salvou... Não ouvi uma palavra ofensiva dele, não ouvi nem uma única recriminação, ele não exigiu nada de mim; eu não era digna dele, mas ele me amava... e eu me tornei sua esposa. O que eu poderia fazer então? Não consegui morrer; viver como eu queria também não era possível... Onde então iria me meter? E isso é misericórdia. Isto é tudo.

Ela se calou e virou-se por um instante... o sorriso resignado de antes surgiu novamente em seus lábios: “Não me pergunte se está sendo fácil viver” – era o que agora parecia-me dizer esse sorriso.

A conversa passou para assuntos corriqueiros. Musa contou-me que Púnin havia deixado um gato do qual gostava muito, mas que, com a sua morte, fugira para o sótão e lá ficava sempre a miar, como se chamasse alguém... os vizinhos ficavam muito assustados e imaginavam que a alma de Púnin havia passado para o gato.

– Paramon Semióntich está alarmado com alguma coisa – disse eu afinal.

– Então o senhor reparou? – Musa deu um suspiro. – É impossível ele não se preocupar. É inútil lhe contar que Paramon Semióntich permanece fiel às suas convicções... A atual ordem das coisas só poderia reforçá-las. (Musa se expressava de modo completamente diferente daquele manifestado em Moscou: sua fala recebera nuances literárias e eruditas.) Por outro lado, não sei se poderia confiar no senhor e como o receberá...

– Por que a senhora acredita que não pode confiar em mim?

– Pois o senhor está em serviço, o senhor é um funcionário público.

– Bem, mas e daí?

– O senhor, por conseguinte, é leal ao governo.

Admirei-me por dentro... com a inocência de Musa.

– Sobre minhas relações com o governo, o qual nem suspeita de minha existência, não irei me estender – proferi –, mas a senhora pode ficar tranquila. Não usarei da sua confiança para o mal. Com as convicções de seu esposo eu simpatizo... mais do que a senhora acredita.

Musa meneou a cabeça.

– Sim; bem, então – começou ela um pouco hesitante –, já que é assim. Pode ser que as convicções de Paramon Semiónitch em breve tenham que se mostrar na prática. Elas não podem mais permanecer em sigilo. Há camaradas que não se pode deixar para trás agora...

Musa se calou de repente, como se mordesse a língua. Suas últimas palavras me assombraram e amedrontaram um pouco. É provável que meu rosto tenha expressado o que sentia, e Musa percebeu isso.

Já contei que nosso encontro aconteceu no ano de 1849. Muitos ainda se lembram como esse tempo foi duro e angustiante e quais acontecimentos o marcaram em São Petersburgo.⁵⁴ Eu mesmo ficara estupefato com algumas estranhezas no comportamento de Babúrin, em todo o seu jeito. Umás duas vezes ele opinou sobre as ordens do governo e altos dignatários com tal ódio e amargor, com tal repugnância, que fiquei perplexo...

– Mas, e então? – perguntou-me ele de repente – O senhor libertou os seus camponeses?

Fiquei constrangido ao reconhecer que não.

– Mas, decerto, é provável que a avozinha tenha falecido?

Isso fui obrigado a reconhecer que sim.

⁵⁴Alarmado com a perspectiva das revoluções de 1848 se estenderem pela Rússia, o tsar Nikolai I reprimiu organizações como o Círculo Petrachévski, grupo de discussões composto por intelectuais de mentalidade progressista de São Petersburgo. Em 1849, membros do Círculo foram presos.

– Ora, ora, o senhor, um nobre fidalgo – resmungou Babúrin entre dentes... – Puxar a brasa... para a sua sardinha... é disso que o senhor gosta.

Em seu quarto, no lugar mais visível, estava pendurada uma litografia do retrato de Belínski;⁵⁵ na mesa estava um volume antigo do *Estrela polar*, de Bestujev.⁵⁶

Babúrin demorou a voltar depois que a cozinheira o chamou. Musa olhou com inquietação algumas vezes para a porta por onde ele saía. Por fim ela não se conteve, levantou-se, desculpou-se e também saiu pela mesma porta. Um quarto de hora depois, ela estava de volta com o marido; o rosto de ambos, pelo menos assim me pareceu, expressava embaraço. Mas então de súbito o rosto de Babúrin adotou uma outra expressão, obstinada, quase frenética...

– Qual será então o fim disto? – ele se pôs a falar de repente com uma voz entrecortada e ofegante, que não lhe era peculiar de maneira alguma, passando ao redor seus olhos vagos e selvagens. – A pessoa vive, vive, na esperança, de que, quem sabe, as coisa melhorem, seja mais fácil respirar –, mas, ao contrário disso, tudo vai de mal a pior! Já totalmente *espremidos* contra a parede! Eu sofri de tudo na mocidade; Em mim... pode ser... até bateram... sim – acrescentou ele girando bruscamente nos calcanhares e como que se atirando sobre mim –, eu, já homem feito, recebia torturas físicas... sim; e nem estou falando de outras injustiças... Mas será que devemos voltar... aos tempos passados? O que estão fazendo agora com a gente jovem! Ora, pois no final isso vai estourar toda a paciência... Estourar! Sim! Pode esperar!

Eu nunca havia visto Babúrin em semelhante estado. Musa chegara a ficar toda pálida... De repente Babúrin teve um acesso de tosse e deixou-se cair num banco. Não

⁵⁵Vissarión Bielínski (1811-1848), ensaísta, filósofo e crítico literário russo. Teve papel importante no desenvolvimento da crítica e da literatura russa ao publicar ensaios sobre os grandes escritores como Liérmontov, Púchkin, Gógol, Dostoiévski, entre outros.

⁵⁶*Estrela polar* foi um almanaque literário russo, publicado em São Petersburgo de 1822 a 1825. Seus editores principais eram Alexandr Bestujev e Kondrati Riliéev.

querendo incomodar nem a ele, nem a Musa com minha presença, decidi ir embora e já me despedia deles quando, de repente, a porta do cômodo vizinho abriu-se e surgiu uma cabeça...Não era a cabeça da cozinheira, mas a cabeça assustada de um jovem.

– Uma desgraça, Babúrin, uma desgraça! – balbuciou ele às pressas, mas então escondeu-se imediatamente ao ver minha figura desconhecida.

Babúrin lançou-se para fora atrás do jovem. Dei um forte aperto de mão em Musa e retirei-me com um pressentimento ruim no coração.

– Venha amanhã – cochichou ela com inquietação.

– Virei sem falta – respondi.

No dia seguinte, eu ainda estava na cama quando meu criado entregou-me uma carta de Musa.

“Prezado senhor, Piotr Petróvitch! – escreveu ela – Guardas prenderam Paramon Semiólnitch esta noite e o conduziram para a praça-forte ou não sei onde: eles não me disseram. Reviraram todos os nossos papéis, selaram vários e levaram com eles. Também os livros e as cartas. Dizem que na cidade foi presa uma multidão de gente. O senhor pode imaginar o que estou sentindo. O bom é que Nikandr Vavílich não chegou a viver para ver isso! Ele partiu a tempo. Aconselhe-me sobre o que fazer. Não temo por mim mesma – não morrerei de fome –, mas o pensamento em Paramon Semiólnitch não me dá sossego. Venha, por favor, apenas se o senhor não teme visitar gente na nossa posição.

Sempre às ordens, Musa Babúrina.”

Meia hora depois eu estava na casa de Musa. Ao me ver, estendeu a mão e, embora não tivesse pronunciado palavra, uma expressão de gratidão brilhou em seu rosto. Usava o vestido do dia anterior: em tudo notava-se que ela não havia se deitado e nem dormira a noite inteira. Tinha os olhos vermelhos, mas de insônia, não de lágrimas. Ela não havia chorado. Não estava para isso. Ela queria agir, queria lutar contra a infelicidade que a atingira: a Musa de antes, enérgica e insubordinada, havia ressuscitado nela. Não tinha tempo nem de se indignar, apesar de a indignação sufocá-la. Como ajudar Babúrin, a quem recorrer para aliviar seu destino – ela não pensava em outra coisa. Queria ir imediatamente... pedir... exigir... Mas ir aonde? Pedir a quem? Exigir o quê? – era isso o que ela desejava ouvir de mim, era sobre isso que desejava se aconselhar comigo.

Comecei lhe aconselhando... a ter paciência. De início não havia nada a fazer, mas apenas esperar e, na medida do possível, pegar informações. Tomar qualquer decisão agora, quando o caso mal começara, mal se desenrolara, era simplesmente inconcebível, uma loucura. Ter esperança de êxito era uma loucura, até se eu gozasse de muito mais importância e influência... mas o que poderia fazer, um mísero funcionário? Ela também não tinha ninguém que oferecesse proteção...

A custo fiz-lhe ver tudo isso... Mas por fim ela compreendeu meus argumentos; também compreendeu que não era um sentimento egoísta que me guiava quando dei provas da inutilidade de todas as tentativas.

– Mas diga, Musa Pávlovna – comecei eu quando por fim ela se sentou na cadeira (até então permanecera o tempo todo em pé, como se estivesse se preparando para ir ajudar Babúrin no mesmo instante) –, de que maneira Paramon Semiónitch, em sua idade, foi apanhado nesta história? Estou certo de que estão envolvidos nisso apenas

jovens semelhantes àquele que veio avisá-los ontem à noite...

– Esses jovens são nossos amigos! – exclamou Musa e seus olhos brilharam e correram como antigamente. Parecia que algo forte, incontrolável erguia-se do fundo de sua alma... e de repente lembrei-me do título “novo tipo”, outrora dado a ela por Tarkhov. – A idade dele não significa nada quando o assunto são convicções políticas! – Musa deu ênfase especial a estas duas últimas palavras. Podia-se pensar que, apesar de toda a sua dor, não lhe era desagradável mostrar-se diante de mim sob essa nova e inesperada luz, sob a luz de mulher culta e madura, digna da esposa de um republicano! – Alguns velhos são mais jovens que certos moços – continuou ela –, mais capazes de sacrifícios... Mas essa não é a questão.

– Me parece, Musa Pávlovna – observei eu –, que a senhora está exagerando um pouco. Conhecendo o caráter de Paramon Semiónitch, eu estaria certo de antemão que ele simpatizaria com todo... impulso honesto; mas, por outro lado, sempre o considerei um homem sensato... Será que ele não entende toda a impossibilidade, todo o absurdo das conspirações aqui na Rússia! Em sua posição, em sua condição...

– É claro – interrompeu Musa com voz amarga –, ele é um pequeno-burguês; e na Rússia só os nobres podem tramar conspirações, como, por exemplo, no catorze de dezembro...⁵⁷ pois foi isso o que o senhor quis dizer.

“Nesse caso, do que a senhora está se queixando?” – quase deixei escapar... no entanto, me contive.

– Então a senhora acredita que o resultado do catorze de dezembro teve características tais que é necessário incentivar outros? – pronunciei em voz alta.

Musa franziu o cenho. “Não há o que discutir com você sobre isso” – li em seu

⁵⁷A Revolta Dezembrista foi um levante organizado por um grupo da nobreza, dentre o qual havia oficiais da Guarda, na tentativa de evitar a ascensão do tsar Nikolai I ao trono. Ocorrida em São Petersburgo, a capital do Império Russo, em 14 de dezembro de 1825, a revolta tinha como objetivo a abolição da autocracia e da servidão.

rosto abatido.

– Paramon Semiónitch é muito comprometido? – decidi perguntar afinal. Musa não respondeu nada... Um miado selvagem e faminto ressoou do sótão.

Musa estremeceu.

– Ah, que bom que Nikandr Vavíltch não viu tudo isso! – proferiu num gemido quase desesperado. – Ele não viu como à noite agarraram à força o seu benfeitor, o nosso benfeitor, talvez o melhor e mais honesto homem de todo o mundo –, não viu como trataram um ancião respeitável, como o chamaram por “você”... como o ameaçaram – e por que ameaçaram? Apenas porque ele é um pequeno-burguês! Esse jovem oficial também deve ser um desses desalmados sem consciência, que a mim e a minha vida...

A voz de Musa quebrou-se. Ela tremia inteira, como uma folha.

Uma indignação contida há muito tempo enfim rompeu-se; velhas recordações se alvoroçaram para fora, abaladas e despertadas pela total ansiedade de sua alma... Mas, no fundo, nesse momento *eu* me convenci de que o “novo tipo” permanecera nela, naquela natureza entusiasmada e apaixonada... Só que Musa já não se entusiasmava pelo mesmo motivo de quando era mais jovem. Aquilo que em minha primeira visita tomei como renúncia, como mansidão, e que de fato era – esse olhar calmo e passivo, essa voz fria, essa retidão e simplicidade –, tudo isso só fez sentido em relação ao passado, ao que não volta mais...

Agora o presente se manifestava.

Eu me esforçava para acalmar Musa, me esforçava em mudar nossa conversa para um terreno mais prático. Era preciso tomar medidas mais imediatas: saber onde exatamente Babúrin se encontrava; e depois arranjar para ele e para Musa um meio de

subsistência. Tudo isso apresentava grandes dificuldades; era necessário ir direto encontrar não dinheiro, mas trabalho, que, como se sabe, é uma tarefa muito mais complicada...

Saí da casa de Musa com um enxame de pensamentos na cabeça.

Logo fiquei sabendo que Babúrin estava na praça-forte...

O processo começou... se arrastou. Toda semana eu via Musa várias vezes. Ela também tinha vários encontros com o marido. Mas bem no momento da solução de toda essa história, eu não estava em Petersburgo. Imprevistos me obrigaram a ir para o sul da Rússia. Na época de minha ausência, fiquei sabendo que Babúrin fora absolvido pelo tribunal: verificou-se que toda sua culpa consistia apenas no fato de que ele, como pessoa, não era capaz de despertar suspeita por ter se reunido com jovens algumas vezes e presenciar essas conversas; no entanto, ordens administrativas o desterraram para viver em uma das províncias da Sibéria ocidental. Musa foi com ele.

“Paramon Semiónitch não queria isso – escreveu-me ela –, porque, em sua opinião, ninguém está no direito de se sacrificar por outra pessoa, nem por uma causa; mas eu lhe respondi que não há sacrifício nenhum nisso. Quando lhe disse em Moscou que seria sua esposa, pensei comigo: para todo o sempre e inviolável! Assim inviolável deve permanecer até o fim dos dias...”

IV

1861

Mais doze anos se passaram... Todos na Rússia sabiam e para sempre se lembrariam do que havia ocorrido entre os anos de 1849 e 1861. E em minha vida

particular aconteceram muitas mudanças sobre as quais, aliás, não há porque me estender. Nela surgiram novos interesses, novas preocupações... De início, o casal Babúrin foi relegado para segundo plano, depois desapareceu completamente. No entanto, continuei a me corresponder com Musa – muito de vez em quando, é verdade; às vezes passava mais de um ano sem qualquer notícia dela ou de seu marido. Fiquei sabendo que, logo após o ano de 1855, ele foi autorizado a regressar à Rússia; mas queria mesmo permanecer naquela pequena cidadezinha siberiana, para onde o destino o levara e onde, pelo visto, fizera seu ninho, encontrara abrigo, um círculo de atividades...

E então no final do mês de março do ano de 1861, recebi a seguinte carta de Musa:

“Faz tanto tempo que não lhe escrevo, respeitável P. P., que nem sequer sei se o senhor está vivo; e se está vivo, se não teria se esquecido de nossa existência? Mas tanto faz; não posso deixar de lhe escrever hoje. Até agora tudo nos vai indo como antes; Paramon Semiónitch e eu nos dedicamos às nossas escolas, que progridem pouco a pouco; além disso, Paramon Semiónitch se dedica à leitura, à correspondência e às suas habituais discussões com velhos crentes,⁵⁸ clérigos e poloneses exilados; ele está bem de saúde... E eu também. Mas então ontem o manifesto de 19 de fevereiro⁵⁹ chegou até nós! Há muito tempo nós o esperávamos, há muito tempo corriam boatos desde aquilo que se passou com o senhor em Petersburgo... mas não posso descrever-lhe como foi isso! O senhor conhece bem o meu marido; a infelicidade não o mudou nem um pouco, pelo contrário, ele ficou ainda mais forte e enérgico. (Não posso esconder que Musa escreveu: inérgico.) Sua força de vontade é de ferro, mas isso ele não pode suportar! As

⁵⁸Assim são chamados os fiéis que se separaram da Igreja Ortodoxa Russa oficial e mantiveram as velhas práticas litúrgicas como forma de protesto contra as reformas introduzidas pelo Patriarca Nikon entre 1652 e 1666.

⁵⁹Manifesto de Emancipação, que, em 3 de março de 1861 (19 de fevereiro de 1861, no calendário juliano), proclamou a emancipação dos servos.

mãos tremiam-lhe enquanto lia; depois ele me abraçou três vezes e três vezes me beijou, queria dizer alguma coisa, mas não! Não podia! Acabou derramando algumas lágrimas, o que foi muito espantoso de se ver, e de repente gritou: “Hurra! Hurra! Deus, salve o tsar!”⁶⁰ Sim, Piotr Petróvitch, estas mesmas palavras! Depois acrescentou: “Agora despedes...”⁶¹ e, ainda: “Esse é o primeiro passo, ao qual outros devem se seguir”; e do jeito que estava, com a cabeça descoberta, correu para dar essa grande novidade aos nossos amigos. Fazia muito frio e até começava uma nevasca, tentei impedi-lo, mas ele não me ouviu. E quando chegou em casa estava todo coberto de neve, os cabelos, o rosto e a barba – agora sua barba vai até o peito – e até as lágrimas no rosto haviam congelado! Mas ele estava muito vivo e alegre, me disse para abrir uma garrafa de Tsimliánsk⁶² e, junto com nossos amigos que ele trouxera consigo, bebeu à saúde do tsar, da Rússia e de todos os russos livres; e, pegando a taça e baixando os olhos para o chão, disse: “Nikandr, Nikandr, está me ouvindo? Não há mais escravos na Rússia! Regozije-se no caixão, velho camarada!” E assim falou muitas vezes ainda, que “minhas esperanças”, disse, “se realizaram!”. Falou também que agora já é impossível de voltar atrás... que isso é uma espécie de garantia ou promessa... Não me lembro de tudo, fazia tempo que eu não o via assim feliz. Então decidi escrever-lhe para que o senhor soubesse como nós nos alegamos e rejubilamos nos longínquos desertos siberianos, para que o senhor se alegrasse conosco...”

Recebi essa carta no final de março; mas no início de maio chegou outra, uma carta muito mais curta do que essa, também de Musa. Ela me informava que seu

⁶⁰Nome da canção que foi hino nacional da Rússia de 1833 a 1917. Com melodia do príncipe Aleksei Fiodorovitch Lvov e letra do poeta Vassíli Jukóvski.

⁶¹Referência às palavras de abertura da passagem bíblica *Nunc dimittis* (Lucas 2:29-32), onde Simeão se encontra com Jesus Cristo, pois havia recebido a promessa do Espírito Santo de que não morreria até ver o Salvador: “Agora despedes, Senhor, em paz o teu servo, segundo a Tua palavra”.

⁶²Cidade localizada à margem direita do rio Don, famosa pela produção de vinho tinto espumante.

marido, Paramon Semiónitch Babúrin, tendo apanhado um resfriado no mesmo dia da chegada do manifesto, falecera no dia 12 de abril de pneumonia, aos sessenta e sete anos de idade. Ela acrescentou que tinha a intenção de permanecer lá, onde seu corpo repousava, e continuar com o trabalho que ele havia legado, pois esse fora o último desejo de Paramon Semiónitch – e para ela não havia outra lei.

Desde então, não tive mais notícias de Musa.

2.1. Sobre a tradução

Para a realização da tradução da novela *Púnin e Babúrin* foi utilizado o texto da edição das Obras Completas de Turguêniev em dez volumes, de 1961. Além disso, foi feito um cotejo com a tradução para o francês de Édith Scherrer, editada pela Gallimard em 1986; com a tradução para o inglês de Sidney Jerrold, com quem Turguêniev chegou a se corresponder, publicada em 1884; e com a tradução de 1899 de Constance Garrett, que afirmou: “Turguêniev é o mais difícil dos russos de traduzir, porque é o mais belo”.⁶³

Na afirmação do teórico da tradução Paulo Henriques Britto: “O tradutor precisa ter consciência de que, estritamente falando, nem tudo é traduzível; em certas circunstâncias, o máximo que ele pode conseguir é uma solução muito insatisfatória.”⁶⁴ De fato, a linguagem de Turguêniev por vezes apresenta uma musicalidade e aliterações, especialmente nas descrições da natureza, que aproximam a prosa da poesia e desafiam o trabalho do tradutor. Um exemplo disso é a fala de Púnin em tom eclesiástico: “А то странствуешь, странствуешь, приюта не обретается, тревоги житейские не прекращаются, душа сомуцается...”⁶⁵

Ademais, outros elementos podem causar dificuldade para a tradução de um texto original em russo para o português. É o caso dos pronomes pessoais, em razão do grau de formalidade que podem carregar, e que nesta obra de Turguêniev se destacam de modo especial. Assim sendo, a opção foi por traduzir o pronome pessoal russo de segunda pessoa do singular, *ты* (*ti*), por “você” e o de segunda pessoa do plural *вы* (*vi*) por “o senhor/a senhora”, visto que os correspondentes em português “tu” e “vós”

⁶³GARRETT, 1947, p. 195 apud MAY, 1994, p. 24. “Turgenev is much the most difficult of the Russians to translate because his style is the most beautiful.”

⁶⁴BRITTO, 2012, p. 117.

⁶⁵“Mas aquele vagueia, vagueia, não encontra refúgio, as inquietações da vida não cessam, a alma se aflige...”

fariam com que o texto soasse um tanto arcaico e menos fluido. O emprego do pronome *вы* está relacionado a uma questão de formalidade na cultura russa e transmite a ideia de respeito. O que leva a personagem Babúrin a se sentir incomodada, no primeiro capítulo, ao perceber que a avó do narrador não adota essa forma para se dirigir a ele:

- Seu sobrenome é Babúrin? – perguntou vovó e então acrescentou para si mesma: – *Il a l'air d'un arménien.*
- Exatamente, minha senhora – respondeu este com uma voz surda e regular. À primeira palavra de minha avó: “seu” – suas sobrancelhas estremeçeram ligeiramente. Será que estava esperando que ela fosse tratá-lo por “senhor”, dizer a ele: o senhor?

Como era uma tirana, a velha proprietária certamente não trataria por “senhor” um membro de uma classe social inferior em vias de se tornar mais um de seus empregados, aos quais chamava de “súditos”. Em português, outra opção seria utilizar os verbos “vosear” e “tutear”, no sentido de “tratar por vós” e “tratar por tu”, respectivamente. No entanto, essas também são expressões em desuso na língua corrente.

Na tradução para o francês, foram utilizados os pronomes “tu” e “vous”, que, assim como os correspondentes em russo, também denotam formalidade: “Au premier mot de grand-mère, ‘ton’, ses sourcils avaient légèrement frémi. S’attendait-il donc à ce qu’elle le vouvoie, à ce qu’elle lui dise ‘vous’?”. A tradução de Jerrold apresenta o pronome pessoal de segunda pessoa “thy”, que atualmente é arcaico e caiu em desuso no inglês moderno:

- “Thy surname is Babúrin?” enquired my grandmother, and immediately added to herself, “*Il a l'air d'un arménien,*”
- “That is so, Madam,” he replied in a muffed, monotonous voice. At my grandmother first word – “Thy,”* a sight frown passed over his face. Surely he did not imagine that she would say “you” to him!

O tradutor recorreu a uma nota explicativa para mostrar a diferença de tratamento ao se utilizar “thou/thy” em vez de “you/your”, esclarecendo que, por não haver intimidade entre os falantes, o pronome denota a inferioridade daquele com quem se

fala: “‘Thou,’ if not used to an equal on the most familiar terms with the speaker, denotes the inferiority of the party addressed.” Garret, por outro lado, preferiu explicar em sua tradução que Babúrin gostaria de ser tratado como um igual pela senhora: “So your name's Babúrin?' [...] At the first brusque sound of my grandmother's voice his eyebrows faintly quivered. Surely he had not expected her to address him as an equal?” Entretanto, sem uma menção à questão da linguagem informal empregada ou da diferenciação dos pronomes, tal explicação fica sem fundamento.

Algo semelhante acontece mais adiante, quando Púnin tem seu primeiro contato com o narrador e o trata como se houvesse intimidade entre eles, o que causa estranhamento em Piotr Petróvitch:

Saí para a clareira. O desconhecido sorriu.
– Bom dia – disse eu.
– Bom dia, senhorzinho!
Não me agradou que tenha me chamado de senhorzinho. Que intimidade!

Mais tarde, Púnin torna a adotar um tratamento mais íntimo e incomum com o narrador quando intervém na discussão entre este e Babúrin, que acabavam de se conhecer: “Ah, senhorzinho, senhorzinho! – exclamou, agitando as mãos ao acaso e caindo em seu riso silencioso – Querido! Veio me visitar! Você veio, querido! (“O que é isso? – pensei eu – Então ele de fato disse “você” para mim?”). O jovem Piotr Petróvitch fora repreendido por entrar no quarto de Babúrin sem se anunciar, o que o deixara irritado, pois se tratava de um nobre sendo admoestado por um criado, mas, ainda assim, eles se tratam por *вы*. Logo, o narrador fica surpreso quando Púnin aparece e se dirige a ele com o pronome *ты*. Na tradução de Jerrold, infelizmente esse parêntese utilizado pelo narrador no meio da fala de Púnin foi suprimido; já na tradução de Garrett, esse pensamento de Piotr Petróvitch foi traduzido por: “(What's the meaning of it? I thought can he be speaking in this familiar way to me?)”, evidenciando

o desconforto do jovem com a intimidade de Púnin. Na tradução de Scherrer, o pronome foi adequadamente trocado por seu equivalente na língua francesa: “(Qu’est-ce que cela? pensai-je, est-ce que vraiment il me dit “tu”?)”.

No segundo capítulo, Púnin aparece agitado no apartamento do narrador para lhe contar sobre a fuga de Musa. Ao se despedir, ele se dirige a Piotr Petróvitch utilizando a expressão “сударь” e a partícula “-с”, que são formas de tratamento bastante formais e polidas:

– Хорошо-с, хорошо-с, спасибо-с, – заметил он с убогой ужимочкой и вставляя **слово-ерикки**, чего он прежде никогда не делал, – только, знаете-с, Парамону Семенычу не говорите-с ничего-с... а то он рассердится! Одно слово: запретил! Прощайте-с, **сударь!**

Isso é digno de nota da parte do narrador, já que, desde o primeiro contato, sempre fora tratado por Púnin com familiaridade. Escolhemos traduzir a expressão por “meu senhor”, para transmitir a ideia de formalidade e respeito: “– Está bem, senhor, está bem, senhor, obrigado, meu senhor – observou ele com uma careta deplorável e inserindo “senhor” a cada palavra, algo que nunca havia feito antes [...]”. Nas traduções para o inglês, tanto Jerrold quanto Garrett optam pela forma “sir”: “using a form of address which he never before had used” e “using the word ‘sir’, which he had never done before”. Já Scherrer utiliza “monsieur”, um termo equivalente em francês: “et me donnant du monsieur à chaque mot, ce qu’il n’avait jamais fait auparavant”.

Por fim, no terceiro capítulo, quando Babúrin é preso por envolvimento com um grupo de conspiradores contra o governo, Musa reclama da forma como os oficiais o tratam: “[...] não viu como trataram um ancião respeitável, como o chamaram por ‘você’... como o ameaçaram – e por que ameaçaram? Apenas porque ele é um pequeno-burguês!” Apesar de já ser um senhor de certa idade, o republicano não recebeu um

tratamento formal e respeitoso por ser um pequeno-burguês envolvido com atividades ilícitas.

Outro recurso a que Turguêniev lançou mão em alguns momentos nesta obra, como forma de matizar a linguagem das personagens Púnin e Musa, que, até onde se sabe, não receberam educação formal, foi o erro de pronúncia e grafia. Por ocasião de sua primeira conversa com Púnin, o narrador menciona sua governanta. Ao perguntar sua nacionalidade, Púnin pronuncia errado a palavra “francesa” e usa uma corruptela para a palavra “mademoiselle”:

- Uns dois meses, não mais; vovó diz que fico mimado quando estou na aldeia. Tem uma governanta aqui comigo.
- Franciesca?
- Francesa.
- Púnin coçou atrás da orelha.
- Ou seja, uma mademosele.
- Sim; ela se chama mademoiselle Friquet. [...]

No original, Púnin troca duas letras e diz “францюзенка” em vez de “француженка”. Nossa escolha para representar esse lapso foi por acrescentar as letras “i” e “c” à palavra. Já “mademosele” é uma corruptela comum em português para a palavra francesa “mademoiselle”.

Na tradução de Scherrer, houve uma boa solução, pois o termo correto “française” foi substituído por “Françoise”, uma palavra bastante semelhante que, na verdade, é um nome feminino em francês. “Mademoiselle” também foi substituída pela contração “mam'zelle” na fala de Púnin.

Em inglês, Jerrold não apresentou uma variação para o erro de Púnin ao dizer “francesa”, mas utilizou a corruptela “mamzel”:

- “Two months; not longer. My grandmother says that I waste my time in the country. I have merely a governess.”
- “A Frenchwoman?”
- “A Frenchwoman.”

Púnin scratched his era.
“A *Mamzel*, then?”
“Yes,” I said. “She is called Mademoiselle Friquet.”

A versão de Garrett apresenta soluções semelhantes, pois foram utilizados os termos “French governess” e “mamselle”. Acreditamos que há certa perda das nuances da linguagem das personagens na tradução, por não se buscar um equivalente, ou mesmo procurar explicar com uma nota o engano da personagem ao dizer “francesa”, pois o gesto que se segue, de coçar atrás da orelha, certamente está ligado ao fato de ter sido corrigido pelo narrador e, assim, percebido seu lapso.

No último capítulo da novela, ao transcrever a carta de Musa, o narrador chama a atenção para um erro de ortografia: “[...] он стал еще крепче и энергичнее. (Не могу скрыть, что Муза написала: енергичнее.)” No alfabeto russo existem pares de vogais, a cada vogal com som duro corresponde a uma com som suave, e Musa utilizou a letra “e” errada para escrever a palavra “enérgico”. Ao invés do “e” duro, empregou o “e” brando. Sendo assim, optamos por manter o erro ortográfico, trocando a vogal “e” por “i”: “[...] ele ficou ainda mais forte e enérgico. (Não posso esconder que Musa escreveu: inérgico.)” Em francês, a tradutora manteve o comentário do narrador entre parênteses, explicando que houve um desvio quanto à norma ortográfica, mas não reproduziu o erro: “[...] il est devenu encore plus ferme et énérgique. (Je ne puis dissimuler que Muse avait fait là une faute d'orthographe)”. Nas traduções inglesas, tanto de Jerrold quanto de Garrett, o comentário entre parênteses do narrador foi omitido.

Em algumas circunstâncias, Turguêniev recorre também a expressões idiomáticas. No segundo capítulo, ao comentar a origem de Babúrin, Púnin utiliza a expressão “Белая Кость”, que, de acordo com o *Dicionário Fraseológico da Língua Literária Russa*,⁶⁶ se refere a: “Uma pessoa de nascimento nobre ou pertencente a uma classe

⁶⁶Cf. FIODOROV, 2008. Disponível em: <https://gufo.me/dict/fedorov/>

privilegiada na Rússia pré-revolucionária.” Em sua tradução para o inglês, Sidney Jerrold optou por traduzir a locução literalmente, ou seja, por “White-Boned”. Entretanto, dessa forma faz-se necessário conhecer o sentido original da expressão russa, pois “white-boned” não possui o mesmo significado na língua inglesa. Dessa maneira, escolhemos utilizar uma expressão idiomática em português que guardasse o mesmo sentido: “De acordo com outras informações, o progenitor de Paramon Semiónitch era um certo xá indiano, Babur Sangue Azul!” Essa também foi a preferência das tradutoras Constance Garrett e Édith Scherrer, que traduziram a locução respectivamente por “Blue blood” e “Sang Bleu”.

No capítulo seguinte, quando o narrador visita a casa de Babúrin após o cortejo fúnebre de Púnin, o republicano lhe pergunta se já havia libertado os servos da propriedade rural que herdara de sua avó. Ao receber a resposta negativa de Piotr Petróvitch, Babúrin resmunga a expressão idiomática: “Чужими руками жар загребать”, que, em sua tradução literal, significa “Juntar as brasas com mãos alheias”. Escolhemos então traduzir pela expressão em português de mesmo sentido: “Puxar a brasa para a sua sardinha”, como também sugere o livro *Locuções russas por imagens*.⁶⁷ Da mesma forma, Scherrer encontrou um ditado francês para utilizar em sua tradução: “Tirer les marrons du feu” (Tirar as castanhas do fogo), que também possui o sentido de tirar proveito de uma situação de maneira oportunista, manipulando-a em favor próprio.

Já Jerrold infelizmente apenas suprimiu o dito popular da fala de Babúrin: ““That is just like you, my lords,” Babúrin muttered between his teeth.” Garrett, por outro lado, preferiu traduzir a expressão quase literalmente: “use other men’s hands... to poke up your fire...” (Usar as mãos de outro homem para cutucar o seu fogo). Certamente é preferível traduzir o ditado de forma literal, para que se conserve o significado, do que

⁶⁷DUBROVIN; MELLO, 1981, p. 311.

retirar a frase do texto. No entanto, uma opção para a tradução para o inglês seria utilizar a expressão “To feather one's own nest” (Emplumar o próprio ninho), que possui sentido equivalente de enriquecer aproveitando-se de uma posição privilegiada.

Parte II

Capítulo I

3. Introdução

Ivan Serguêievitch Turguêniev (1818 - 1883), um dos escritores russos que mais procurou representar a sociedade intelectual russa do século XIX em suas obras, principalmente em romances como *Rúdin* (1856), *Ninho de nobres* (1859) e *Pais e filhos* (1862), também popularizou nelas alguns termos e expressões, entre eles o termo “intelligentsia”. Empregado pela primeira vez na imprensa pelo escritor Piotr Dmítrievitch Boboríkin (1836 - 1921), como aponta Aurora Bernardini, tal denominação não faz referência a “certos indivíduos de cultura e expressão privilegiadas, aos quais no ocidente costuma-se dar também o nome de intelectuais, e sim a uma categoria social muito peculiar de homens e mulheres, definida por um critério não de classe, mas de consciência.”⁶⁸ A princípio, a intelligentsia foi formada por jovens da nobreza, classe social com mais acesso à instrução formal que, sob influência do Romantismo e da filosofia idealista alemã e com tendências liberais, viriam a ser posteriormente conhecidos como a “geração dos anos 40”.

Com a publicação de sua novela *Diário de um homem supérfluo*, de 1850, Turguêniev consagrou também a expressão “homem supérfluo”, que passou então a denominar toda essa geração de personagens da nobreza envolvida pelos acontecimentos que tiveram lugar na Rússia após a derrota dos insurgentes aristocratas na Revolta Dezembrista, ocorrida em 14 de dezembro de 1825, em São Petersburgo, capital do Império Russo. Organizado por um grupo da aristocracia com a participação

⁶⁸BERNARDINI, 2008, p. 109.

de oficiais da Guarda que defendiam a abolição da autocracia e da servidão, o levante tinha como principal objetivo impedir a ascensão do tsar Nikolai I ao trono. Seu fracasso, no entanto, levou a um recrudescimento sem limites do despotismo e a uma repressão violenta na sociedade russa, que deu ensejo, na literatura, ao surgimento do verdadeiro fenômeno que constituiu a figura do “homem supérfluo”.

Como aponta Fatima Bianchi, trata-se de personagens altamente atraentes, que possuem “uma integridade e um encanto fora do comum”, e cujo surgimento foi se dando em diferentes etapas do desenvolvimento histórico e social do país,⁶⁹ pelo menos desde os anos 30 do século XIX, mas que apresentam como principais características negativas a inação e a desesperança.

Ainda que haja controvérsias, de um modo geral, a crítica considera que a origem do tipo “supérfluo” remonta a criação da figura de Evguêni Oniêguin, do romance homônimo em versos de Púchkin (1799-1837), de 1830, que teve um significado evidente para o desenvolvimento posterior da literatura russa. Em 1840, Mikhail Liérmontov publica seu romance *Um herói do nosso tempo*, em cujo protagonista, Petchórin, é impossível não perceber um diálogo com seu antecessor no que se refere à caracterização desse tipo. Partindo dessa relação que se estabeleceu, nesse primeiro momento, entre Oniêguin e Petchórin, todos os grandes escritores do período se propõem a também apresentar a sua própria versão dessa figura em suas obras, seja como protagonistas, seja como personagens secundárias. Entre as que mais se destacam estão Béliov, do romance *Quem é o culpado?* (1846), de Aleksandr Herzen; Rúdin (1856), do romance homônimo de Turguêniev, “inteiramente dedicado aos ‘homens dos anos 40’”;⁷⁰ e Oblómov, do romance também homônimo (1859) de Ivan Gontcharóv.

⁶⁹BIANCHI, 2006, p. 119.

⁷⁰BIANCHI, 2012, p. 189.

Mas há também os irmãos Kirsánov, de *Pais e filhos* (1862), de Turguêniev, ou Stiepan Trofímovitch, de *Os Demônios* (1872), de Dostoiévski, entre outros.

No que se refere a Turguêniev, o tipo “supérfluo” está presente já desde a sua primeira novela, *Andrei Kólossov*, de 1844, no conto “Hamlet do distrito de Schigrí”, de 1849, assim como em praticamente toda a sua produção literária. Portanto, a expressão “homem superfluo”, que passou a denominar toda essa galeria de personagens que foi surgindo ao longo do século XIX, só foi cunhada após o surgimento da grande maioria delas.

Tão emblemático da Era de Ouro da literatura russa, seu surgimento só se dá, portanto, após a derrota da Revolta Dezembrista e a rigorosa repressão que a seguiu, que levou toda essa geração a mergulhar numa crise ideológica e moral sem precedentes. Como observa Victor Terras:

A rigidez do regime transformou potenciais reformadores em revolucionários e mártires, como foi demonstrado em dezembro de 1825; e as subsequentes repressões de Nicolau I pareciam congelar a Rússia em um permanente estado de atraso e barbárie. Debatendo-se em vão neste terreno congelado, os senhores de talento, educação e boa vontade da Rússia pareciam condenados pela história à frustração e ao desespero, ou seja, à “superfluidade”.⁷¹

Uma de suas principais características está no fato de ser ele um herói da nobreza que, ainda que enxergasse melhor do que ninguém os problemas políticos e sociais de seu país e almejasse solucioná-los, se vê completamente incapaz de adotar atitudes práticas, que pudessem realizar mudanças efetivas na sociedade, sobretudo em razão do regime opressor de Nikolai I. Daí a tendência dessas personagens a terminarem seus dias envoltas numa angústia e num tédio existencial incontornáveis. Além disso, trata-se também de um tipo que podia facilmente ser encontrado na vida real, para cuja

⁷¹TERRAS, 1985, p. 454. “The regime’s rigidity turned potential reformers into revolutionaries and martyrs, as was demonstrated in December 1825; and the subsequent repressions of Nicholas I seemed to freeze Russia into a permanent state of backwardness and barbarism. Thrashing vainly about on this frozen ground, Russia’s gentlemen of talent, education, and good will seemed doomed by history to frustration and despair, i.e., ‘superfluity’”.

formação e ideais a cultura europeia – tanto os preceitos do idealismo alemão quanto o pensamento revolucionário francês – desempenhou um importante papel. Como aponta Angelo Segrillo:

Eram pessoas que conseguiam ver criticamente a realidade social que os cercava na Rússia absolutista da época, mas não conseguiam encontrar um caminho de ação para mudá-la, caindo assim em um impotente niilismo. O estudo de Schiller e outros idealistas alemães permitia aos jovens membros da fase universitária do Círculo de Stankevich antever um mundo ideal melhor (pelo menos em sua esfera íntima interior idealista) que sua realidade presente e notar as deficiências do mundo real russo que os cercava, mas que quedavam-se perplexos por sua própria impotência em fazer “alguma coisa” em relação a isso.⁷²

Em seu livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin considera essa figura como representada no “‘romance russo de provações’ do intelectual ideólogo”.⁷³ A originalidade do romance, para o crítico, encontra-se em seu objeto, ou seja, na pessoa que fala e em seu discurso. E, além de falar, o homem no romance também pode agir, mas, diferentemente do drama ou da epopeia, sua ação é sempre associada ao seu discurso e possui uma posição ideológica bem definida. No século XIX, entretanto, como observa Bakhtin, surge uma variação do romance, com o surgimento de uma figura que, incapaz de agir, apenas fala, passando assim toda uma vida condenada a sonhos e reflexões estéreis.

Bakhtin teoriza ainda acerca da relação com o discurso alheio, uma palavra ideológica e interiormente persuasiva, importante para a formação de nossa consciência individual. Nesse sentido, as vozes alheias lutam para manter sua influência tanto na realidade social quanto na consciência do indivíduo, o que propicia a objetivação da palavra do outro:

A conversação com esta palavra internamente persuasiva, que se pretende desmascarar, prossegue, mas se reveste de um outro caráter: interrogam-na e

⁷²SEGRILLO, 2016, p. 65.

⁷³BAKHTIN, 2010a, p. 136.

a colocam numa nova posição, a fim de revelar sua fraqueza, descobrir seus limites, sentir seu caráter de objeto. Por isso, semelhante estilização frequentemente se torna paródica, mas não grosseiramente paródica – uma vez que a palavra de outrem, tendo sido pouco antes interiormente persuasiva, resiste e frequentemente começa a ressoar sem qualquer acento paródico. Nesta base nascem representações romanescas bivocais penetrantes, que objetivam o conflito entre a palavra persuasiva do outro e o autor que ela regia outrora (assim é, por exemplo, Evguêni Oniêguin em Púchkin, Petchórin em Lérmontov).⁷⁴

A Oniêguin e Pietchórin, nessa citação, poderíamos acrescentar também Piotr Petróvitch, o narrador de *Púnin e Babúrin*. Ao longo de sua narrativa, é possível observar a objetivação do conflito entre a palavra do “homem supérfluo” e a do *raznotchínets*, representado por Babúrin. Isso é perfeitamente perceptível através do desenvolvimento da personagem de Piotr na direção de uma figura “supérflua”, já que sua narrativa se estende ao longo de três décadas. Desse modo, o tipo simbolizado por Piotr, cujo surgimento se dá já no final dos anos de 1820 e tem seu auge nos anos de 1840, se tornará conhecido como a “geração de 40”.

Posteriormente, nos anos 60 do século XIX, a intelligentsia passaria a ser constituída por indivíduos oriundos de diversos estratos sociais, os *raznotchínets*, como a própria palavra indica: *разный* (*razni*): diverso, variado, e *чын* (*tchin*): classe, grau, patente. Os *raznotchínets*, em geral, eram filhos de clérigos, comerciantes, filhos bastardos de nobres ou até mesmo de servos emancipados que tiveram acesso à universidade. Publicada na revista *Rússki Viéstnik (O mensageiro da Europa)*⁷⁵ em 1874, a novela *Púnin e Babúrin* apresenta como personagem central Babúrin, um *raznotchínets* republicano, e é narrada por Piotr Petróvitch, um jovem da nobreza que, por sua própria formação, e também educação, se torna um “homem supérfluo”. A narração dos eventos se desenrola em quatro capítulos, com datas de 1830, 1837, 1849 e 1861, relacionadas a eventos importantes na vida histórica e literária da Rússia.

⁷⁴BAKHTIN, 2010b, p. 148.

⁷⁵Publicação político-literária mensal de orientação liberal moderada, editada de 1866 a 1918, em São Petersburgo. Ela continuava a tradição da revista de mesmo nome, fundada em 1802, por Karamzim.

A novela tem início com a chegada de Babúrin, em busca de emprego, à propriedade rural de uma rica senhora, a avó do narrador, Piotr Petróvitch B., órfão, então com doze anos. Babúrin é admitido para trabalhar no gabinete da patroa, apesar das recomendações de seu empregador anterior, de que este servo tinha duas peculiaridades: se negava a infringir castigos físicos aos camponeses e havia acolhido e sustentava um amigo, Púnin. Ao entrar em contato com essas duas personagens, o narrador aprende a amar a poesia do simplório e sábio Púnin e se vê entusiasmado pelas ideias republicanas e revolucionárias de Babúrin.

Passados sete anos, o narrador agora é um estudante universitário que vive em Moscou. Seu melhor amigo, Tarkhov, apresenta-lhe a jovem Musa Pávlovna, por quem está apaixonado, e certo dia Piotr Petróvitch a encontra na rua em companhia de Púnin. Animado, Púnin o convida para ir a sua casa, onde vive com Babúrin e Musa, a quem o republicano acolheu, pois fora abandonada quando criança. Ao final da visita, Musa entrega um bilhete ao narrador, pedindo-lhe para encontrá-la no dia seguinte no parque. Nesse encontro, Musa conta a Piotr que fora pedida em casamento por Babúrin. Apesar da diferença de idade – ele tem quarenta e dois anos e ela vinte – e de estar apaixonada por Tarkhov, ela aceita a proposta, por se sentir em dívida com Babúrin. Ao conversar com o amigo e descobrir que os amantes planejavam fugir, o narrador tenta dissuadi-lo da ideia, mas seus esforços são em vão, pois Musa e Tarkhov vão embora juntos.

Doze anos mais tarde, com trinta e dois anos de idade e a avó já falecida, Piotr havia se tornado funcionário do Ministério do Interior em São Petersburgo. A caminho do trabalho, ele se depara com um cortejo fúnebre seguido por um único homem, Babúrin, que está indo enterrar Púnin. O narrador o acompanha e em seguida vai à sua casa, onde reencontra Musa, que, após a fuga, fora abandonada por Tarkhov e

novamente acolhida por Babúrin. Durante a visita, Piotr também fica sabendo que Babúrin participa de um grupo de conspiradores contra o governo. No dia seguinte ele é preso; após um longo processo, é condenado ao exílio na Sibéria, para o qual Musa o acompanha.

Mais doze anos se passam. Embora já estivessem autorizados a retornar para a Rússia, o casal Babúrin decidira continuar na Sibéria, onde haviam iniciado certas atividades sociais. Em uma carta, Musa descreve a alegria de Babúrin ao receber a notícia do manifesto que decretou a emancipação dos servos em fevereiro de 1861. Dois meses depois, Piotr Petróvitch recebe outra carta de Musa informando que, após apanhar um resfriado no mesmo dia da chegada do manifesto (pois havia saído em meio a uma nevasca para dar a grande notícia aos amigos), Babúrin morrera de pneumonia. Musa manifesta ainda a sua intenção de permanecer na Sibéria para dar continuidade ao trabalho do marido.⁷⁶

⁷⁶Em 1919, a *Púnin e Babúrin* recebeu uma adaptação para o cinema sob a direção de Aleksandr Ivanóvski (1881-1968), roteirista e diretor de cinema soviético que recebeu o Prêmio Stálin em 1941 pelo filme *História musical* (*Музыкальная история*), de 1940. Seu filme *Silva*, adaptação de uma opereta do compositor húngaro Emmerich Kálmán, foi um dos lançamentos mais populares da União Soviética em 1944. O diretor realizou mais duas adaptações de obras de Turguêniev: *Três retratos*, também em 1919, e *Ássia*, em 1928.

4. Púnin e Babúrin no contexto histórico e literário russo

4.1. Capítulo I – 1830 – Período pós-Revolução Dezembrista

A 1830, data do primeiro capítulo, podemos conectar a diminuição das expectativas com as reformas moderadas do tsar Nikolai I após a Revolta Dezembrista de 1825. Esse capítulo é protagonizado pela avó do narrador, dona da propriedade e representante dessa nobreza tirana ligada às tradições. Ao admitir Babúrin como empregado de escritório e discutir a primeira peculiaridade mencionada por seu patrão anterior, ela entende que a recusa aos castigos físicos se aplicavam a ele próprio:

- Não tenho como saber o que ele quis dizer com peculiaridade. A não ser o fato de que eu... não admito castigos físicos.
Vovó admirou-se.
- Certamente, Iakov Petróvitch quis te castigar?
O rosto escuro de Babúrin ruborizou-se até a raiz dos cabelos.
- Não me entenda mal, senhora. Eu tenho uma regra de não empregar castigos físicos... nos camponeses.

Para a senhora não seria uma surpresa se o antigo patrão quisesse infringir-lhe castigos físicos, mesmo se tratando de um empregado de escritório. Mas se, para Babúrin, a ideia de açoitar os camponeses já causava revolta e feria seus princípios republicanos, tanto mais indignação lhe causava a ideia de ele próprio ser açoitado por um patrão.

O primeiro capítulo é importante também para a análise da evolução do tipo do “homem supérfluo”, aqui representado pelo narrador. Como já apontado, além da inação, o fato de pertencer à nobreza constitui um elemento essencial na caracterização desse tipo, um requisito que Piotr Petróvitch cumpre perfeitamente, dada a sua origem aristocrática, que desempenha um papel significativo na construção de sua figura e em sua relação com as demais personagens. Ao encontrar Púnin no jardim da propriedade

de sua avó, por exemplo, o narrador se incomoda com a liberdade que o desconhecido toma ao tratá-lo de “senhorzinho”. Ao jovem desagradam também os trajés simples de Púnin: “ele vinha tão desmazelado e desleixado, que chegava a ofender meus hábitos de fidalgo”. Mais adiante na história, logo no primeiro contato de Piotr e Babúrin também vemos um indício do embate entre o “homem supérfluo” e o “raznotchínets”, pois Babúrin manifesta seus ideais republicanos de direitos e deveres como cidadão quando repreende o jovem fidalgo que, ao procurar por Púnin, entra em seu quarto sem se anunciar, ao que Piotr Petróvitch responde com indignação e petulância:

- O senhor Nikandr Vavílich Púnin, neste minuto precisamente, não está em casa – respondeu Babúrin, sem se apressar –, mas permita-me dizer, meu jovem: será que é decente entrar assim, sem perguntar, no quarto dos outros? Eu!.. meu jovem!.. como ele ousa!.. Fiquei rubro de ira.
- O senhor provavelmente não me conhece – articulei já não sem cerimônia, mas com arrogância –, eu sou o neto da patroa daqui.
- Isso não faz diferença para mim – objetou Babúrin, pondo-se a usar a toalha novamente. – Mesmo o senhor sendo o neto da patroa, não tem o direito de entrar no quarto dos outros.

Piotr Petróvitch se sente insultado pela reprimenda e recorre à sua posição social para justificar a atitude, mas isso deixa Babúrin ainda mais irritado e prestes a expulsar o jovem de seu aposento. Nesse instante aparece Púnin, que leva o “senhorzinho” dali, explicando-lhe que Babúrin se comportava de tal forma por ser republicano. Essa explicação deixa o narrador confuso, pois, no seu entender, republicanos eram figuras da Antiguidade, ou seja, gregos e romanos com capacetes e escudos. No momento em que surpreende a discussão, Púnin diz: “[...] – Querido! Veio me visitar! Você veio, querido! (“O que é isso? – pensei eu. – Então ele de fato disse “você” para mim?) [...]” Esse pensamento do narrador reflete sua visão aristocrática: apesar de ainda ter doze anos, por ser neto da patroa e futuro patrão, os funcionários da propriedade deveriam tratá-lo de maneira formal e respeitosa, logo, pelo pronome na segunda pessoa do plural *вы* (*vi*) – que optamos traduzir por “o senhor”, e não por *ты* (*ti*), que traduzimos por “você”.

Em seguida, o enfrentamento com a própria patroa em defesa de um camponês faz Babúrin ser demitido. Certo dia, enquanto inspecionava a limpeza do jardim, a avó de Piotr julga que um jovem chamado Ermil não está desempenhando o seu trabalho devidamente e decide enviá-lo para uma espécie de exílio para além dos limites da propriedade. Babúrin, sem conseguir se conter ao presenciar a determinação dessa pena excessiva, tenta intervir em favor do camponês e diz à velha senhora: “Tais disposições, ousou informar, trarão apenas descontentamentos... e outras – que Deus nos guarde! – consequências ruins –, que nada mais são do que o abuso do poder dado aos proprietários de terras.” Essa intervenção, entretanto, não obtém sucesso, ao contrário, além de manter sua disposição acerca de Ermil, a proprietária decide demitir Babúrin por tamanha audácia, e lhe diz: “Não preciso de sábios filantropos raznotchínets; preciso de criados submissos. Assim como tenho vivido antes de você, também viverei depois de você. Você não me serve: está demitido.”

Ao ser demitido, Babúrin pede ao narrador para que, quando crescesse, lutasse contra tais injustiças. Já Púnin declama exaltado trechos do poema de Derjávín, *Aos soberanos e juízes*, que exorta contra os “deuses terrenos”. Imbuído com tais ideais e na tentativa de contribuir com o que tem ao seu alcance, o adolescente dá para Ermil alguns de seus pertences, como lenços, pente e gravata, sem perceber que esses itens, que chegavam a ser artigos de luxo, em nada ajudariam o camponês, prestes a ser exilado. O jovem esperava que Ermil ficasse maravilhado com esse gesto que mostrava suas “magnânimas intenções futuras”, mas fica decepcionado com a indiferença do camponês, e conclui: “Podem dizer o que for, essa gente é insensível”. Ao voltar para casa, a severa avó o acusa de estar cheirando à isbá e o instrui a abandonar suas tolices e comportar-se como convém a um menino nobre. Ou seja, o contato com figuras de

estrato social mais baixo mostra que a educação que o narrador vinha recebendo, baseada em conceitos aristocráticos, já moldava sua visão de mundo.

4.2. Capítulo II – 1837 – Busca por ilustração

No segundo capítulo, os eventos se desenrolam no ano de 1837, quando tem lugar um fato histórico relevante, as reformas na administração dos camponeses em regime de servidão ao Estado, realizadas de 1837 a 1841 por Pável Dmíttrievitch Kisselióv, ministro do Patrimônio do Estado. Kisselióv acreditava na eliminação gradual da servidão e na destruição da escravidão por si só, sem causar abalo ao Estado.⁷⁷ No entanto, houve reações negativas a tais reformas, como indica o escritor Aleksandr Herzen (1812-1870) em seu texto *Literatura e pensamento social depois do 14 de dezembro de 1825*, de 1850, ao criticar a repressão violenta do governo a levantes populares: “O que sabemos sobre as revoltas localizadas, que irromperam em função da nova administração introduzida por Kisselióv?”⁷⁸

Nesse mesmo texto, Herzen escreve que no período pós-1825 a Universidade de Moscou floresceu, ideias liberais foram trazidas do exterior, a influência da literatura se intensificou e a sede de educação dominou a nova geração: “A juventude, privada da participação em qualquer tipo de atividade, sob a eterna ameaça da polícia secreta, mergulhava na leitura com ainda mais ardor. A soma das ideias em circulação crescia cada vez mais.”⁷⁹ Estas circunstâncias também estão representadas na novela. Nesse momento da narrativa, o narrador encontra-se em Moscou, no segundo ano de faculdade, e Tarkhov e Musa discutem sobre literatura. Ao ouvir Babúrin discorrer

⁷⁷МЕДУШЕВСКИЙ, 2015, c. 85.

⁷⁸HERZEN In: GOMIDE, 2013, p. 166.

⁷⁹Ibidem, p. 168.

sobre o filósofo Zenão, Piotr Petróvitch mostra que também havia se tornado republicano a partir da leitura de revolucionários franceses:

Desde o meu ingresso na universidade, não me tornara um republicano pior que o próprio Babúrin. Sobre Mirabeau e Robespierre falaria com prazer. Ainda mais de Robespierre!.. Tinha pendurado sobre a escrivaninha um retrato litografado de Fourquier de Tinville e Charlie!

No entanto, apesar da aparente radicalidade, o republicanismo de Piotr Petróvitch é superficial, pois, além de não ser um homem de ação, essas eram ideias políticas que estavam na moda entre os estudantes da época. Os ideais republicanos de Babúrin, por outro lado, são mais complexos, não estão relacionados a sistemas políticos específicos, mas seguem uma regra moral geral.

Nesse período Babúrin está trabalhando no escritório de um rico comerciante em Moscou. Nas palavras de Púnin, o emprego não era vantajoso, “trabalho demais, proveito de menos... mas o que se há de fazer?” Ao visitá-los, o narrador julga que, na expressão de Babúrin ao revê-lo, estava estampado: “A mim, era como se dissesse, a visita de um nobre não surpreende, e não me é nem um pouco lisonjeira.’ O republicano permanecia republicano.” Ainda durante esse encontro, Babúrin reclama da atitude do patrão:

“É um kulak, não é um homem – assim se referia ao patrão –, para ele as pessoas subordinadas são lixo, são insignificantes; mas o próprio não usou uma sermiaga por muito tempo? Uma crueldade e uma cobiça só. Pior que o serviço público! E todo o comércio local se faz com embuste e só por isso se mantém!”

Percebe-se que Babúrin permanecia indignado e com uma postura totalmente contrária tanto em relação à aristocracia – aqui representada pela figura do narrador, um jovem nobre – quanto à burguesia – simbolizada pelo patrão, um comerciante e fabricante avarento e mal caráter, e todo o comércio local corrupto. Ainda neste capítulo, há certo embate entre Piotr e Babúrin, pois enquanto Púnin insiste para que o jovem torne a visitá-los no dia seguinte, Babúrin não reforça o convite e até diz “entre

dentos que a conversa com gente simples, *raznotchínets*, não poderia me dar grande prazer e que provavelmente desagradaria minha *vovó*”. Tal comentário incomoda o narrador, que interrompe Babúrin para insinuar que a avó não mandava mais nele.

Quanto ao contexto literário da época, destacamos uma referência expressa pelo narrador quando seu amigo Tarkhov lhe fala com entusiasmo sobre Musa, a jovem por quem estava apaixonado: “– À sua musa! Como você fala estranho! Um perfeito clássico! (O Romantismo, naquele tempo, no ano de 1837, encontrava-se em pleno auge.)” Como Tarkhov era um “grande caçador de poesia e ele próprio fazia uns versinhos”, o narrador esperava que a jovem por quem se apaixonara tivesse as características presentes na descrição da musa contida nas obras da época do Romantismo, ou seja, uma mulher de pele muito branca, cabelos pretos e ar altivo:

Os traços de seu rosto rosado e arredondado eram finos e delicados; uma juventude fresca e viva ventilava de toda a sua figura esbelta e delicada; mas a musa, a personificação da musa eu, naquele tempo – sim, e não estava sozinho –, todos nós, os rapazes, a representávamos de maneira completamente diversa! Antigamente toda musa precisava sem falta ser pálida e ter cabelos negros! Uma expressão de desdém e altivez, um sorriso sarcástico, um olhar inspirado – eis sem o que nós não podíamos imaginar uma musa, a musa de Byron, a soberana que então reinava nos pensamentos dos homens. Nada semelhante notava-se no rosto da jovem que havia chegado.

Neste capítulo, Tarkhov empresta a Musa livros de Mikhail Zagoskin (1789 - 1852), escritor que introduziu o romance histórico ao estilo de Walter Scott na Rússia, e compara *Iuri Miloslávski ou Os russos em 1612* (1829) a *Os ciganos* (1827), de Púchkin. Posteriormente, ao saber da intenção de Babúrin de desposar Musa, o narrador se admira, por causa da diferença de idade entre eles, e declama trechos de *Os ciganos* para Púnin. Este se irrita com o verso que menciona um “marido velho, marido terrível”. Vale destacar que o ano de 1837 é marcado na literatura pela morte de

Púchkin, considerado por muitos o fundador da literatura russa moderna e fonte de inspiração para Turguêniev, como se verá mais adiante.

Piotr Petróvitch lia e havia emprestado para Púnin um volume de *O Telégrafo de Moscou* (1825 - 1834), a primeira revista enciclopédica russa segundo o modelo das revistas inglesas. Tendo Nikolai Polevoi como editor, *O Telégrafo* foi um periódico importante para o Romantismo russo dos anos 30, com publicações de obras de ficção e artigos sobre ciência, economia, história, filosofia, literatura etc. Para Herzen, a revista teve papel importante para a disseminação da literatura russa: “Polevoi começou a democratizar a literatura russa; ele a obrigou a descer das alturas aristocráticas e tornou-a mais popular ou, pelo menos, mais burguesa”.⁸⁰

Nesse mesmo capítulo, ainda nos é dado a conhecer o apreço de Babúrin por Karamzin, quando Musa conta ao narrador o interesse do republicano em se casar com ela: “[...] Púnin, ainda que importune com seus versos, mas não intimida ao extremo; não obriga a ler Karamzin à noite, quando estou com a cabeça cansada caída nos ombros! Para que quero essas velharias? [...]” Vemos que Nikolai Karamzin (1766 - 1826), representante do surgimento do sentimentalismo na Rússia, é visto como uma “velharia” pela jovem que apreciava obras do Romantismo, gênero em voga na época.

Em 1837 também acontece a construção da ferrovia Tsarskoie Seló, primeira linha ferroviária pública do Império Russo, que percorria 27 km de São Petersburgo a Pavlóvsk. Em seu reinado, Nikolai I de fato pretendeu dar fomento ao capitalismo na Rússia, com modernização do país e melhorias na economia, no entanto, permanecia ligado ao absolutismo, tentando proteger seu supostos direitos divinos.

⁸⁰HERZEN In: GOMIDE, 2013, p. 170.

4.3. Capítulo III – 1849 – Período pós-Primavera do Povos

O ano de 1849 foi marcado por violenta repressão na Rússia, em consequência dos movimentos revolucionários ocorridos no ano anterior em todo o Ocidente em oposição aos regimes autocráticos. Este é o momento em que Babúrin é preso e mandado para a Sibéria ocidental por envolvimento com um grupo de conspiradores contra o governo, numa clara referência ao Círculo de Petrachévski, constituído por pessoas que se reuniam às sextas-feiras no apartamento de Mikhail Petrachévski (1821-1866) para discutir textos políticos, literários e filosóficos de cunho socialista utópico.

Diversos intelectuais russos participavam das reuniões do círculo, entre eles Dostoiévski, que havia publicado *Gente pobre* em 1846, obra aclamada pela crítica, em especial por Belínski, por ser um romance de denúncia social. Como a perspectiva das revoluções de 1848 ocorridas na Europa se estendiam pela Rússia, o grupo foi desmembrado pelo tsar Nikolai I em 1849:

Em 22 de abril de 1849, trinta e nove membros do grupo foram presos e, embora nada pudesse ser provado contra eles, exceto uma “conspiração de ideias”, uma ofensa desconhecida pelo código criminal, um tribunal militar especialmente constituído condenou à morte quinze dos acusados, e seis a trabalhos forçados ou deportação para a Sibéria.⁸¹

Nesse mesmo ano, Mikhail Petrachévski e Dostoiévski foram presos e condenados à morte, no entanto, no último instante tiveram suas penas comutadas por trabalhos forçados. Petrachévski foi exilado na Sibéria oriental, enquanto Dostoiévski cumpriu sua sentença na parte ocidental, para onde também foi enviado Babúrin.

⁸¹FLORINSKY, 1947, p. 82. “On April 22, 1849, thirty-nine members of the group were arrested and, although nothing could be proved against them except a “conspiracy of ideas,” an offense unknown to the criminal code, a specially constituted military court sentenced fifteen of the accused to death and six to forced labor or deportation to Siberia.”

Um pouco antes da prisão de Babúrin, ao lhe fazer uma visita, o narrador vê que “Em seu quarto, no lugar mais visível, estava pendurada uma litografia do retrato de Belínski; na mesa estava um volume antigo do *Estrela polar*, de Bestujev.” O crítico literário Vissarión Belínski (1811-1848), também um *raznotchínets*, filho de um médico provinciano, uma das figuras mais importantes para o desenvolvimento da crítica literária russa, em seus últimos anos de vida, foi radicalizando cada vez mais sua postura política, como se pode ver no seguinte trecho de sua famosa *Carta a Nikolai Vassílievitch Gógol*, de 1847:

As questões nacionais mais cadentes na Rússia contemporânea agora são: acabar com a servidão; abolir o castigo físico; introduzir, tanto quanto possível, a execução rigorosa, que seja, das leis existentes. Isso sente mesmo o próprio governo (que bem sabe o que fazem os senhores de terra com seus camponeses e quantas vezes ao ano estes retalham aqueles), que se justifica com suas meias medidas acanhadas e infrutíferas em favor dos negros brancos e com a substituição cômica do coute de uma ponta pelo açoite de três. Eis as questões com que a Rússia está inquietamente ocupada em sua sonolência apática!⁸²

Com clássicos como *O inspetor geral* (1836), *Almas mortas* (1842) e *O capote* (1843), Gógol era considerado o iniciador da Escola Natural na Rússia, ao retratar as mazelas e vícios da sociedade. No entanto, em 1847, Gógol publica *Trechos escolhidos da correspondência com amigos*, obra duramente rejeitada pela crítica por seu teor místico e conservador. Aos olhos de Belínski, Gógol teria se tornado reacionário. Entretanto, a adesão do escritor à ortodoxia e ao tsarismo já o aproximava mais do eslavofilismo do que do ocidentalismo, ao qual o crítico se associava.

A referência ao almanaque literário *Estrela polar* também é importante, pois tratava-se de um periódico de orientação decabrista, publicado de 1822 a 1825 em São Petersburgo. Mais tarde, em 1855, Herzen deu continuidade ao almanaque ao

⁸²BELÍNSKI In: GOMIDE, 2013, p. 149.

publicar uma revista de mesmo nome que continha discussões sobre o socialismo e demais temas políticos:

Em Londres, [Herzen] estabeleceu sua imprensa livre e, na década de 1850, começou a publicar dois periódicos em russo, *A Estrela Polar* e *O Sino* (os primeiros exemplares apareceram em 1855 e 1857, respectivamente), o que marcou o nascimento de uma agitação revolucionária sistemática – e uma conspiração – dos exilados russos dirigida contra o regime czarista.⁸³

No primeiro capítulo, Babúrin é demitido do emprego na casa da avó do narrador por intervir em favor de um camponês que ele julgou estar sendo punido injustamente. Neste capítulo, o republicano tornara a perder um emprego por razões semelhantes: “[...] em Petersburgo, tornou a se empregar num serviço privado, o qual, por outro lado, foi forçado a abandonar há alguns dias por causa de um aborrecimento com o patrão: Babúrin inventou de intervir em favor dos operários...” Musa, agora esposa de Babúrin, também revela⁸⁴ a Piotr Petróvitch o envolvimento do marido com um grupo que conspirava contra o governo, o que deixa o narrador preocupado, por ser um momento de repressão, mas principalmente por Babúrin não pertencer a um alto estrato social. No entanto, Musa contesta:

– É claro – interrompeu Musa com voz amarga –, ele é um pequeno-burguês; e na Rússia só os nobres podem tramar conspirações, como, por exemplo, no catorze de dezembro... pois foi isso o que o senhor quis dizer.
“Nesse caso, do que a senhora está se queixando?” – quase deixei escapar... no entanto, me contive.
– Então a senhora acredita que o resultado do catorze de dezembro teve características tais que é necessário incentivar outros? – pronunciei em voz alta.

O resultado da Revolta Dezembrista foi recebido como fracasso, pois a reação do tsar foi brutal. Como descreve Herzen em seu já citado texto, houve perseguições

⁸³BERLIN, 2005, p. 135.

⁸⁴É interessante destacar que Musa mostra-se receosa em contar a Piotr Petróvitch que Babúrin estava envolvido com um grupo de conspiradores contra o regime, pois Piotr, além de ser nobre, naquela época era funcionário público, e Musa acreditava que, por essa razão, seria leal ao governo.

desumanas e acirramento do despotismo, o que levou a um esfriamento do debate acerca das questões políticas no país:

Já não era possível nenhuma ilusão: o povo havia se transformado em espectador passivo do 14 de dezembro. Todas as pessoas conscientes viram as temíveis consequências da completa ruptura entre a Rússia nacional e a Rússia europeizada. Toda ligação viva entre esses dois campos fora rompida; era preciso restaurar o vínculo, mas de que modo? Essa era justamente a grande questão.⁸⁵

Herzen alegou ainda que praticamente toda família nobre possuía algum parente próximo degredado devido à revolta ocorrida em 1825. Dessa maneira, era compreensível o narrador, personagem oriunda da nobreza, demonstrar apreensão com a ideia de um pequeno-burguês, ou seja, alguém que não era nobre, enfrentar uma punição por conspirar contra o regime. Essa concepção vai ao encontro da afirmação do historiador James Billington de que a paixão aristocrata pela discussão política havia morrido com os dezembristas,⁸⁶ o que também proporcionou um solo fértil para o desenvolvimento do “homem supérfluo”. Desse modo, podemos afirmar que o casal Babúrin reprovava a postura de Piotr Petróvitch frente às questões políticas e sociais, pois este se recusava a agir, confirmando sua caracterização enquanto “homem supérfluo. Como a própria definição implica, como observa Victor Terras:

[...] a “superfluidade” pode ser vista de dentro, como uma síndrome psicológica, um estado de espírito; e também pode ser vista de fora, como um fenômeno sociológico, uma condição da sociedade, de modo que uma classe significativa de pessoas não encontre nela nenhum lugar útil. Nos dois casos, a “superfluidade” de uma personagem pode ser tratada com aprovação ou simpatia, por exemplo, como uma manifestação de maior inteligência, sensibilidade ou preocupação moral; ou pode ser condenada, por exemplo, como evidência de preguiça, arrogância ou recusa em enfrentar realidades.⁸⁷

⁸⁵HERZEN, Op. cit., p. 168.

⁸⁶BILLINGTON, 1970, p. 269.

⁸⁷TERRAS, Op. cit., p. 454. “[...] ‘superfluity’ can be viewed from within, as a psychological syndrome, a state of mind; it can also be seen from outside, as a sociological phenomenon, a condition of society such that a significant class of people can find no useful place in it. In both cases a character’s ‘superfluity’ may be treated with approval or sympathy, e.g., as a manifestation of greater intelligence, sensitivity, or moral concern; or it may be condemned, e.g., as evidence of laziness, arrogance, or refusal to face realities.”

Ademais, o narrador se surpreende com o tom de Babúrin ao falar das autoridades: “Eu mesmo ficara estupefato com algumas estranhezas no comportamento de Babúrin, em todo o seu jeito. Umás duas vezes ele opinou sobre as ordens do governo e de altos dignatários com tal ódio e amargor, com tal repugnância, que fiquei perplexo...” Babúrin ainda pergunta a Piotr Petróvitch se ele havia libertado os camponeses da propriedade da avó:

– Mas, e então? – perguntou-me ele de repente – O senhor libertou os seus camponeses?

Fiquei constrangido ao reconhecer que não.

– Mas, decerto, é provável que a avozinha tenha falecido?

Isso fui obrigado a reconhecer que sim.

– Ora, ora, o senhor, um nobre fidalgo – resmungou Babúrin entre dentes... – Puxar a brasa... para a sua sardinha... é disso que o senhor gosta.

A resposta ranzinza de Babúrin expressa mais uma crítica à autocracia russa ao saber que Piotr não havia libertado seus servos, mesmo após a morte da avó, aquela que deveria ser o único impedimento para tal atitude. É importante lembrar que, ao ir embora da propriedade após ser demitido por ter defendido Ermil, Babúrin diz ao narrador, entre lágrimas: “Uma lição para você, jovem senhor; lembre-se do acontecimento de hoje e, quando crescer, esforce-se para pôr fim a tais injustiças. O senhor tem um coração bom, e o caráter por enquanto ainda é puro... Veja, tenha cuidado: pois assim não é possível!” Passados dezenove anos, Babúrin então percebe que o narrador, aquele jovem em quem ele havia tentado incutir seus ideais de justiça social, permanecia um “fidalgo nobre” que, embora se dissesse republicano, continuava a tirar proveito da servidão que ainda vigorava no país. Esses momentos de confronto entre Piotr e Babúrin evidenciam que o narrador se configura como um “homem supérfluo” não só pela oposição entre nobre e *raznotchínets*, mas também pelo contraste entre ação e inação.

4.4. Capítulo IV – 1861 – Emancipação dos servos na Rússia

Finalmente, em 19 de fevereiro de 1861, o tsar Aleksandr II assina o manifesto que decretava a emancipação dos servos. A notícia foi recebida com grande alegria por Musa e Babúrin na Sibéria. Em 1855, quando Aleksandr II assumiu o poder e iniciou reformas liberais a fim de modernizar a sociedade russa, o casal Babúrin foi autorizado a retornar para a Rússia. No entanto, eles preferiram permanecer na Sibéria, pois lá constituíram um círculo de atividades: suas escolas progrediam, Babúrin se ocupava com leituras, correspondências e discussões com velhos crentes, clérigos e poloneses exilados.

Após acompanhar o desenvolvimento da personagem de Babúrin no decorrer da novela, pode-se observar que sua reação ao receber a notícia da emancipação dos servos não poderia ser diferente.

As mãos tremiam-lhe enquanto lia; depois ele me abraçou três vezes e três vezes me beijou, queria dizer alguma coisa, mas não! Não podia! E acabou derramando umas lágrimas, o que foi muito espantoso de se ver, e de repente gritou: “Hurra! Hurra! Deus, salve o czar!” Sim, Piotr Petróvitch, estas mesmas palavras! Depois acrescentou: “Agora despedes...” e, ainda: “Esse é o primeiro passo, ao qual outros devem se seguir”; e do jeito que estava, com a cabeça descoberta, correu para dar essa grande novidade aos nossos amigos.

Passados dois meses, Babúrin morre. No ano seguinte Turguêniev publicou o romance *Pais e filhos*, dedicado à memória de Belínski, cujo retrato Babúrin mantinha em seu quarto no local mais visível. Nessa obra, o autor cunhou o termo “niilista” para caracterizar a nova geração dos homens dos anos 60, os “homens novos”, em oposição aos inativos homens dos anos 40, os “homens supérfluos”. A insatisfação após a emancipação dos servos em 1861 proporcionou o surgimento dessa geração de jovens radicais, cuja expectativa por mais reformas liberais aumentou. No entanto, as altas

taxas de impostos e a repartição das terras não agradaram aos camponeses libertos, além disso, as reformas do então tsar Aleksandr II pareciam brandas demais para essa juventude extremista:

A desilusão com as condições da libertação colocou os jovens de 1860 contra todas as reformas iniciadas e controladas pelo governo czarista. E foi a partir desse momento que os radicais russos passaram a hostilizar impiedosamente qualquer tipo de compromisso liberal com a autoridade existente.⁸⁸

O resultado das revoluções europeias também influenciaram a postura desses “homens novos”, pois, como afirma Billington: “A lição a ser aprendida com a revolução de 1848 foi que os radicais deviam evitar ceder a liderança de movimentos revolucionários a liberais tímidos.”⁸⁹ Dessa forma, insuflada pela rejeição às autoridades, pelo racionalismo científico, pelo materialismo e por um certo niilismo, os “homens de 60” defenderão ações enérgicas em prol das mudanças políticas e sociais necessárias ao país, o que pode colocar Babúrin até mesmo como um precursor de tal geração, como veremos a seguir.

⁸⁸FRANK, 1992, p. 220.

⁸⁹BILLINGTON, Op. cit., p. 387. “The lesson to be learned from the revolution of 1848 was that radicals must avoid ceding leadership of revolutionary movements to timid liberals.”

5. *Púnin e Babúrin* no conjunto da obra de Turguêniev

É possível traçar paralelos entre diversas personagens dos vários contos, novelas e romances de Turguêniev com personagens desta obra. Inicialmente destacamos Tchulkatúrín, protagonista da obra *Diário de um homem supérfluo* (1850), que relata suas memórias em suas últimas semanas de vida. Ao ser diagnosticado com uma doença terminal, o herói se apega ao único evento significativo em sua vida: uma paixão não correspondida que o leva a um duelo no qual é poupado após acertar seu oponente de raspão. Tchulkatúrín sai moralmente abalado desse embate e consciente da inutilidade de sua existência. Em seguida vem o conto “Hamlet do distrito de Schigrí”, que integra a coletânea *Memórias de um caçador* (1852), no qual nos é apresentado um jovem excêntrico, que também vive de maneira banal e reclama por ser uma pessoa insignificante, vazia, inútil e sem originalidade.

O protagonista de *Rúdin* (1856) segue na linha das personagens melancólicas, de muitas ideias, mas pouca atitude. No final do romance, Rúdin morre atingido por uma bala durante uma revolta já quase completamente esmagada do proletariado parisiense contra a burguesia. Estas personagens são modelos exemplares de representantes da intelligentsia da “geração de 40”, a juventude nobre que se inspirava no romantismo alemão e nos ideais democráticos europeus, mas, reprimida pelo regime conservador de Nikolai I, se via impossibilitada de realizar seus ideais. O narrador de *Púnin e Babúrin*, Piotr Petróvitch B., que, segundo ele próprio, durante a faculdade, havia se tornado mais republicano do que o próprio Babúrin, também pode perfeitamente ser enquadrado nessa geração. Ele não só não emancipa seus servos após a morte da avó como vê o

fracasso da Revolta Dezembrista como justificativa para não se organizar novos levantes contra o tsarismo.

Posteriormente temos Fiódor Lavriétski, personagem da obra *Ninho de nobres* (1859), de origem aristocrática, criado sob um sistema rigoroso instituído por seu pai, que desejava fazer dele “não apenas um homem, mas um espartano”. Após se casar com Varvara Pávlovna, Lavriétski se muda para Paris. Lá descobre que a esposa lhe é infiel através de um bilhete do amante, o que o faz retornar sozinho para a Rússia. Depois de viver em Paris e ter tido contato com a cultura liberal e ocidentalizada, Lavriétski anseia por aplicar suas ideias democráticas em seu relacionamento com os camponeses russos e manter sua terra de acordo com os princípios agrícolas que aprendera no exterior. No entanto, ele não implementa novas medidas em sua propriedade por acreditar que as condições na Rússia ainda são primitivas demais para receber tal avanço. Além disso, ele está às voltas com problemas pessoais, como expressa o trecho abaixo:

Olha para aquele camponês indo para a ceifa; será que ele está contente com o seu destino?.. Então o quê? Você gostaria de trocar de lugar com ele? Lembre-se de sua mãe: quão insignificantes foram suas aspirações, e o que lhe coube? Você, é evidente, só se gabava quando disse a Panchin que voltara para a Rússia para cultivar o solo; você voltou para, em sua velhice, fazer a corte às jovens. Chegou a notícia de sua liberdade, e você largou tudo, esqueceu tudo, saiu correndo como um menino atrás de uma borboleta...⁹⁰

Ao ler em um jornal que sua esposa, Varvara Petrovna, havia morrido em Paris, Lavriétski pede Liza em casamento, uma jovem séria e religiosa por quem estava apaixonado. Entretanto, a esposa infiel reaparece para impedir a união, o que resulta no confinamento de Liza em um convento e numa velhice solitária para Lavriétski.

⁹⁰ТУРГЕНЕВ, 1981, т. 6, с. 135-136. “Вон мужик едет на косьбу; может быть, он доволен своей судьбою... Что ж? захотел ли бы ты поменяться с ним? Вспомни мать свою: как ничтожно малы были ее требования, и какова выпала ей доля? Ты, видно, только по-хвастался перед Паншиным, когда сказав ему, что приехал в Россию затем, чтобы пахать землю; ты приехал волочиться на старости лет за девочками. Пришла весть о твоей свободе, и ты всё бросил, всё забыл, ты побежал, как мальчик за бабочкой...”

Já Insárov, o protagonista de *Na véspera*, romance publicado em 1860, representa um rompimento em relação às personagens citadas anteriormente, pois até então era o “único dentre os heróis de Turguêniev capaz de uma ação política decisiva”.⁹¹ A obra narra a história da jovem Elena Stákhova, que, às vésperas da Guerra da Crimeia (1853-1856), é cobiçada por dois pretendentes: o escultor Pável Chúbín e o estudante Andréi Bersiénev. No entanto, Elena se apaixona pelo búlgaro Dmítiri Insárov, amigo de Bersiénev, e se casa em segredo. Insárov vive com o firme propósito de libertar sua pátria do domínio turco e, quando tem início a guerra, tenta retornar para a Bulgária com a esposa, mas morre tragicamente em Veneza. Elena leva o corpo do marido para ser enterrado nos Balcãs e depois desaparece.

O romance *Pais e filhos*, de 1862, apresenta o conflito de ideias entre a “geração de 40” e a nova “geração de 60”, quando os amigos Arkádi Kirsánov e Evguêni Bazárov, recém-formados em ciências naturais, vão passar alguns dias na propriedade rural do pai de Arkádi, um fidalgo chamado Nicolau, e de seu tio, Pável. Bazárov é um jovem raznotchínets, de ideias progressistas mais radicais, e se diz niilista, ou seja, alguém que não reconhece nenhuma autoridade, acredita na ciência e rejeita a fé, as artes e o amor romântico.

Publicado em 1877, *Terras virgens* traz personagens que representam os jovens populistas do final do século XIX. Seguindo a proposta de “ir ao povo”, esses jovens passam a viver como os camponeses e trabalhadores simples, ao invés de levarem a vida de luxo da alta burguesia e da nobreza russa. Um desses jovens é Vassíli Solomin, que gerencia uma fábrica local e, apesar de também ser populista, é menos otimista em relação ao potencial desse movimento para realizar as mudanças necessárias ao país. Solomin mostra ser um bom líder e mantém uma relação igualitária com os funcionários

⁹¹HOWE, 1998, p. 88.

da fábrica: “A relação que existia entre Solomin e seus trabalhadores era boa, embora fosse um pouco diferente do comum: os trabalhadores o respeitavam como a um superior e o tratavam como um igual, como se fosse um deles; mas aos seus olhos ele era muito sabido!”⁹² No oitavo capítulo da obra *Turguêniev e o realismo russo*, o crítico literário Grigori Biáli faz uma correlação entre Babúrin e Solomin:

A linha de Solomin do romance futuro estava sendo preparada nas novelas *Pínin e Babúrin* (1874) e *O relógio* (1875). Turguêniev estava interessado no surgimento dos “gradualistas de baixo”, muito próximos do povo, dele advindos e a ele dirigindo-se diretamente. Essas pessoas incluem o “republicano” Babúrin, um homem dotado de força e orgulho plebeu, membro do Círculo de Petrachévski, exilado na Sibéria por seu radicalismo, seu livre pensamento e sua insociabilidade. O final do conto, no qual o republicano exilado, com lágrimas de entusiasmo e gratidão, lê o manifesto do tsar sobre a libertação dos camponeses, deveria mostrar o personagem principal como o antecessor daquelas pessoas que no romance são representadas por Solomin.⁹³

Outra personagem do romance *Terras virgens* que destacamos é Nejdánov. Filho ilegítimo de um aristocrata, que defende medidas mais radicais para modificar e politizar o campesinato. Na visão de uma das personagens, Nejdánov é digno de piedade. Ele próprio, em dado momento, lamenta-se por sentir tristeza e melancolia sem saber a razão: “[...] que diabos de revolucionário é você? [...] Oh Hamlet, Hamlet, príncipe da Dinamarca, como sair da sua sombra? Como deixar de imitá-lo em tudo, mesmo no prazer infame de autoflagelação?”⁹⁴ Por fim, ao ser denunciado às

⁹²ТУРГЕНЕВ, 1982, т. 9, с. 271. “Хорошие, хотя и не совсем обыкновенные, отношения существовали между Соломиным и фабричными: они уважали его как старшего и обходились с ним как с равным, как со своим; только уж очень он был знающ в их глазах!”

⁹³БЯЛЫЙ, 1962. “Соломинская линия будущего романа подготавливается в повестях “Пунин и Бабурин” (1874) и “Часы” (1875). Тургенева интересует здесь зарождение “постепеновцев снизу”, совсем близких к народу, из народа прямо и непосредственно идущих. К этим людям относится “республиканец” Бабурин - человек, наделенный плебейской силой и плебейской гордостью, участник кружка петрашевцев, сосланный в Сибирь за активную политическую деятельность. Финал рассказа, в котором ссыльный республиканец со слезами восторга и благодарности читает царский манифест об освобождении крестьян, должен был показать главного героя как предшественника тех людей, которых в романе представляет Соломин.”

⁹⁴ТУРГЕНЕВ, Op. cit., с. 233. “[...] какой же ты к чёрту революционер? [...] О Гамлет, Гамлет, датский принц, как выйти из твоей тени? Как перестать подражать тебе во всем, даже в позорном наслаждении самобичевания?”

autoridades, Nejdánov comete suicídio. Vemos aqui a retomada do tema da melancolia que acomete a juventude idealista e de Hamlet como sua figura representativa.

Como se pode perceber, Turguêniev representou a sociedade e a intelligentsia russa do século XIX em várias de suas personagens, desde Tchulkatúrín, em seguida com Rúdin e Lavriétski, representantes do tipo “homem supérfluo” e idealistas da geração de 40, passando por Insárov, o revolucionário búlgaro dos anos 50, até o niilista Bazárov, de 1860, e, por fim, com os populistas Solomin e Nejdánov da década seguinte. Enquanto Piotr Petróvitch B., o narrador de *Púnin e Babúrin*, faz coro com as personagens nobres e inativas da geração de 1840, Babúrin integra o rol de personagens raznotchínets (como Andrei Kólossov, figura da novela homônima, publicada em 1844) – oriundos do povo, e não da nobreza –, que já nos anos 40 anunciavam os niilistas e, mais tarde, os populistas. Quanto à origem de Babúrin, Púnin afirma que o republicano era filho bastardo de um nobre:

– E de fato o próprio Paramon Semiónitch... O senhor não sabe? Ele também é de origem elevada, e também do lado esquerdo. Dizem que seu pai era um soberano príncipe georgiano da tribo do rei Davi... Como o senhor entende isso? Em poucas palavras, o que mais se pode dizer?! O sangue do rei Davi! Que tal? De acordo com outras informações, o progenitor de Paramon Semiónitch era um certo xá indiano Babur Sangue Azul! Isso é bom mesmo! Hein?⁹⁵

Nesse sentido, há uma relação entre Babúrin e Bazárov, o protagonista de *Pais e filhos*, ambos raznotchínets. A linhagem do niilista é destacada na seguinte passagem que revela o pensamento de Pável, o tio de Arkádi, sobre o jovem:

⁹⁵A escolha do sobrenome de Babúrin está ligada a uma suposta linhagem nobre. Situação semelhante também pode ser observada em outra novela do autor, *Um rei Lear da estepe*, publicada em 1870, na qual o protagonista Martin Petróvitch Kharlov exalta sua pretensa origem sueca, mas se confunde ao tentar traçar uma genealogia de sua família: “– Nossa linhagem é da Suéchia (era assim que ele pronunciava a palavra “Suécia”); Kharlus veio da Suéchia – assegurava ele – e chegou à Rússia no reinado de Ivan Vassilievitch, o Obscuro (eis quando!); e o sueco Kharlus não quis ser um conde finlandês – preferiu ser um nobre russo e registrar-se no livro de ouro. Eis de onde nós, os Kharlov, viemos!..” (TURGUÊNIEV In: FARJADO, 2016, p. 11.)

– O senhor tem uma opinião tão elevada assim a respeito dos alemães? – indagou Pável Petróvitch, com um requinte de cortesia. Começava a sentir uma irritação secreta. A total falta de cerimônia de Bazárov indignava sua natureza aristocrática. Aquele filho de um simples médico não só não se intimidava como respondia com segura e de má vontade; além disso, no som da sua voz havia algo de rude, quase insolente.⁹⁶

Pável Petróvitch, sendo um aristocrata, menospreza a origem de Bazárov, “filho de um simples médico”, o que nos remete à fala da velha proprietária de terras no momento em que demite Babúrin: “Não preciso de sábios filantropos raznotchínets; preciso de criados submissos. Assim como tenho vivido antes de você, continuarei vivendo depois de você.”

Em seguida, as opiniões de Pável e Bazárov divergem acerca de literatura e filosofia:

– No que me diz respeito – retomou ele, não sem um certo esforço –, eu, pecador que sou, não aprecio os alemães. Não me refiro aos alemães russos: sabemos que tipo de criatura são eles. Mas os alemães propriamente ditos não me agradam. Os antigos ainda prestavam para alguma coisa; na época, ainda tinham um Schiller aqui, um Goethe ali... Meu irmão, por exemplo, os tem em alta conta... Mas agora vieram todos esses químicos e materialistas...
– Um químico honesto é vinte vezes mais útil do que qualquer poeta – interrompeu Bazárov.⁹⁷

Pável e seu irmão, Nicolau, são homens da geração de 40 e ocidentalistas. A eles se junta Piotr Petróvitch, o narrador de *Púnin e Babúrin*, um jovem nobre que simpatizava com os ideais revolucionários e se diz republicano. Na teoria, se alinhavam aos revolucionários franceses, ao Romantismo e ao idealismo alemão. O jovem excêntrico do já citado conto “Hamlet do distrito de Schigrí”, por exemplo, ao revelar sua formação intelectual em conversa com o narrador, cita dois grandes nomes do romantismo e do idealismo alemão:

– Não, permita-me, *o senhor*. Em primeiro lugar, não falo francês pior do que o senhor, e o meu alemão é até melhor; em segundo, passei três anos no exterior: só em Berlim foram oito meses. Estudei Hegel, meu caro senhor, sei

⁹⁶TURGUÊNIEV, 2004, p. 51.

⁹⁷Ibidem, p. 51-52.

Goethe de cor; acima de tudo, estive muito tempo apaixonado pela filha de um professor alemão, e me casei por aqui com uma senhorita tuberculosa e careca, mas de personalidade notável. Ou seja, sou um animal de sua espécie; não sou esse homem da estepe que o senhor imagina... Também sou atormentado pela reflexão, e não tenho nada de espontâneo.⁹⁸

O protagonista de *Rúdin* também passou dois anos estudando na Alemanha e, com a intenção de cortejar uma modista francesa, começou a “levar-lhe vários livros, a falar-lhe da natureza e de Hegel”.⁹⁹ Na prática, no entanto, esses “homens dos anos 40”, ainda sentindo-se desestimulados frente o fracasso da Revolta Dezembrista, se tornaram incapacitados para a ação.

Desse modo, é importante entender a teoria por trás das ideias políticas e sociais da velha geração. Tendo Kant, Fichte, Schelling e Hegel como principais representantes, o idealismo alemão surge em resposta ao turbulento cenário da Revolução Francesa e se torna importante para os pensadores russos do início do século XIX, por ser um período de grande discussão acerca de política e busca pela liberdade. Como aponta o crítico Joseph Frank:

Começaram com alguma forma de romantismo social ou filosófico, mergulharam em Hegel, seguiram sua recomendação de esquerda e particularmente por Feuerbach, voltaram-se para uma filosofia da ação política a fim de transformar o mundo à luz da razão consciente. O ideal, tal como no jovem Marx, era fundir os resultados da filosofia alemã com o ativismo político francês.¹⁰⁰

Eles eram os ocidentalistas, tais como Mikhail Bakúnin, Vissarión Belínski, Vassíli Bótkin, Konstantin Aksákov e Aleksandr Herzen. Para eles, a Rússia deveria seguir o modelo de desenvolvimento europeu, enquanto os eslavófilos consideravam a cultura do Ocidente corrompida e decadente, logo, a solução para o país era voltar-se para o espírito popular russo, calcado na fé greco-ortodoxa. Mais adiante, Frank destaca a denominação que Herzen dava à dialética hegeliana. Em 1855, ao rememorar os anos

⁹⁸TURGUÊNIEV, 2013, p. 339.

⁹⁹TURGUÊNIEV, 2012, p. 157.

¹⁰⁰FRANK, Op. cit., p. 70.

40, ele escreveria: “A filosofia de Hegel é a álgebra da revolução, ela liberta o homem de forma incomum e não deixa nenhuma pedra do mundo cristão, do mundo das tradições que tenha sobrevivido. Mas pode, com intenção, ser mal formulada.”¹⁰¹

A filosofia de Hegel é frequentemente apontada como o auge do idealismo alemão e do racionalismo, além de representar um momento de reconciliação da filosofia com a realidade, onde a ação é vista como ato de transformação da realidade. De acordo com Hegel, embora seja indispensável na orientação das pessoas em busca de sua libertação, o filósofo “não pode forçar as pessoas a serem livres, nem tem qualquer saber em conceber ou implementar planos para uma mudança social e política, nem os intrincados detalhes de seus argumentos motivarão as pessoas a buscarem a liberdade.”¹⁰² Entretanto, “o conhecimento filosófico, quando juntado com a educação, acolhe potencial transformador e revolucionário”¹⁰³ a partir do momento em que, ao fazer uso desse conhecimento, as pessoas que já desejam ser livres buscam sua liberdade política e social.

No ano de 1831, que marca o fim do idealismo alemão com a morte de Hegel, formou-se na Rússia o círculo de Stankiévitich,¹⁰⁴ que incluiu pensadores progressistas inspirados pela filosofia deste pensador alemão e de Schelling. O próprio Turguêniev esteve ligado a este círculo:

Já em tenra idade, Turguêniev ficou completamente imerso no idealismo alemão. A influência dos hegelianos russos, um pequeno grupo ou "círculo" de estudantes idealistas de Moscou, liderados por Stankiévitich, Mikhail Bakúnin e o crítico Vissarión Belínski, parece ter penetrado até na escola preparatória de Weydenhammer e talvez não seja surpreendente que um pobre estudante daquele estabelecimento, que era muito mais velho que Turguêniev, deveria estar lendo *Resignação*, de Schiller, um poema que os jovens hegelianos gostavam muito de citar.¹⁰⁵

¹⁰¹ГЕРЦЕН, 1958. “Философия Гегеля - алгебра революции, она необыкновенно освобождает человека и не оставляет камня на камне от мира христианского, от мира преданий, переживших себя. Но она, может с намерением, дурно формулирована.”

¹⁰²DUDLEY, 2013, p. 164.

¹⁰³Idem.

¹⁰⁴Nikolai Vladímirovitch Stankiévitich (1813 – 1840), filósofo e poeta russo.

¹⁰⁵MAGARSHACK, 1954, p. 28. “Already at that early age Turgenev got thoroughly soaked in German idealism. The influence of the Russian Hegelians, a small group or 'circle' of idealistic Moscow students,

Durante sua juventude, de 1838 a 1843, Turguêniev passou por uma fase em que se entregou ao idealismo hegeliano:

Ocupei-me de filosofia, línguas clássicas, história e com especial afincamento estudei Hegel sob orientação do professor Werder. Como prova de quão insuficiente era a educação obtida naquela época em nossas instituições superiores, trago o seguinte fato: ouvi em Berlim antiguidades latinas de Zumpt,¹⁰⁶ história da literatura grega de Boeckh,¹⁰⁷ e em casa fui forçado a decorar as gramáticas grega e latina, que eu mal conhecia. E não fui um dos que ficaram entre os piores candidatos.¹⁰⁸

Em 1840, Turguêniev e Bakúnin se conheceram e se tornaram inseparáveis, passando muito tempo juntos discutindo problemas filosóficos. Turguêniev acabou se apaixonando por Tatiana, irmã de Bakúnin. Esse caso provocou em Turguêniev uma crise, que tem relação com o idealismo alemão, pois Tatiana havia absorvido completamente as teorias hegelianas de seu irmão, especialmente sua teoria sobre o papel da mulher no “mundo ideal da religião e da filosofia”.¹⁰⁹ Ao saber do romance, Bakúnin expressou a Turguêniev seu desejo de que ele fosse apenas um amigo e irmão para Tatiana:

No final, apesar de ainda ser apenas sua "irmã" e sua "amiga", seus êxtases apaixonados a deixaram doente e ela foi enviada a Moscou para tratamento médico. Ela ficou na casa de sua tia e Turguêniev foi vê-la e enviou-lhe cartas "comoventes e agitadas" em alemão, cheias de sentimentos elevados, mas, nessa época, ele não só devia estar farto do negócio todo, mas também odiando tudo o que cheirava à filosofia idealista alemã.¹¹⁰

headed by Stankevich, Michael (Michel) Bakúnin and the critic Vissarion Belinsky, seems to have penetrated even to Weydenhammer's prep school and it is perhaps not surprising that a poor scholar of that establishment who was much older than Turgenev should have been reading Schiller's Resignation, a poem the young Hegelians were very fond of quoting.”

¹⁰⁶Karl ou Gottlob Zumpt (1792 – 1849), filólogo alemão conhecido por seu trabalho no campo da filologia latina. Em 1827, foi nomeado professor de filologia clássica na Universidade de Berlim.

¹⁰⁷Philipp August Boeckh (1785 – 1867), filólogo e historiador alemão. Foi professora da Universidade Humboldt em Berlim de 1811 até sua morte.

¹⁰⁸ТУРГЕНЕВ, 1983, т. 11, с. 8. “Я занимался философией, древними языками, историей и с особенным рвением изучал Гегеля под руководством профессора Вердера. В доказательство того, как недостаточно было образование, получаемое в то время в наших высших заведениях, приведу следующий факт: я слушал в Берлине латинские древности у Цумпта, историю греческой литературы у Бока – а на дому принужден был зубрить латинскую грамматику и греческую, которые знал плохо. И я был не из худших кандидатов.”

¹⁰⁹MAGARSHACK, Op. cit., p. 58. “the ideal world of religion and philosophy”

¹¹⁰Ibidem, p. 60. “In the end, though still only his 'sister' and his 'friend', her love-sick extasies made her ill and she was sent to Moscow for medical treatment. She stayed at her aunt's and Turgenev came to see

Em 1842, Turguêniev deixa Moscou para ingressar no serviço público, junto ao Ministério do Interior, em São Petersburgo – note-se que este é o mesmo cargo ocupado por Piotr Petróvitch B., o narrador de *Púnin e Babúrin*. Antes de partir, ele escreve a Tatiana, assegurando-lhe que tornarão a se ver, o que, no entanto, não acontece. O fim deste caso amoroso certamente teve influência no término da fase romântica de Turguêniev. O escritor passa a rejeitar a “reconciliação com a realidade” do sistema de Hegel, que buscava conciliar a liberdade individual e a reconstrução de uma ordem social baseada na primazia do público sobre o privado (prioridade presente nas repúblicas antigas).¹¹¹ Assim, no ano seguinte, ele escreve em um artigo sobre a obra *Guilherme Tell*, de Schiller: “Hegel parecia, ao mesmo tempo, um grego antigo e um sapateiro presunçoso.”¹¹² Trata-se do mesmo ano em que, de acordo com o crítico literário Richard Freeborn, o Romantismo começa a sair de cena para dar lugar ao Realismo:

Em 1843, o clima predominante entre a intelligentsia russa havia mudado. O romantismo da década anterior, com seu byronismo, sua admiração por Schelling, suas tentativas de definir o significado de *narodnost* (nacionalidade), seus primeiros passos experimentais em direção a uma nova consciência política, foi substituído por um clima de crescente realismo.¹¹³

Na opinião do crítico, a intelligentsia passa a se preocupar com uma reorganização social e de ideais na Rússia, o que faz com que se aproxime de escritores de tendência socialista utópica, tais como Pierre-Joseph Proudhon (1809 - 1865), Charles Fourier (1772 - 1837) e Louis Blanc (1811 - 1882). A geração de 60,

her and sent her 'touching and agitated' letters in German, full of lofty sentiments, but by that time he must not only have heartily sick of the whole business, but grown to hate everything that smacked of German idealist philosophy.”

¹¹¹Cf. COUTINHO, 1998, p. 61.

¹¹²ТУРГЕНЕВ, 1978, с. 189. “Тегель походил лицом, в одно и то же время, на древнего грека и на самодовольного сапожника.”

¹¹³FREEBORN, 1960, p. 12. “By 1843 the mood prevailing among the Russian intelligentsia had changed. The romanticism of the previous decade with its Byronism, its admiration for Schelling, its attempts to define the meaning of *narodnost*, its first tentative steps towards a new political awareness, had been replaced by a mood of increasing realism.”

por outro lado, tinha como embasamento teórico o materialismo alemão, com destaque para nomes como Karl Vogt (1817 - 1895), Ludwig Büchner (1824 - 1899) e Ludwig Feuerbach (1804 - 1872). Além disso, buscavam romper com o passado e destruir as tradições. A nova geração substitui o idealismo hegeliano “por um materialismo genérico, uma ética do egoísmo utilitarista e uma fé ingênua de que a ciência e a racionalidade seriam suficientes para desintrinchar as complexidades da condição humana.”¹¹⁴ No romance *Pais e filhos*, em conversa com Nicolau, ao falar sobre o químico Justus von Liebig (1803 - 1873), o protagonista Bazárov mostra seu apreço pelo materialismo, mas também rejeita a tradição russa no estudo das ciências naturais, por estar atrasada em relação ao desenvolvimento alemão na área:

[...] De minha parte, fico muito contente por o senhor se dedicar às ciências naturais. Ouvi dizer que Liebig fez descobertas espantosas relativas à fertilização da terra. O senhor poderá me ajudar em minhas atividades agrônômicas; poderá me dar algum conselho útil.
– Estou a seu dispor, Nicolau Petróvitch. Mas estamos muito distantes de Liebig! É preciso aprender o abecê, antes de começar a ler um livro, e nós ainda nem passamos pelo beabá.
“Ora, estou vendo que você é de fato um niilista”, pensou Nicolau Petróvitch.¹¹⁵

Mais adiante, Bazárov define os niilistas da seguinte maneira: “[...] O niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.”¹¹⁶ Já Pável e Nicolau Petróvitch mostram ter valores mais conservadores, acreditam na fé, na hierarquia e em princípios. Pável, o tio de Arkádi, mostra ser ainda mais conservador que os próprios hegelianos de sua época, como vemos no trecho a seguir: “— Sim. Antes, foram os hegelistas e agora são os niilistas. Veremos como os

¹¹⁴FRANK, 2002, p. 29-30.

¹¹⁵TURGUÊNIEV, 2004, p. 52-53.

¹¹⁶Ibidem, p. 52.

senhores vão viver no vácuo, no espaço sem ar; e agora, por favor, me perdoe, meu irmão Nicolau Petróvitch, está na hora de tomar meu cacau.”¹¹⁷

Na verdade, os niilistas não eram totalmente contrários a princípios, mas buscavam por aqueles que se adequavam melhor à nova teoria que embasava o movimento, isto é, ao positivismo e materialismo.¹¹⁸ Entretanto, eles parecem sofrer do mesmo mal que assolava a intelligentsia da geração anterior: o que fazer para que as mudanças ocorram? Essa inquietação é expressa nos pensamentos de Arkádi no terceiro capítulo de *Pais e filhos*: “Não”, pensou Arkádi, “esta não é uma região rica, não impressiona nem pela fartura, nem pela dedicação ao trabalho; não é possível, não é possível que continue assim, reformas são imprescindíveis... mas como executá-las, como dar o primeiro passo?”¹¹⁹

A admiração por Belínski e a defesa do republicanismo aproximam Babúrín dos “homens de 40”, mas o fato de ser um raznotchínets e, principalmente, suas atitudes o aproximam mais da nova geração que surgia, visto que a geração anterior era formada sobretudo por nobres e marcada pelo fastio e inação frente os problemas da sociedade. Babúrín, ao contrário, é um raznotchínets que age pelo menos desde 1821, quando acolheu Púnin por justiça, ou seja, antes mesmo do estabelecimento dos “homens dos anos 60”. Dentre suas ações, destacam-se o enfrentamento aos patrões, inicialmente em defesa do camponês Ermil e mais tarde em favor de operários em São Petersburgo, além do envolvimento com um grupo revolucionário que resultou em seu exílio para a Sibéria.

Em relação ao contexto literário, Púnin está mais ligado ao século XVIII por sua admiração por autores do neoclassicismo e do sentimentalismo. Como diz o narrador,

¹¹⁷Ibidem, p. 46-47.

¹¹⁸VOLPI, 1999, p. 14.

¹¹⁹TURGUÊNIEV, Op. cit., p. 32.

“quanto mais velho fossem os versos, mais eram do agrado de Púnin”. A avó de Piotr Petróvitch, porém, possui uma visão extremamente conservadora quanto à poesia, pois considerava os versos russos “algo completamente indecente e vulgar”, e o poeta, ao seu ver, era “ou um beberrão, ou um tolo completo”. Inevitavelmente, a opinião da avó acabou interferindo na visão do jovem sobre Púnin:

Educado sob tal compreensão, eu inevitavelmente deveria ou afastar-me de Púnin com repulsa – e ele vinha tão desmazelado e desleixado, que chegava a ofender meus hábitos de fidalgo –, ou me deixar entusiasmar e cativar por ele, seguir seu exemplo, contagiá-lo com sua paixão pelos versos...

Apesar da resistência inicial causada pela aparência de Púnin, o jovem Piotr Petróvitch se deixa fascinar por aquela estranha figura, que se torna uma influência de suma importância para a sua formação:

Púnin, portanto, obriga Piotr Petróvitch a fazer uma escolha na vida, a se distanciar de seus antigos hábitos e ambientes sociais; ele pode ser chamado corretamente de iniciador. De fato, é ele quem inicia Piotr Petróvitch na esfera do pensamento, ou melhor, da atitude mental, para depois tornar-se consciente, por meio da defesa de Babúrin do servo exilado Ermil, e seguido pelo processo de “tornar-se um republicano não pior do que Babúrin”.¹²⁰

E, assim, Piotr é iniciado tanto na literatura quanto no ideal de liberdade do século XVIII, pois, ao recitar Derjávín para demonstrar sua indignação com a demissão de Babúrin, Púnin revela que sua percepção das injustiças sociais está alinhada com os preceitos da literatura iluminista, que defendia que os governantes, assim como todos os homens, estão vinculados a leis morais universais.¹²¹

Quanto a Babúrin, literariamente, suas preferências são por um almanaque dezembrista e pelo crítico Belínski. Essas leituras se justificam pelo viés político, pois

¹²⁰BROUWER, 1996, p. 231. “Punin thus forces Petr Petrovič to make a choice in life, to distance himself from his former habits and social surroundings; he may rightly be called an initiator. Indeed, it is he who initiates Petr Petrovič into the sphere of thought, or rather attitude of mind, later to be made conscious through Baburin’s defence of the exiled serf Ermil, and followed by the process of ‘becoming a republican no less than Baburin’.”

¹²¹Cf. Ibidem, p. 237.

ambos se posicionavam contra o regime tsarista. Além do mais, como vimos anteriormente, no segundo capítulo da novela, Babúrin força Musa a ler Karamzin, autor da *História do Estado Russo* em nove volumes, a primeira nesse gênero, e escritor que inicialmente se caracterizou por um humanitarismo sentimental. Tal leitura também está relacionada à posição política do republicano, como explica o professor Sander Brouwer:

[...] mas seu republicanismo também lembra a visão de mundo ideológica da ala 'crítica' do Sentimentalismo. O envolvimento social de Babúrin é, portanto, explicado por sua composição emocional, uma característica que ele compartilha com muitos dos 'críticos' sentimentais e que ajudaram a preparar e moldar a 'linha cívica' no Romantismo russo.¹²²

Além disso, é interessante observar que uma das obras mais famosas deste escritor é a novela *Pobre Liza*, que narra a história de uma jovem que comete suicídio após um romance fracassado. E Musa reclama de ter de ler Karamzin, ao segredar ao narrador que Babúrin pedira sua mão. Apaixonada por Tarkhov, para fugir desse casamento, a jovem chega a dizer que seria capaz até mesmo de cometer suicídio.

O narrador, Musa e Tarkhov são jovens quando o Romantismo está em pleno auge, dessa forma, admiram Púchkin, escritor que também é lido por Nicolau Kirsánov, personagem representante da geração de 1840 em *Pais e filhos*:

– O motivo é o seguinte: hoje, eu estava lendo Púchkin... Se bem me lembro, caiu-me nas mãos *Os ciganos*... De repente, Arkádi aproximou-se e, em silêncio, com uma comiseração carinhosa em seu rosto, de mansinho, como diante de um bebê, tirou o livro das minhas mãos e pôs um outro, alemão...¹²³

Bazárov e Arkádi, como representantes do niilismo russo, questionam a utilidade da literatura, o que faz com que este estimule o pai a ler *Força e matéria* (1855), obra de

¹²²Ibidem. p. 240. “[...] but his republicanism also recalls the ideological worldview of the ‘critical’ wing of Sentimentalism. Baburin’s social engagement is thus explained by his emotional make-up, a trait which he shares with many of the ‘critical’ Sentimentalists and which helped to prepare and shape the ‘civic line’ in Russian Romanticism.”

¹²³TURGUÊNIEV, Op. cit., p. 80.

Ludwig Büchner (1824 – 1899), filósofo e médico alemão que defendia a primazia da ciência como fonte de conhecimento. Como destaca Frank, “A nova geração da década de 1860 – a geração do herói de Turguêniev, Bazárov – favorecia, em literatura, o realismo em vez do romantismo e admirava o último Gógol em vez de Púchkin [...]”¹²⁴

Arkádi tenta defender as atitudes e opiniões do pai em razão da educação que recebera e da época à qual pertencia, ao que Bazárov responde:

- [...] Estou convencido de que ele se considera, a sério, um homem útil porque lê seu Galignanizinho¹²⁵ e, uma vez por mês, salva um mujique do chicote.
- Mas leve em conta a educação que ele recebeu e a época em que viveu – observou Arkádi.
- Educação? – repetiu Bazárov. – Todo homem deve educar-se a si mesmo... como eu, por exemplo... E, quanto à época, por que eu deveria depender dela? É melhor que a época dependa de mim.¹²⁶

Sobre Babúrin, sabemos apenas que havia trabalhado em escritórios como escrivão. No momento em que a patroa está mandando Ermil ao exílio, o republicano intervém e faz um breve discurso bastante polido, ao que a velha senhora pergunta:

- Você... estudou onde? – perguntou vovó após um certo silêncio e baixando o lornhão.
- Babúrin se surpreendeu.
- O que deseja, senhora? – murmurou ele.
- Estou perguntando: onde você estudou? Você usa essas palavras complicadas.
- Eu... a minha educação... – fez menção de começar Babúrin.
- Vovó deu de ombros com desprezo.

Com essa interrupção, infelizmente não nos é dada a conhecer a fonte da educação de Babúrin, mas, por sua origem humilde, o mais provável é que tenha se educado sozinho ou com alguma ajuda. Após perguntar a opinião do narrador sobre Zenão, o republicano informa apenas que teve contato com a filosofia desse pensador grego

¹²⁴FRANK, 1992, p. 219.

¹²⁵Giovanni Antonio Galignani (1757-1821) foi um editor de jornal italiano. Após sua morte, seus dois filhos, John Anthony (1796-1873) e William (1798-1882) continuaram publicando o jornal, com ênfase em notícias progressistas.

¹²⁶TURGUÊNIEV, Op. cit., p. 61-62.

através de “um pequeno-burguês que tinha muitos livros velhos”. Por fim, mais adiante ficamos sabendo que Babúrin educou Musa quando a acolheu. Sendo assim, Babúrin acaba seguindo tendência posteriormente defendida por Bazárov de que todo homem deve educar-se a si mesmo.

Também existem certas divergências entre o discurso e algumas atitudes, tanto em Babúrin quanto em Bazárov. Babúrin, por exemplo, defende que todas as pessoas deveriam ser livres para agir de acordo com a própria vontade, no entanto, praticamente coage Musa a casar-se com ele. Ainda que estivesse apaixonada por Tarkhov, a jovem se sente forçada a casar com o republicano, cerca de vinte anos mais velho, por tê-la acolhido quando ela estava sozinha no mundo. A seguinte fala de Tarkhov, em sua briga com o narrador por causa de tal proposta de casamento, mostra que talvez Babúrin, movido pela paixão, estivesse agindo fora de seus princípios:

[...] se Babúrin possui tal natureza nobre e honesta – como então ele não vê que Musa não combina com ele? Das duas, uma: ou ele não entende que a está coagindo em nome da gratidão, se é assim... então onde foi parar sua honestidade? Ou ele não entende isso... e nesse caso como não chamá-lo de idiota?

Já Bazárov, no início de *Pais e filhos*, nega e despreza o amor romântico:

E o que são essas misteriosas relações entre homem e mulher? Nós, fisiologistas, sabemos que relações são essas. Estude a fundo a anatomia do olho: de onde vem esse olhar enigmático, como você o chamou? Tudo isso é puro romantismo, fantasia, podridão, belas-artes. É muito melhor irmos examinar o besouro.¹²⁷

No entanto, Bazárov acaba se apaixonando por Ana Odíntsova, como admite em seu leito de morte: “Pois bem, o que tenho a lhe dizer... amei a senhora! Antes, isso já não tinha nenhum sentido, e agora, muito menos. O amor é uma forma e a minha forma própria já está se desagregando”.¹²⁸ Apesar de sua visão racional e aparentemente

¹²⁷Ibidem, p. 62.

¹²⁸Ibidem, p. 289.

insensível, nem o niilista foi imune a tal vicissitude. Ao longo da narrativa, Bazárov também critica a aristocracia, mas a mulher da nobreza por quem se apaixona, aliás, a propriedade rural da família de seu amigo Arkádi, onde o niilista se hospeda, também pertence à nobreza. Da mesma forma, Babúrin é um crítico da aristocracia e, no capítulo II, trata o narrador com desdém por este ser nobre:

[...] ele não sorriu nem mesmo com os olhos, mal acenou com a cabeça; perguntou – extremamente desdenhoso e seco – se minha vó era viva – e só. 'A mim, era como se dissesse, a visita de um nobre não surpreende, e não me é nem um pouco lisonjeira.' O republicano permanecia republicano.”

Entretanto, no capítulo IV, ao receber a notícia da emancipação dos servos, Babúrin fica entusiasmado a ponto de exaltar a figura do tsar, e exclama: “Deus, salve o tsar”, em referência à canção que foi o hino nacional russo de 1833 a 1917. O republicano também não se mostra religioso e, no terceiro capítulo da novela, chega a desdenhar da cerimônia durante o funeral de Púnin: “E, aliás, uma pessoa basta para cumprir essa formalidade vazia, essa cerimônia. Quem acredita em tudo isso?” No entanto, ao comemorar a libertação dos servos, diz ainda: “Agora despedes...”, que remete à passagem bíblica *Nunc dimittis* (Lucas 2:29-32), onde Simeão se encontra com Jesus Cristo, pois havia recebido a promessa do Espírito Santo de que não morreria até ver o Salvador. Já Bazárov não crê na religião. Como afirma Arkádi, um niilista “não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito”.¹²⁹ Mais adiante, no capítulo XXI, Bazárov zomba: “Só olho para o céu quando tenho vontade de espirrar”,¹³⁰ mas, com a aproximação da morte, não se recusa a receber a extrema unção e morre assim que termina o ritual religioso.

¹²⁹Ibidem, p. 46-47.

¹³⁰Ibidem, p. 198.

Capítulo 2

6. O realismo de Turguêniev

Em *Mímesis, a representação da realidade na cultura ocidental*, Auerbach aponta para as diferenças entre o realismo na Rússia e na Europa Ocidental. Para ele, enquanto o realismo europeu retrata a burguesia esclarecida em ascensão para uma posição de domínio tanto econômico quanto espiritual, no realismo russo a variedade de classes representadas é maior e o movimento está mais ligado a uma ideia cristã e patriarcal da dignidade de cada ser humano, independentemente de sua situação. Nesse caso, o crítico tem em mente sobretudo as obras de Dostoiévski e Tolstói.

Em Turguêniev, a questão religiosa não só não é tão latente como o núcleo familiar também não é tão demarcado, como ressalta a estudiosa Elizabeth Allen, ao defender que a ficção do escritor apresenta padrões literários não-realistas: “Mesmo uma unidade comunitária primária, como a família nuclear, quase nunca aparece: onde há adultos casados, na maior parte das vezes não há crianças; onde há filhos, pelo menos um dos pais está ausente, geralmente falecido.”¹³¹ De fato, em suas obras é frequente a ausência da família nuclear, como na novela *Púnin e Babúrin*, onde o narrador é órfão, criado pela avó. Segundo Allen, essa ausência de uma essência familiar é ainda maior nas narrativas que tratam do campesinato. Na novela em questão, seu ponto de vista se confirma, pois as demais personagens de classes mais baixas também são oriundas de lares desfeitos: Babúrin foi abandonado pelos parentes após a morte dos pais; Musa também é órfã e foi acolhida por Babúrin; sobre Púnin sabemos apenas que seu pai fora diácono; o pai de Ermil, o jovem camponês que Babúrin

¹³¹ALLEN, 1992, p. 34. “Even as primary a communal unit as the nuclear family almost never appears: where there are married adults, more often than not there are no children; where there are children, at least one parent is absent, usually deceased.”

defende no primeiro capítulo da novela, de repente cai em desgraça e morre deixando a família na extrema pobreza. Para Allen, isso é uma falta de representação de comunidade, o que afasta Turguêniev do realismo puro:

Essa ausência simples, mas significativa, de qualquer representação – muito menos afirmação – da comunidade, inevitavelmente põe em questão a estreita associação tradicional de Turguêniev com o Realismo. Uma conclusão é óbvia: a ética de Turguêniev difere fundamentalmente daquelas do puro realismo. Se alguém concorda ou não que ele endossa alguma autoridade moral específica em suas narrativas, deve pelo menos admitir que as associações comunais preconizadas pela ética realista não assumem tal autoridade; eles dificilmente parecem existir.¹³²

Esse afastamento ocorreria porque o realismo puro implica na idealização de uma comunidade rural, homogênea, de alto nível pessoal e humano, em contraposição aos residentes da cidade, que se tornaram uma sociedade destrutiva e despersonalizada. Os integrantes da comunidade ideal estão ligados por uma história, por tradições e interesses em comum, e se desenvolveram organicamente para incorporar novas gerações de suas famílias fundadoras. Os membros da comunidade também tendem a compartilhar uma visão de mundo que os possibilita negociar divergências de opiniões que possam surgir. Entretanto, tanto Elizabeth Allen quanto outros teóricos, como Roman Jakobson e René Wellek, ressaltam a disparidade de critérios para se classificar uma obra enquanto realista e a dificuldade de se definir o Realismo, pois se trata de uma tendência que desenvolveu inúmeros significados e existe enquanto processo, correspondendo à realidade em constante mudança. Jakobson explica que desde o Classicismo até o Futurismo, todas as escolas literárias declararam que seus programas eram orientados pela fidelidade à realidade da vida e pela verossimilhança – em outras

¹³²Ibidem, p. 35. “This simple but significant absence of any representation – much less affirmation – of community inevitable brings into question the traditional close association of Turgenev with Realism. One conclusion is obvious: Turgenev’s ethics differ fundamentally from those of pure Realism. Whether or not one agrees that he endorses some specific moral authority in his narratives, it must at least be conceded that the communal associations extolled by Realist ethics do not assume such authority; they hardly appear to exist at all.”

palavras, pelo realismo. Mas no século XIX, esse lema e o esforço para a máxima verossimilhança originou um movimento artístico que deu ao termo “realismo” seu significado atual.¹³³

Sobre o Realismo constituir uma representação objetiva da realidade social contemporânea e abrangente em matéria de conteúdo, Wellek questiona se ele pode ser visto como o conceito de período específico e distinguir-se dos outros períodos da história literária, como o Classicismo ou o Romantismo.¹³⁴ A relação entre o Realismo e demais estilos literários parece ser um consenso entre diversos teóricos, especialmente quando se trata de literatura russa. Segundo Wellek: “Na Rússia o realismo é tudo. Ali caçam o realismo até mesmo no passado. Púshkin e Gógol são realistas [...]”¹³⁵ Também Górkí ressalta a ligação entre Realismo e Romantismo, em especial em escritores russos:

Em relação a escritores clássicos, tais como Balzac, Turguêniev, Tolstói, Gógol, Leskov, Tchekhov, é difícil dizer com precisão suficiente que são românticos ou realistas. Em grandes artistas, o realismo e o romantismo estão sempre como que unidos. Balzac era realista, mas escreveu romances como “La peau de chagrin”, uma obra bem distante do realismo. Turguêniev também escreveu coisas de inspiração romântica, assim como todos os nossos outros maiores escritores, de Gógol a Tchekhov e Búnin. Essa fusão entre romantismo e realismo é especialmente característica de nossa grande literatura, e lhe confere tanto originalidade quanto força, que é cada vez mais evidente e influencia profundamente a literatura de todo o mundo.¹³⁶

Para o semiótico russo Iúri Lotman, por outro lado, no Romantismo a realidade imita a literatura, enquanto os textos realistas procuram imitar a realidade. Nesse

¹³³JAKOBSON, 1987, p. 20.

¹³⁴WELLEK, 1963, p. 220-221.

¹³⁵Ibidem, p. 209.

¹³⁶ГОРЬКИЙ, 2004, с. 615-616. “Но по отношению к таким писателям-классикам, каковы Бальзак, Тургенев, Толстой, Гоголь, Лесков, Чехов, трудно сказать с достаточной точностью кто они, романтики или реалисты? В крупных художниках реализм и романтизм всегда как будто соединены. Бальзак - реалист, но он писал и такие романы, как “Шагреневая кожа” - произведение очень далекое от реализма. Тургенев тоже писал вещи в романтическом духе, так же как и все другие крупнейшие наши писатели, от Гоголя до Чехова и Бунина. Это слияние романтизма и реализма особенно характерно для нашей большой литературы, оно и придает ей ту оригинальность, ту силу, которая все более заметно и глубоко влияет на литературу всего мира.”

sentido, Turguêniev se destaca como exemplo de escritor que sabe reconhecer novas formas de se pensar e agir em figuras da vida real e transportá-las para a literatura:

Com o realismo, é característico que um tipo de comportamento surja primeiro na vida real e depois apareça nas páginas do texto literário. (Turguêniev, por exemplo, era conhecido por sua capacidade de detectar novos modos de pensamento e comportamento na vida real).¹³⁷

De certa forma, tal afirmação vai ao encontro da análise de Freeborn, que aponta dois aspectos do realismo do autor, que são a capacidade de representar a vida de maneira verossímil e o fato de suas obras terem retratado características psicológicas e sociais da Rússia de então:

O realismo de Turguêniev deve ser definido, em primeiro lugar, em termos humanos comuns. Seus romances nos dão imagens da vida real que são fiéis à vida e aceitáveis em termos de uma realidade que todo homem pode experimentar. Em segundo lugar, seus romances são realistas no sentido de que são representações “psicossociais” de épocas no desenvolvimento da sociedade russa.¹³⁸

Além de descrever cenas que poderiam facilmente ser encontradas na vida real e de representar a sociedade como ela realmente se desenvolveu na Rússia, o teórico destaca ainda que a essência dos romances do escritor russo reside no fato de deixar a realidade do relato se desenvolver por conta própria. Ademais, na maioria de suas obras, Turguêniev preza pela objetividade e não se introduz na narrativa sem necessidade, seja através do narrador ou como um autor onisciente.¹³⁹ Já para o teórico William Lyon Phelps, “Turguêniev representa o realismo no que ele tem de melhor, pois lida com almas e não com corpos.”¹⁴⁰ Ao representar uma paixão amorosa, por exemplo, o

¹³⁷LOTMAN, 1985, p. 112. “With realism, it is characteristic for a type of behavior to arise first in real life and then appear on the pages of the literary text. (Turgenev, for example, was known for his ability to spot new modes of thought and behavior in real life.)”

¹³⁸FREEBORN, Op. cit., p. 48. “Turgenev’s realism is to be defined, firstly, in common human terms. His novels give us pictures of real life which are true to life and acceptable in terms of a reality that every man can experience. Secondly, his novels are realistic in the sense that they are ‘social-psychological’ representations of epochs in the development of Russia society.”

¹³⁹Ibidem, p. 49.

¹⁴⁰PHELPS, 1911, p. 127. “Turgenev represents realism at its best, because he deals with souls rather than with bodies.”

escritor está mais interessado no crescimento do amor na mente do que em suas manifestações carnis. O crítico literário sustenta que o autor descreve suas personagens de forma clara, definida e vívida, de maneira que cada um acabe se tornando como que um conhecido familiar na vida real. Phelps também chama Turguêniev de “realista intransigente” e observa que “Ao lê-lo, sentimos que o que ele diz é verdade, é a vida de fato”.¹⁴¹

Desse modo, além da complexidade em se estabelecer os fundamentos exatos do Realismo, a fusão entre o Realismo e outras correntes literárias é uma característica comum em grandes escritores, o que não diminui o talento do autor, pelo contrário, pois contribui para o enriquecimento da literatura como um todo. Tal fusão pode ainda enriquecer o estilo literário do autor, como no caso de Turguêniev, pois seu realismo não está presente apenas na matéria que origina suas obras, mas também se estende para a linguagem narrativa.

Na introdução à coletânea de traduções das obras do escritor russo realizadas por sua esposa Constance, Edward Garnett discorre brevemente acerca das personagens de *Púnin e Babúrin*:

Todos os personagens de *Púnin e Babúrin* são fortemente desenhados, tão intensamente vivos, que, como os retratos de Rembrandt, tornam as pessoas vivas, que ficam olhando para eles, absurdamente cinzentas e sem vida por comparação! Babúrin é um niilista antes dos tempos do niilismo, é um tipo dos personagens fortes que surgiram mais tarde no movimento dos anos oitenta.¹⁴²

Turguêniev se inspirou em pessoas reais, mais especificamente em membros do Círculo de Petrachévski para criar o protagonista da novela. Além disso, o escritor representou a personagem de forma realista ao delinear sua caracterização física e

¹⁴¹Idem. “Finally, Turgenev, although an uncompromising realist, was at heart always a poet. In reading him we feel that what he says is true, it is life indeed; but we also feel an inexpressible charm.”

¹⁴²GARNETT In: TURGENEV, 1899, p. ix-x. “All the characters in *Púnin and Babúrin* are strongly drawn, so intensely alive, that, like Rembrandt’s portraits, they make the living people, who stand looking at them, absurdly grey and lifeless by comparison! Babúrin is a Nihilist before the times of Nihilism, he is a type of the strong characters that arose later in the movement of the ‘eighties’.

psicológica e descrever suas ações. Demais personagens da novela também são retiradas de exemplos vivos, como veremos adiante, e, para Garnett, todos são descritos por Turguêniev com tamanha força, que chegam a parecer mais reais que pessoas vivas.

No que diz respeito à construção da trama e à caracterização das personagens, o ensaísta David Cecil afirma em seu ensaio sobre o escritor russo:

E seus livros mais característicos, como *Pais e filhos* e *Rúdin*, não têm essa trama regular, mas são apenas uma série de incidentes aparentemente insignificantes. Os personagens também são descritos realisticamente. Eles são bons e ruins, cômicos e sérios, mas nunca artificialmente divididos em heróis e vilões, partes sérias e alívio cômico. Nem são tipos ou símbolos; cada um é cuidadosamente individualizado, todos são descritos com o mesmo realismo detalhado.¹⁴³

Em *Púnin e Babúrin* também não há uma trama regular, mas uma sequência de incidentes aparentemente despropositados e sem ligação entre si, mas que dão unidade à narrativa. As personagens não são divididas entre heróis e vilões, mas passíveis tanto de atitudes boas, quanto más. No impasse que se forma entre Tarkhov, Musa e Babúrin, por exemplo, o narrador tenta dissuadir Tarkhov da ideia de fugir com Musa, alegando que Babúrin era uma pessoa nobre, boa e honesta, e também o benfeitor da jovem, pois a acolheu quando ela se viu órfã e desamparada. No entanto, Tarkhov põe a integridade do republicano em questão, afirmando que, além de apresentar uma postura arrogante, Babúrin parecia estar coagindo Musa a se casar com ele em nome da gratidão, o que não combinaria com sua natureza nobre. A fuga de Musa, mesmo após ter aceitado o pedido de casamento, poderia ser motivo para enquadrá-la num rol de personagens vilãs. Entretanto, ao ser novamente acolhida por Babúrin, a jovem passa a ser uma esposa fiel e companheira. Ela não só pede ao narrador para intervir na prisão do marido, como o

¹⁴³CECIL, 1949, p. 128. “And his most characteristic books, like *Fathers and Children* and *Rudin* have no such regular plot, but are just a series of apparently insignificant incidents. The characters too are realistically described. They are good and bad, comic and serious, but never artificially divided into heroes and villains, serious parts and comic relief. Nor are they types or symbols; each is carefully individualised, all are described with the same detailed realism.”

visita enquanto ele está encarcerado e acompanha-o em seu exílio à Sibéria, mesmo após Babúrin lhe dizer para não se sacrificar por ele ou por sua causa. Depois de sua morte, Musa poderia ter retornado à Rússia, mas escolhe permanecer na Sibéria para dar continuidade ao legado do marido.

Da mesma forma, as personagens podem ser cômicas e sérias ao mesmo tempo, sem carregar apenas uma única característica por todo o enredo. Como Púnin, que possui elementos de comicidade em praticamente todas as suas aparições na novela, mas apresenta um momento de seriedade quando visita o narrador em seu dormitório para contar-lhe sobre o pedido de casamento de Babúrin a Musa. Piotr Petróvitch e Púnin discordam acerca da diferença de idade ser um problema no relacionamento, em seguida, o narrador declama *Os ciganos*, de Púchkin, o que deixa Púnin sério, perturbado e impaciente para ir embora.

Cecil prossegue discutindo a prosa de Turguêniev, que é conhecida por seu lirismo e pelas belas descrições de paisagens e de personagens: “É impossível recordar uma história de Turguêniev sem evocar em nossa imaginação a cena russa em que ela se passa – as bétulas e os horizontes distantes e os vastos campos de milho brilhando ao sol ou sombreados à luz pálida da lua.”¹⁴⁴ Diversos exemplos de descrições poéticas da natureza também podem ser encontrados na novela *Púnin e Babúrin*. No primeiro capítulo, por exemplo, quando Púnin e o jovem Piotr Petróvitch passam a se reunir constantemente no jardim da propriedade para realizar leituras de escritores clássicos, o narrador relata:

Quantas histórias suas eu ouvi, sentado com ele à sombra perfumada, na relva seca e lisa, sob o resguardo do álamo prateado ou nos juncos atrás da represa, na areia grossa e meio úmida que se desprendia da beira, de onde se

¹⁴⁴Ibidem, p. 132. “It is impossible to recall a Turgenev story without evoking in our imagination the Russian scene in which it is set – the birch trees and far horizons and sweeping cornfields, shimmering in the sunshine or shadowy in the pale light of the moon.”

sobressaíam e entrelaçavam raízes nodosas como grandes veias negras, como serpentes, como que provenientes de um reino subterrâneo!

Nesse trecho, a natureza é descrita de maneira bela, tranquila e acolhedora, pois trata-se do refúgio das personagens para a leitura de poesia. Ao mesmo tempo, é cenário e solo fértil para a imaginação do jovem, que é estimulada pela literatura. O teórico Phelps, por outro lado, chama a atenção para a comoção que a musicalidade das obras do autor russo pode provocar em seus leitores: “Finalmente, Turguêniev, apesar de um realista intransigente, sempre foi um poeta de fato. [...] É o charme misterioso da música que faz nossos corações dilatarem e nossos olhos nadarem.”¹⁴⁵ Do mesmo modo, Edmund Wilson destaca o caráter poético da linguagem do escritor e as dificuldades que apresenta para a tradução: “[...] pois os problemas de traduzir Turguêniev são, em certa medida, os problemas de traduzir poesia”.¹⁴⁶ Com efeito, as aliterações em destaque no seguinte trecho, retirado do primeiro capítulo de *Púnin e Babúrin*, corroboram as afirmações desses estudiosos:

Лишь кое-где между кустами выдавались крохотные полянки с изумрудно-зеленой, шелковистой, тонкой травой, среди которой, забавно пестрея своими розовыми, лиловыми, палевыми шапочками, выглядывали приземистые сыроежки и светлыми пятнами загорались золотые шарики «куриной слепоты».¹⁴⁷

Por tais momentos de lirismo e musicalidade, Garnett define Turguêniev como um “realista poético”, pois, mesmo em se tratando de textos em prosa, as grandiosas descrições da natureza o aproximam da poesia, como também afirmou Henry James, escritor que dedicou diversos ensaios ao autor russo: “‘A natureza coloca Turguêniev entre a poesia e a prosa’, diz Henry James; e se alguém arrisca uma definição, devemos

¹⁴⁵PHELPS, Op. cit., p. 127. “Finally, Turgenev although an uncompromising realist, was at heart always a poet. [...] It is the mysterious charm of music, that makes our hearts swell and our eyes swim.”

¹⁴⁶WILSON, 1991, p. 254.

¹⁴⁷Só aqui e acolá entre as moitas apareciam minúsculas clareiras com uma erva fina, verde-esmeralda, sedosa, em meio à qual emergiam cogumelos atarracados que se espalhavam alegremente com seus chapeuzinhos rosas, lilases e cor de palha, e bolinhas douradas de “cegueiras noturnas” acendiam em manchas luminosas.

preferir chamar Turguêniev de *realista poético*.¹⁴⁸ Outra característica relacionada às descrições da natureza também foi apontada por Freeborn: “Mas o brilho da conquista técnica ainda não deve esconder de nós o fato de que a natureza nos romances de Turguêniev permanece ironicamente bela e impassível; ela pode refletir emoções humanas apenas quando as emoções são nela projetadas.”¹⁴⁹ Nesse sentido, destacamos a seguinte passagem do primeiro capítulo da novela, onde o narrador projeta na natureza um sentimento de proteção e distanciamento do mundo ao se deleitar com a poesia na companhia de seu novo amigo:

Tudo ao redor desaparecia... não, não desaparecia, mas ficava se distanciava, cobria-se de névoa, deixando atrás de si apenas uma impressão de algo amigável e protetor! Essas árvores, essas folhas verdes, essas relvas altas nos acolhiam, protegiam de todo o resto do mundo; ninguém sabia onde estávamos, que nós – com nossa poesia, nós a penetrávamos, ela nos inebriava, algo grande, secreto e importante acontecia conosco...

No que se refere ao modo de falar das personagens, podemos dizer que se trata da linguagem de seu dia a dia. No entanto, em alguns casos, Turguêniev destaca características de suas falas que estão ligadas principalmente a particularidades sociais, o que vai ao encontro da seguinte explicação de Auerbach:

Os proprietários de terras, funcionários, comerciantes, clérigos, pequeno-burgueses, e os camponeses parecem ser “russos” da mesma espécie em toda e qualquer parte; só raramente é chamada a atenção sobre peculiaridades da fala, e quando isto acontece, não se trata de pormenores dialetais, mas de detalhes ora individuais, ora sociais (como, por exemplo, a pronúncia do *o* usual entre as camadas mais baixas da população), ou, finalmente, de variedades de fala que caracterizam as minorias que moram no país (judeus, poloneses, alemães, pequeno-russos).¹⁵⁰

No início da novela, a avó do narrador pronuncia algumas frases em francês. Ao conhecer Babúrin, ela diz: *Il a l'air d'un arménien*. Após a entrevista, ela ordena que o

¹⁴⁸GARNETT, 1917, p. 164. “‘Nature placed Turgenev between poetry and prose,’ says Henry James; and if one hazards a definition we should prefer to term Turgenev *a poetic realist*.”

¹⁴⁹FREEBORN, Op. cit., p. 52. “But the brilliance of the technical achievement still must not hide from us the fact that nature in Turgenev’s novels remains ironically beautiful and impassive; it can reflect human emotions only when the emotions are projected into it.”

¹⁵⁰AUERBACH, 2001, p. 468.

narrador vá estudar, dizendo: “[...] – *Que faites vous ici?* – acrescentou vovó de repente, voltando para mim seu rosto seco e amarelo. – *Allez étudier votre devoir de mythologie*”. Em seguida, quando a velha proprietária fica sabendo que o neto passava as tardes em companhia do agregado de seu empregado, o narrador diz, reproduzindo a fala da fidalga: “Vovó não gostava nem um pouco dessa ‘intimité’ com uma pessoa ‘simplória’ – ‘du commun’”. Essa prática remonta aos séculos XVIII e XIX, quando a nobreza russa adotou o francês por ser considerado elevado. É um costume presente no discurso de aristocratas representados em demais obras do autor, como *Fumaça* e *Ninho de nobres*, e também na fala de Pável Petróvitch, um dos representantes da “velha geração” de *Pais e filhos*. O seguinte trecho ilustra a diferença entre a linguagem de Pável e de seu sobrinho Arkádi, que, ao lado de Bazárov, representava a juventude niilista:

– Está muito bem. Mas, pelo que vejo, isso nada tem a ver conosco. Somos gente do tempo antigo, acreditamos que, sem princípios – Pável Petróvitch pronunciava essa palavra com suavidade, ao estilo francês, ao passo que Arkádi, ao contrário, a pronunciava com o “i” duro russo, acentuando a primeira sílaba –, pode dar nem um passo, nem mesmo respirar. *Vous avez changé tout cela*, que Deus lhes dê saúde e o posto de general, mas, quanto a nós, nos contentaremos em admirar as futuras realizações dos senhores, os... como os chamou?
– Niilistas – pronunciou com clareza Arkádi.¹⁵¹

Ainda no primeiro capítulo da novela, quando Babúrin intervém a favor de Ermil e faz um discurso formal e eloquente, a velha proprietária faz um comentário acerca da maneira como Babúrin se expressa: “– Estou perguntando: onde você estudou? Você usa essas palavras complicadas.” Já Púnin, por ter frequentado o seminário no passado, em dado momento utiliza termos relacionados à igreja com o intuito de elevar o tom de seu discurso:

¹⁵¹TURGUÊNIEV, 2004, p. 47.

- O senhor fala do jeito que recitam na igreja.
- Os dizeres eslavos que utilizei? Mas isso não deve surpreender o senhor. Suponhamos que numa conversa comum dizeres semelhantes nem sempre sejam oportunos; mas apenas quando se infla o espírito, como agora, e o estilo se torna elevado.

Como grande amante dos versos, Púnin também tinha o costume de falar rimado em alguns momentos. Faz suas primeiras rimas ao conhecer o narrador e explica que, para ele, essa é uma prática natural:

- Oh, nobrezinho, nobrezinho! Da estrangeirinha gostando o senhor ficou! Daquilo que é russo o senhor se afastou, ao alheio se inclinou, ao forasteiro se voltou...
- O que é isso? O senhor fala em versos? – perguntei.
- E o que o senhor acha? Eu posso sempre, o quanto quiser; porque isso é natural para mim...

No segundo capítulo, quando se reencontram, Púnin rima novamente ao contar ao narrador que estava em busca de emprego:

A minha caligrafia, o senhor talvez se lembre, é antiquada, nada apreciada no gosto atual, e a propósito da licenciatura, um obstáculo para mim é a falta de traje decente; além do mais, temo o ofício do aprendizado – aprendizado da russa literatura – pois para o gosto atual serei tampouco atraente; por isso vivo esfomeado. (Púnin caiu na risada com seu riso surdo e roufenho. Ele conservava a linguagem antiga, de estilo um pouco elevado, e o velho hábito de rimar.)

Posteriormente, no segundo capítulo, Púnin fica desolado com o desaparecimento de Musa e pergunta a Piotr Petróvitch se Tarkhov, seu amigo com quem ela fugira, era jovem, ao que o narrador responde afirmativamente. Na sequência, Púnin acaba fazendo uma rima de maneira despropositada, dado o seu estado de espírito no momento:

- É jovem – repetiu Púnin, esfregando as lágrimas pelas bochechas. – E ela é jovem... Eis de onde todo o mal vem!
- Essa rima veio ao acaso; o pobre Púnin não estava para poesia. Eu daria tudo para ouvir dele novamente os discursos empolados ou ainda sua risada quase silenciosa... Infelizmente! Aqueles discursos haviam sumido para sempre – eu não ouviria mais a sua risada.

Certas peculiaridades são destacadas também na fala de Musa. No terceiro capítulo, quando ela já estava casada com Babúrin, o narrador percebe uma mudança

em seu discurso: “Musa se expressava de modo completamente diferente daquele manifestado em Moscou: sua fala recebera nuances literárias e eruditas.” No capítulo final, no entanto, ao receber sua carta, o narrador não poupa Musa e revela aos leitores um erro de escrita: “O senhor conhece bem o meu marido; a infelicidade não o mudou nem um pouco, pelo contrário, ele ficou ainda mais forte e enérgico. (Não posso esconder que Musa escreveu: inérgico.)”

6.1. Foco narrativo

A figura do narrador é um elemento importante na composição de qualquer obra e deve ser contemplada em toda abordagem literária. Assim como o título, a distribuição dos capítulos, a escolha das épocas e locais em que o enredo se desenvolve, também o narrador não é escolhido ao acaso pelo escritor:

Manejador de disfarces, o autor, camuflado e encoberto pela ficção, não consegue fazer submergir somente uma sua característica — sem dúvida a mais expressiva — a apreciação. Para além da obra, na própria escolha do título, ele se trai, e mesmo no interior dela, a complexa eleição dos signos, a preferência por determinado narrador, a opção favorável por esta personagem, a distribuição da matéria e dos capítulos, a própria pontuação, denunciam a sua marca e a sua avaliação.¹⁵²

Além de investigar a evolução do narrador enquanto um “homem supérfluo” e sua inação em comparação com o *raznotchínets*, como foi feito no item 4 deste trabalho, também é interessante examinar a técnica narrativa utilizada por Turguêniev. De acordo com a classificação de Norman Friedman, Piotr Petróvitch pode ser considerado um narrador-testemunha. Ele narra em primeira pessoa e vive os acontecimentos descritos, dando assim verossimilhança ao fato narrado: “O narrador-testemunha é um personagem em seu próprio direito *dentro* da estória, mais ou menos envolvido

¹⁵²DAL FARRA, 1978, p. 20.

na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa.”¹⁵³ Já segundo a definição de Brooks e Warren, esse narrador seria um “personagem-observador, que participa mais ou menos da ação”,¹⁵⁴ pois limita-se a narrar e não tem grande atuação na narrativa. Não se trata de um narrador onisciente, pois não sabe o que se passa na mente das demais personagens, nem o que acontece longe de sua presença. Resta-lhe apenas inferir e formular hipóteses baseado em sua observação.

No entanto, de acordo com Friedman, o narrador-testemunha não é tão restrito quanto pode parecer, pois tem a oportunidade de conversar com todas as personagens para obter seus pontos de vista, além de ter acesso às suas cartas, diários e demais escritos que indiquem seu estado mental. Ou seja, o narrador-testemunha pode ter acesso às situações mais inusitadas, como é o caso de seu envolvimento no triângulo amoroso entre Babúrin, Musa e Tarkhov nos dias que antecedem a fuga dos dois jovens. No segundo capítulo, ao reencontrar seu velho conhecido Púnin e lhe fazer uma visita, o narrador recebe um bilhete escrito às pressas que Musa lhe entrega furtivamente solicitando um encontro no dia seguinte para tratar de um assunto de extrema urgência. Nesse encontro, a jovem revela sua intenção de fugir, pois Babúrin pedira sua mão em casamento e ela, para não parecer ingrata, já que fora acolhida por ele, havia aceitado contra a sua vontade e apesar de estar apaixonada por Tarkhov. Na manhã seguinte, Púnin visita o narrador e lhe conta essa novidade, que Piotr Petróvitch finge desconhecer e assim aproveita a ocasião para interceder por Musa, insinuando que um casamento com tamanha diferença de idade e, por consequência, sem amor, não era adequado. Tal insinuação irrita Púnin, o que faz com que o narrador fique confuso,

¹⁵³FRIEDMAN, 2002, p. 175-176.

¹⁵⁴CARVALHO, 1981, p. 4.

mude de ideia (um pouco movido também pela inveja do amor entre Tarkhov e Musa, como confessa) e vá imediatamente à casa de Tarkhov fazer um discurso para dissuadi-lo de fugir com a jovem e para defender Babúrin. Além disso, é através de uma carta que somos inteirados do estado de espírito de Babúrin ao receber a notícia da emancipação dos servos e é como se dá o desfecho da novela, que se encerra com a morte do republicano.

É comum encontrarmos em Turguêniev um narrador que faz comentários e se dirige diretamente ao leitor. Isso ocorre, por exemplo, em *Memórias de um caçador*, *Fumaça* e *O brigadeiro*. Piotr Petróvitch, no entanto, por ser um narrador-testemunha, mantém o leitor afastado e vincula apenas a sua própria percepção e pensamentos sobre as ações e personagens. Nesse caso, as opiniões do autor também são postas de lado, como aponta Friedman: “Muito embora o narrador seja uma criação do autor, a este último, de agora em diante, será negada qualquer voz direta nos procedimentos.”¹⁵⁵

Ainda seguindo a teoria de Friedman, Turguêniev escreve a maior parte do primeiro capítulo da novela a partir de cenas: “[...] a cena imediata emerge tão logo os detalhes específicos, contínuos e sucessivos de tempo, espaço, ação, personagem e diálogo começam a aparecer”.¹⁵⁶ Ou seja, as ações são descritas de forma direta e imediata, a começar pela entrada do mordomo anunciando à velha proprietária a presença de Babúrin, a entrevista de emprego que se segue, passando pelo encontro do narrador e de Púnin no jardim, em seguida a discussão com Babúrin, até o exílio do camponês Ermil e a consequente demissão de Babúrin. De fato, é através de cenas que será narrada a maioria das situações descritas em *Púnin e Babúrin*.

¹⁵⁵FRIEDMAN, Op. cit., p. 175.

¹⁵⁶Ibidem, p. 172.

Apenas em alguns momentos e sobretudo no início dos demais capítulos, Turguêniev utiliza o sumário: “[...] o sumário narrativo é uma apresentação ou relato generalizado de uma série de eventos cobrindo alguma extensão de tempo e uma variedade de locais, e parece ser o modo normal, simples, de narrar [...]”.¹⁵⁷ Essa forma mais indireta foi adequada para se iniciar os capítulos, pois há a passagem de um grande período de tempo entre eles. Do primeiro para o segundo capítulo são sete anos: “Passaram-se sete anos. Nós vivíamos em Moscou como antes – mas eu já era aluno do segundo ano da faculdade – e o poder da vovó, que se tornara visivelmente decrépito nos últimos anos, não pesava sobre mim.”. Do segundo para o terceiro capítulo, passam-se doze anos: “Já havia se passado não sete, mas doze anos inteiros, e eu completara trinta e dois anos. Vovó havia falecido há muito tempo; eu vivia em Petersburgo, onde era funcionário do Ministério do Interior. Eu perdera Tarkhov de vista [...]”. E mais doze anos do terceiro para o quarto e último capítulo: “Mais doze anos se passaram... Todos na Rússia sabiam e para sempre se lembrariam do que havia ocorrido entre os anos de 1849 e 1861. E em minha vida particular aconteceram muitas mudanças sobre as quais, aliás, não há porque me estender.” Vemos que, como há um considerável intervalo de tempo entre cada capítulo, Turguêniev escolheu o sumário para sintetizar brevemente os acontecimentos centrais, focando nos eventos mais preponderantes, e a cena para se concentrar em fatos específicos e de maior relevância para o desenvolvimento e detalhamento da novela.

¹⁵⁷Idem.

6.2. Temas e recursos recorrentes

6.2.1. Construção narrativa

Ao analisar as características da narração em Turguêniev, também é comum observar certa constância na maneira como as narrativas de suas obras são estruturadas, como destaca Richard Freeborn:

Em termos de forma artística, há uma qualidade monolítica sobre o desenvolvimento dos romances de Turguêniev. Todos eles parecem ser construídos com os mesmos elementos, as mesmas propriedades literárias, que são reorganizadas e remontadas adequadamente para atender às demandas de alterações de cada romance, mas que nunca são visivelmente alteradas.¹⁵⁸

Em seu artigo *Workings of coincidence*, Anthony Briggs aponta que Turguêniev desenvolve seus enredos em geral a partir de uma série de coincidências. Esse recurso pode ser observado em diversas obras do autor, inclusive na novela *Púnin e Babúrin*. Briggs o classifica em cinco categorias. Na primeira, duas ou mais das personagens principais se reúnem pela primeira vez num encontro casual. É o que acontece logo no início do primeiro capítulo da novela, quando Babúrin chega à propriedade da avó do narrador em busca de emprego e, por acaso, o jovem Piotr também está no aposento. Ao presenciar a entrevista, ele acaba conhecendo Babúrin.

A segunda categoria se manifesta quando é necessário introduzir uma nova personagem: Turguêniev arranja um encontro semelhante entre o protagonista e uma personagem totalmente nova, ou alguém de quem o protagonista já ouviu falar, mas ainda não conhece. Durante a entrevista de emprego entre Babúrin e a avó do narrador, Púnin é citado como sendo o amigo a quem Babúrin havia acolhido e sustentava. Em

¹⁵⁸FREEBORN, Op. cit., p. 47. “In terms of artistic form there is a monolithic quality about the development of Turgenev’s novels. They all appear to be constructed of the same elements, the same literary properties, which are suitably rearranged and reassembled to suit the changed requirements of each novel but which are never noticeably altered.”

seguida, a avó ordena que Piotr saia para fazer seu dever, mas o menino corre para seu lugarejo secreto no jardim da propriedade, justamente onde encontrará Púnin, como destaca Briggs: “[...] o encontro com Púnin é particularmente surpreendente, já que Piotr havia acabado de ouvir seu nome ser mencionado pela primeira vez e, em todo caso, o lugar secreto, que foi de alguma forma descoberto pelo recém-chegado, está em um local bastante remoto no grande jardim.”¹⁵⁹

Para Briggs, o terceiro tipo de coincidência presente nas obras de Turguêniev ocorre quando personagens já apresentadas se encontram por acidente no meio do enredo apenas para que a história avance. Isso acontece no segundo capítulo da novela. Sete anos havia se passado e o narrador perdera contato com Púnin e Babúrin. No entanto, ao caminhar pelo Gostíni Dvor num sábado, em meio à multidão de consumidores, Piotr Petróvitch encontra Musa, que ele havia conhecido há poucos dias, acompanhada de Púnin. Dessa forma, a história avança, pois Púnin o convida para ir à sua casa, onde o narrador reencontra Babúrin, que permanecia republicano e desejava discutir Zenão. Inclusive, ao final da visita, Musa entrega um bilhete a Piotr marcando um encontro para o dia seguinte, quando lhe revela estar apaixonada por Tarkhov e desesperada com a intenção de Babúrin de casar-se com ela.

No terceiro capítulo, ocorre um novo encontro casual para que a história se desenrole. Doze anos se passaram e agora o narrador é funcionário do Ministério do Interior em São Petersburgo. Certo dia, a caminho do trabalho, Piotr Petróvitch se depara com o cortejo fúnebre de Púnin seguido por Babúrin. Esse momento também é citado no artigo de Briggs: “Num dia de verão, seu caminho é barrado por uma procissão fúnebre que, por um acaso milagroso, se prova ser a de Púnin com a presença

¹⁵⁹BRIGGS, 1980, p. 199. “[...] the meeting with Punin is particularly surprising since Pyotr has just come from hearing his name mentioned for the first time, and, in any case, the secret spot somehow discovered by the newcomer is in a fairly remote place in the large garden.”

do velho Babúrin de cabelos grisalhos.”¹⁶⁰ Após esse encontro, Piotr novamente segue para a casa do amigo e lá descobre que Musa havia sido abandonada por Tarkhov, mas que Babúrin a aceitara de volta e a desposara.

Nesse mesmo capítulo, durante sua visita, o narrador percebe que Babúrin, após uma conversa em outro cômodo da casa, retorna preocupado. Em seguida, presencia um momento de tensão entre o republicano e um jovem:

Eu nunca havia visto Babúrin em semelhante estado. Musa chegara a ficar toda pálida... De repente Babúrin teve um acesso de tosse e deixou-se cair num banco. Não querendo incomodar nem a ele, nem a Musa com minha presença, decidi ir embora e já me despedia deles quando, de repente, a porta do cômodo vizinho abriu-se e surgiu uma cabeça... Mas não era a cabeça da cozinheira, mas a cabeça assustada de um jovem.

– Uma desgraça, Babúrin, uma desgraça! – balbuciou ele às pressas, mas então escondeu-se imediatamente ao ver minha figura desconhecida.

Babúrin lançou-se para fora atrás do jovem. Dei um forte aperto de mão em Musa e retirei-me com um pressentimento ruim no coração.

Na sequência, Piotr Petróvitch promete a Musa retornar no dia seguinte, mas justamente nesse dia Babúrin é preso por participação em um grupo revolucionário. Esse é um exemplo que se enquadra no que Briggs definiu como sendo a quarta categoria: quando uma personagem ouve ou testemunha conversas ou eventos de importância crucial para a trama.

A quinta categoria aparece após o fim da história propriamente dita, geralmente anos depois, com informações sobre o destino das personagens, fornecendo assim um epílogo. Essa é a função do quarto e último capítulo de *Púnin e Babúrin*, em que o narrador recebe cartas de Musa informando sobre a vida do casal na Sibéria, sobre a alegria de Babúrin ao receber a notícia do fim da servidão na Rússia e, por fim, sobre sua morte: “Essa história também tem um 'epílogo' adicional no capítulo IV, que nos fala (sem o uso de um encontro casual) sobre a morte de Babúrin após a coincidência de

¹⁶⁰Ibidem, p. 201. “One summer's day his way is barred by a funeral procession which by a miraculous chance proves to be that of Púnin with grey-haired old Babúrin in attendance.”

seu resfriado no mesmo dia do manifesto de 1861, o qual ele havia agitado por tanto tempo.”¹⁶¹ Briggs ainda ressalta que *Púnin e Babúrin* se assemelha às novelas *Iakov Passinkov* (1855) e *Primeiro amor* (1860), pois nessas obras o epílogo é também o momento em que se toma conhecimento da morte da personagem.

Já David Cecil aborda outro aspecto constante na organização dos textos de Turguêniev, no que diz respeito à apresentação das personagens principais:

Ele tem sua própria fórmula especial que ele usa repetidamente; mas sempre com uma nova variação, de modo que nenhum livro é uma repetição de outro. Geralmente, o cenário é ambientado em um distrito do país onde um grupo de pessoas se encontra estabelecido por um mês ou dois. Primeiro Turguêniev nos apresenta a eles. Assim que estão claramente estabelecidos em nossa imaginação, ele volta e nos fornece breves biografias; então percebemos exatamente quem eles são e qual estágio de suas vidas alcançaram.¹⁶²

Em *Púnin e Babúrin*, esse recurso descrito por Cecil também é utilizado pelo autor no início da obra. No primeiro capítulo, o narrador está passando um período no campo, na propriedade de sua avó, e é quando tem a oportunidade de conhecer e introduzir as personagens centrais que, inclusive, dão título à novela. O narrador conhece Babúrin ao presenciar sua entrevista com a avó, e Púnin ele encontra por acaso, ao se dirigir ao seu local preferido no jardim da propriedade. Apenas depois, com o desenrolar da história, é que são acrescentadas mais informações acerca da biografia dessas personagens. Logo após Púnin e Babúrin saírem de sua vida, Piotr Petróvitch retorna a Moscou e a narrativa segue seu curso, desenvolvendo-se de acordo com as categorias anteriormente observadas por Briggs.

¹⁶¹Ibidem, p. 201-202. “This story, too, has a further 'epilogue' in chapter IV which tells us (without the use of a chance encounter) about Babúrin's death following the coincidence of his catching cold on the very day of the manifesto of 1861 for which he had agitated so long.”

¹⁶²CECIL, 1949, p. 137. “He has his own special formula which he uses again and again; but always with a new variation, so that no book is a repetition of another. Generally the scene is set in a country district where a group of people find themselves settled for a month or two. First Turgenev introduces us to them. As soon as they are clearly established in our imagination he goes back and gives us brief biographies; so we realise exactly who they are and what stage in their lives they have reached.”

6.2.2. *Os ciganos de Púchkin*

Outro recurso habitual são as referências a Púchkin, escritor considerado o fundador da literatura russa moderna, ao qual Turguêniev muitas vezes recorre em busca de exemplos:

Púchkin foi um exemplo artístico e um determinante literário da maior importância. Seus muitos méritos não podem ser descritos em tantas palavras, mas sua influência sobre Turguêniev é particularmente importante, porque foi o exemplo literário de Púchkin que Turguêniev seguiu, especialmente no caso do romance.¹⁶³

Nas obras de Turguêniev, há diversas referências ao poema *Os ciganos*. Para melhor compreender a maioria dessas citações, é necessário conhecer ao menos o enredo dessa obra puchkiniana. No início do poema, Púchkin mostra um cenário na Bessarábia com a vida alegre dos ciganos, e em seguida são apresentadas as personagens: um velho esperando a filha, Zemfira, voltar para casa enquanto o jantar esfria. Quando ela chega, anuncia que trouxe com ela um homem, Aleko, que fugira da cidade porque a lei o perseguia. Passados dois anos, Aleko já se encontra adaptado à vida junto aos ciganos. Zemfira, no entanto, se põe a cantar uma música de amor sobre um caso de adultério que deixa o marido chocado e assustado. O velho então conta ao jovem que também ele já havia ouvido essa música de sua esposa, Mariula, que mais tarde o abandonaria por outro cigano. Em resposta, Aleko diz ao velho que ele deveria ter seguido e assassinado os dois amantes. Certa noite, Aleko acorda agitado por um pesadelo e sai atrás da esposa, que não está ao seu lado na cama. O marido ciumento surpreende Zemfira com um jovem cigano e assassina os dois, cravando-lhes uma adaga

¹⁶³Ibidem, p. 18. “Pushkin was an artistic example and a literary determinant of the utmost value. His many merits cannot be described in so many words, but his influence on Turgenev is particularly important because it was from Pushkin that Turgenev was to take his literary example, especially in the case of the novel.”

no peito. Dessa forma, o velho ordena que Aleko deixe o acampamento cigano por possuir uma compreensão diversa sobre lei e liberdade. O poema termina com um epílogo de advertência de que, nem mesmo os ciganos, filhos da liberdade, estão a salvo das paixões fatais e do destino.

A referência a esse poema e sua temática de traição ou triângulo amoroso permeiam a obra de Turguêniev desde seu início, na década de 1840. Em seu primeiro conto em prosa, *Andrei Kólossov*, a personagem que dá título à obra e o narrador, Nikolai Aleksándrovitch, se apaixonam por Vária. Ao saber que o amor de Andrei está arrefecendo, Vária sofre e relembra os bons momentos que passaram juntos: “Parece que faz tempo – ela continuou – que me lia Púchkin sentado comigo neste banco...”¹⁶⁴ Apesar de estar ele mesmo apaixonado por Vária, o narrador fica indignado com a frieza de Andrei, pois a separação do casal causa muita dor à jovem. Dessa maneira, Nikolai reprime seus sentimentos e internamente promete trazer Kólossov de volta para Vária. No entanto, Andrei mostra-se irredutível: “‘Pelo menos o que você tem a dizer para Vária? ‘O quê?...’” Ele se pôs um pouco pensativo. ‘Ela lhe falou – ele disse – que nós lemos Púchkin juntos... Relembre-a um verso dele.’ ‘Qual? Qual?’ – perguntei com impaciência. ‘Este: *O que foi não será mais.*’”¹⁶⁵

A frase dita por Kólossov é um verso da obra *Os ciganos*, retirado da fala do velho ao contar a Aleko a história de seu abandono pela esposa. Aleko diz que ele deveria ter cravado uma adaga não só no peito do homem com quem sua mulher fugira, como também no peito de Mariula, a esposa traidora. No entanto, o velho diz que não via razão para praticar tal ato, pois que a juventude é livre e ninguém pode aprisionar o amor.

¹⁶⁴TURGUÊNIEV In: ESTEVES, 2018, p. 79.

¹⁶⁵Ibidem, p. 81.

Em *Ninho de nobres* (1859), o protagonista Fiódor Lavriétski se casa com Varvara Pávlovna. Após o casamento, o casal se muda para Paris, onde Varvara se torna uma anfitriã muito popular e começa a ter um caso com um de seus visitantes frequentes. Um dia Lavriétski lê um bilhete cuidadosamente dobrado que estava caído no chão do gabinete de Varvara. As últimas palavras do bilhete são: “[...] novamente cantaremos a canção de seu poeta Púchkin (de votre poëte Pouskine) que você me ensinou: “Marido velho, marido terrível”.¹⁶⁶ Atordoado com a descoberta da traição, Lavriétski ainda recorda uma vez em que o amante de sua mulher cantou a fatídica canção ao piano em sua própria casa: “Memórias claras e escuras o atormentavam igualmente; de repente, ocorreu-lhe que noutra dia ela havia se sentado ao piano, diante dele e de Ernest, e cantado: 'Marido velho, marido terrível!’”¹⁶⁷ Esse verso, que Ernest entoou e também escreveu no bilhete, é o primeiro da canção que Zemfira canta (e que sua mãe, Mariula, cantava antes dela) e assusta Aleko. É, ainda, o mesmo verso que mais adiante deixará Púnin perturbado, tendo em vista o triângulo amoroso formado por Tarkhov, Musa e Babúrin.

Na novela *Primeiro amor* (1860), o narrador é o jovem Vladimir Petróvitch, que se apaixona por sua vizinha, a bela Zinaída Alexándrovna. Certa vez, enciumado e irritado com insinuações maliciosas do conde Maliévski, o narrador chama Zinaída de traidora em pensamento e relembra o final trágico de *Os ciganos*, quando Aleko assassina Zemfira e seu amante: “[...] O tempo todo parecia-me ouvir: 'Aleko, jovem cigano, aonde vais, belo rapaz? – Fica deitado...!', e depois: 'Estás todo salpicado de sangue!... Oh, o que fizeste?...' – 'Nada!' Com que sorriso cruel eu repeti aquilo: 'Nada!’”¹⁶⁸

¹⁶⁶TURГЕНЕВ, 1981, . 6, с. 52. “[...] мы опять споем ту песенку вашего поэта Пускина (de votre poëte Pouskine), которой ты меня научила: Старый муж, грозный муж!”

¹⁶⁷Ibidem, с. 53. “Светлые и темные воспоминания одинаково его терзали; ему вдруг пришло в голову, что на днях она при нем и при Эрнесте села за фортепьяно и спела: 'Старый муж, грозный муж!’”

¹⁶⁸TURGUÊNIEV, 1993, p. 109.

Em *Pais e filhos* (1862), a referência à obra puchkiana é breve e não apresenta relação com um triângulo, ou uma traição amorosa. Nicolau, o pai de Arkádi, está lendo *Os ciganos* quando seu filho o interrompe e substitui a obra por um livro sobre o materialismo alemão:

– O motivo é o seguinte: hoje, eu estava lendo Púchkin... Se bem me lembro, caiu-me nas mãos *Os ciganos*... De repente, Arkádi aproximou-se e, em silêncio, com uma comiseração carinhosa em seu rosto, de mansinho, como diante de um bebê, tirou o livro das minhas mãos e pôs um outro, alemão...¹⁶⁹

Tal substituição segue os preceitos niilistas da nova geração de 60, que enaltecia as ciências em detrimento das artes. Vale recordar que Bazárov, o protagonista do romance, chega a afirmar que “um químico honesto é vinte vezes mais útil do que qualquer poeta”¹⁷⁰.

Já na novela *Púnin e Babúrin* (1874), o amigo de faculdade do narrador, Tarkhov, é um “grande caçador de poesia”. Após conhecer a jovem Musa Pávlovna, ele lhe empresta alguns livros, dentre os quais se encontra *Os ciganos*. Quando ela os devolve, Tarkhov pergunta sua opinião acerca das obras, mas a jovem não chega a concluir a ideia:

– Pois bem, pois bem. E então? A senhora gostou dele? – *Ruslaviev* – acrescentou Tarkhov, dirigindo-se a mim.
– Sim. Só que *Iuri Miloslávski* me pareceu muito melhor. Nossa madame é muito severa quanto a esses livros. Diz que eles atrapalham o trabalho. Porque, na sua opinião...
– Mas *Iuri Miloslávski* está a par com *Os ciganos*, de Púchkin, não é? E então? Musa Pávlovna? – interrompeu Tarkhov com um sorriso.
– Como não! *Os ciganos*... – arrastou ela pausadamente. – Ah, sim, mais uma coisa, Vladimir Nikoláitch: amanhã não vá... o senhor sabe aonde.

Mais adiante, vemos se formar um triângulo amoroso. Apaixonados, Tarkhov e Musa planejam fugir juntos, pois a jovem havia aceitado se casar com Babúrin, por medo de parecer ingrata com o benfeitor que a acolhera. Quando Púnin conta a Piotr

¹⁶⁹TURGUÊNIEV, 2004, p. 80.

¹⁷⁰Ibidem, p. 52.

Petróvitch que Babúrin tem a intenção de se casar com Musa, o narrador defende que a jovem não ama o republicano, mas o teme, e que a diferença de idade excluiria qualquer possibilidade de amor. Essa opinião deixa Púnin alterado e, a fim de mudar o rumo da conversa, ou até mesmo de provocar o amigo, Piotr sugere que se ocupassem de seu velho hábito, a leitura:

Púnin se calou.

– Dos antigos? Dos verdadeiros? – perguntou ele por fim.

– Não, dos novos.

– Dos novos? – repetiu Púnin com desconfiança.

– De Púchkin – respondi eu. De repente me veio à mente *Os ciganos*, que Tarkhov havia mencionado há pouco tempo. Trata-se, a propósito, de uma balada sobre um marido velho. Púnin resmungou um pouco, mas eu o fiz se sentar no sofá para que ouvisse confortavelmente e me pus a recitar o poema de Púchkin. Então chegou até o “marido velho, marido terrível”; Púnin ouviu a balada até o fim, e de repente se levantou num ímpeto.

– Não posso – proferiu ele com uma emoção tão profunda que me impressionou –, desculpe-me; não posso mais ouvir falar dessa obra. Ele é um pasquineiro imoral; é um mentiroso... ele me perturba. Não posso! Perdoe-me por interromper minha visita de hoje.

Como vimos na citação em *Ninho de nobres*, o verso “marido velho, marido terrível” remete à canção que Zemfira canta em *Os ciganos*. Nessa canção, o eu-lírico diz ao seu marido velho que ele pode cortá-la e queimá-la, mas que ela não o teme, pois ama outro e seu amante também a ama. A canção termina dizendo que, no silêncio da noite, enquanto se acariciam, os amantes riem dos cabelos grisalhos do marido velho. Púnin fica consternado ao ouvir a canção e o poema, pois Piotr acabara de lhe dizer que o amor entre Musa e Babúrin era impossível por causa da diferença de idade. Além do mais, *Os ciganos* tem um final trágico, com Aleko assassinando Zemfira e seu amante, o que pode ter levado Púnin a imaginar que o mesmo poderia acontecer com Babúrin, Musa e Tarkhov. No entanto, quando Musa foge com Tarkhov, Babúrin reforça sua postura estoica ao decidir não ir em busca da jovem, respeitando sua vontade de abandoná-lo, expressa em um bilhete.

Além da influência de Evguêni Oniêgnin na caracterização do tipo do “homem supérfluo” e das constantes referências à obra *Os ciganos*, Púchkin também foi um modelo para Turguêniev no sentido de evitar a censura. A exemplo do mestre, o autor de *Púnin e Babúrin*, *Ninho de nobres* e *Pais e filhos* – e tantas outras obras que retratavam a sociedade da época – diluía sua mensagem de cunho social no enredo da obra, como aponta Wilson:

Ele aprendera de Púchkin, a quem tomara por mestre, o estratagema de, ao narrar uma história, esquivar-se da censura, de modo que ela desse a entender sua moral sem nenhum enunciado expresso; era, outrossim, o primeiro autor de ficção ocidental a aperfeiçoar a moderna arte de insinuar a crítica social através de uma narrativa apresentada de modo objetivo, economicamente organizada e de estilo apurado.¹⁷¹

Em carta a Stasiuliévitch¹⁷² de março de 1874, vemos uma amostra da admiração de Turguêniev ao fundador da literatura russa moderna, pois afirma que Púchkin era seu ídolo, professor e modelo inalcançável, e completa: “e, como Estácio a Virgílio, posso dizer de cada um de meus trabalhos: ‘Vestigia semper adora’”.¹⁷³ Turguêniev se refere ao poema épico *Tebaída*, de Estácio, que foi inspirado na *Eneida*, de Virgílio. Ao final da obra, o poeta reza: “Viva, peço; não rivalize com a Eneida divina / Mas a siga de longe e sempre venere seus passos.”¹⁷⁴

¹⁷¹WILSON, Op. cit., p. 223.

¹⁷²Mikhail Matviéievitch Stasiuliévitch (1826 – 1911), escritor, historiador, jornalista e editor russo.

¹⁷³ТУРГЕНЕВ, 2002, с. 39-40. “Вас Пушкин не может занимать более, чем меня – это мой идол, мой учитель, мой недостижимый образец – и я, как Стаций о Виргилии, могу сказать каждому из моих произведений: ‘Vestigia semper adora’”.

¹⁷⁴“uiue, precor; nec tu diuinam Aeneida tempta, sed longe sequere et uestigia semper adora.” Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/statius/theb12.shtml>>

6.2.3. Dualidade

Turguêniev tende a utilizar um sistema binário na representação de tipos, como vemos, por exemplo, nos contos “Khor e Kalínitch” e “Tchertopkhánov e Nedopiúskin”, na própria novela *Púnin e Babúrin*, e em seu romance mais famoso, *Pais e filhos*. Essa dualidade está baseada sobretudo nas imagens opostas de Dom Quixote e Hamlet. Em sua palestra proferida em 1860 sobre essas duas figuras, ele afirmou: “Pareceu-nos que todos pertencemos, mais ou menos, a um desses dois tipos; que quase cada um de nós corresponde a Dom Quixote ou a Hamlet.”¹⁷⁵ Por um lado, Dom Quixote é ativo, intrépido e, apesar de ele próprio não ter recursos nem proteção, se sente na responsabilidade de defender os oprimidos:

Dom Quixote está inteiramente compenetrado da fidelidade do ideal, em cujo nome é capaz de sofrer todas as privações possíveis e de sacrificar a vida; à sua própria vida, ele só dá valor na medida em que pode servir como um meio para encarnar o ideal, para instaurar a verdade, a justiça, na terra.¹⁷⁶

Nesse sentido, o professor James B. Woodward defende que Babúrin guarda uma relação mais estreita com Dom Quixote, inclusive por ter sua origem ligada ao rei Davi:

Babúrin e Davi são homens de ação e vontade implacável, livres dos complexos de culpa da nobreza, atentos ao seu dever para com os semelhantes e altamente bem-sucedidos (após problemas iniciais no caso de Babúrin) no teste do amor a que, como seus predecessores na ficção de Turguêniev, são devidamente sujeitos. Mesmo assim, aspectos, pelo menos da última dessas aparentes virtudes de Dom Quixote, eram de fato o único objetivo de Turguêniev.¹⁷⁷

Além disso, é possível associar a constante busca por justiça que rege as ações de Babúrin à figura quixotesca, pois o republicano se arriscou em nome de seus ideais

¹⁷⁵TURGUÊNIEV, 2004, p. 302.

¹⁷⁶Ibidem, p. 304.

¹⁷⁷WOODWARD, 1973, p. 25. “Babúrin and Davyd are both men of action and inflexible will, free from the guilt-ridden complexes of the gentry, mindful of their duty to their fellow men, and eminently successful (after initial problems in the case of Babúrin) in the test of love to which, like their predecessors in Turgenev's fiction, they are duly subjected. Even so, aspects of at least the latter of these seemingly of the virtues of Don Quixote was in fact Turgenev's sole objective.”

a ponto de perder o emprego ao confrontar a patroa para defender o camponês Ermil, e de ir preso e exilado para a Sibéria ao se envolver com um grupo de conspiradores contra o regime:

O impulso “revolucionário” que motivou os Dom Quixotes, o homem altruísta de ação deste mundo, está centrado na prontidão de morrer por um ideal e em considerar suas vidas como tendo valor apenas na medida em que incorporassem um ideal de criar verdade e justiça na Terra.¹⁷⁸

Piotr Petróvitch, por outro lado, está associado a Hamlet, pois, como já vimos anteriormente, tal figura foi vista como precursora do “homem supérfluo” por sua indecisão, melancolia e ceticismo. E, ao contrário de Dom Quixote, Hamlet não se arrisca:

Quem, ao sacrificar-se, pensar primeiro em calcular e pesar todas as conseqüências, todos os benefícios de seus atos, dificilmente será capaz de abnegação. No caso de Hamlet, não pode acontecer nada semelhante: com seu intelecto perspicaz, sutil, cético, como poderia ele incidir num erro tão grosseiro? Não, Hamlet não travará combate contra moinhos de vento, não crê em gigantes... Mas não o faria, mesmo se eles existissem.¹⁷⁹

Essa interpretação se adequa à falta de atitude de Piotr, seja por não ter libertado os servos da propriedade rural após a morte de sua avó – apesar de também se dizer republicano –, seja por não ajudar Musa a recorrer da prisão de Babúrin: “Ter esperança de êxito era uma loucura, até se eu gozasse de muito mais importância e influência... mas o que poderia fazer, um mísero funcionário? Ela também não tinha ninguém que oferecesse proteção...” Tal inação e pessimismo corrobora a caracterização da figura de Hamlet e do “homem supérfluo”, em oposição a Babúrin e Dom Quixote, homens de ação.

Já no artigo *Sobre a semântica do psicótipo da “garota de Turguêniev”*, Vladimir Vassíliev observa uma dualidade na caracterização das heroínas de Turguêniev,

¹⁷⁸FREEBORN, 1983, p. 522. “The ‘revolutionary’ impulse motivating the Don Quixotes, the altruistic men of action of this world, is centred in their readiness to die for an ideal and to regard their lives as having value only to the extent that they embodied an ideal of creating truth and justice on earth.”

¹⁷⁹Ibidem, p. 308-309.

defendendo que a imagem feminina existe em duas dimensões. Na primeira, trata-se de qualquer heroína retratada pelo escritor de forma poética, como um ser puro, moral e espiritual. Nesse caso, o leitor tende a imaginar a estética como o ideal. Na segunda, trata-se de um novo tipo social e psicológico descoberto por Turguêniev, que julga e rejeita um homem comum, pois precisa de um herói e líder para lhe revelar a verdade, guiar e preencher sua vida com um sentido mais elevado. Segundo o teórico, essa “donzela de Turguêniev” anseia pela emancipação e sua busca pela verdade a leva, finalmente, à ideia de um terror revolucionário.¹⁸⁰

No caso de Musa, a descrição da jovem feita pelo narrador no segundo capítulo da novela se encaixa no primeiro tipo de heroína dessa teorização:

Se naquela época eu fosse mais velho e mais experiente, é provável que prestasse maior atenção em seus olhos, pequenos, profundos, com as pálpebras inchadas, mas negros, como ágatas vívidas e brilhantes, que são raras nas loiras. Eu não descobria inclinações poéticas em seus olhares apressados, como que furtivos, mas sinais de uma alma apaixonada, apaixonada até a abnegação... Mas naquela época eu era ainda muito jovem.

No capítulo seguinte, após doze anos e a decepção amorosa sofrida com Tarkhov, Musa estava transformada, portanto, sua descrição feita pelo narrador agora se aproxima mais do segundo tipo de heroína:

Musa mudara bastante – de rosto, de voz e de gestos; mas, acima de tudo, seus olhos haviam mudado. Outrora eles corriam como mercúrio, esses olhos maus, esses olhos bonitos; eles faiscavam furtivamente, mas com vivacidade; seu olhar picava como um alfinete... Agora eles olhavam de frente, com tranquilidade e fixamente; as pupilas negras haviam se apagado. “Sou rendida, sou tranquila, sou boa” – parecia dizer seu olhar manso e inexpressivo. Isso também dizia seu constante sorriso submisso. E seu vestido era modesto: marrom com pequenas bolinhas. Ela se aproximou de mim primeiro e perguntou se eu a reconhecia. Ela, era evidente, não se constrangera, e não porque ela havia perdido a vergonha ou a memória, mas simplesmente porque sua vaidade havia desaparecido.

Ademais, essa nova Musa apoia o marido Babúrin na busca por justiça e permanece fiel ao seu lado desde a prisão até o exílio. Inclusive, após sua morte, ela

¹⁸⁰Cf. VASSÍLIEV, 2014.

poderia ter retornado à Rússia para levar uma vida diferente, no entanto, Musa prefere ficar na Sibéria e dar continuidade ao trabalho que Babúrin lhe havia legado, pois esse fora o último desejo marido.

Outra dualidade também pode ser observada na ambientação do segundo e terceiro capítulos da novela entre as duas capitais russas, Moscou e São Petersburgo. Como explica o pesquisador Edélcio Américo, trata-se de um tema que percorre a história russa há pelo menos três séculos, mas que passou a ser mais evidente na literatura no século XIX:

O bicentrismo é uma característica essencial da identidade russa e representa um modelo universal da cultura humana por estar presente nas principais oposições arquetípicas, como o Bem e o Mal, o Direito e o Esquerdo, o Homem e a Mulher, Deus e o Diabo e assim por diante. Não é por acaso que, como veremos por meio da análise do tema de Moscou e São Petersburgo nas obras mais importantes da literatura russa, que a contraposição cultural das duas cidades definiu-se e agravou-se justamente no século XIX, quando se iniciou o desenvolvimento de um olhar crítico da Rússia sobre si mesma.¹⁸¹

O segundo capítulo de *Púnin e Babúrin* se passa em Moscou, e é quando se desenvolve um triângulo amoroso. No terceiro capítulo, que se passa em São Petersburgo, descobrimos que, após ser abandonada por Tarkhov, Musa fora novamente acolhida por Babúrin e se casara com ele. Nesse momento a jovem é descrita como uma pessoa que havia mudado bastante, tanto de aparência física como em seus gestos e modo de falar, apresentando uma postura mansa e submissa. Logo em seguida, Babúrin é preso por envolvimento com um grupo de conspiradores contra o governo. Portanto, o desenvolvimento da narrativa está ligado ao simbolismo e à contraposição de conceitos tanto políticos como culturais que envolvem as duas cidades. Essa relação está presente na cultura russa desde a fundação de São Petersburgo, em 1703, pelo tsar Pedro, o Grande, que tinha a intenção de europeizar a Rússia:

¹⁸¹AMÉRICO, 2011, p. 14-15.

Petersburgo representando todas as forças estrangeiras e cosmopolitas que fluíram da vida russa, Moscou significando todo o acúmulo de tradições nativas e insulares do *Narod* russo; Petersburgo como o Iluminismo e Moscou como o anti-iluminismo; Moscou como a pureza do sangue e solo, Petersburgo como poluição e miscigenação; Moscou como o sagrado, Petersburgo como secular (ou talvez ateu); Petersburgo como a cabeça da Rússia. Moscou como o seu coração.¹⁸²

Em Moscou, o coração da Rússia, um temperamento mais passional e agitado leva Musa a fugir com Tarkhov; já em São Petersburgo, a cabeça da Rússia, a jovem, que antes preferia a morte a casar-se com Babúrin, mostra-se séria, serena e comprometida com a causa que o marido defende. Além disso, é em São Petersburgo que as atividades progressistas e inovadoras do republicano encontram solo mais fértil e atingem seu ápice com o envolvimento no grupo de revolucionários, resultando no exílio para a Sibéria.

6.2.4. Babúrin, Zenão e a filosofia estoica

No segundo capítulo, datado em 1837, o narrador agora é jovem e está cursando a universidade em Moscou. Durante um passeio pelo Gostíni Dvor, ele se depara com Púnin que o leva para a casa onde mora com Babúrin. Nesse momento, é revelado que Babúrin apreciava a filosofia estoica:

Ante minha saída, Babúrin surpreendeu-me com uma pergunta inesperada. Desejava saber de mim, enquanto estudante da universidade, que tipo de pessoa havia sido Zenão e qual era minha opinião sobre ele?

– Que Zenão? – perguntei eu um pouco espantado.

– Zenão, o pensador da Antiguidade. Será possível que ele permanece desconhecido para o senhor?

Lembrei-me vagamente do nome Zenão como fundador da escola estoica; de resto, não sabia absolutamente mais nada sobre ele.

– Sim, foi um filósofo – proferi afinal.

– Zenão – continuou Babúrin com disposição –, aquele mesmo pensador que explicou que o sofrimento não é ruim, pois a paciência a tudo suplanta; mas o bem neste mundo é um só: a justiça; a maior virtude nada mais é do que a justiça.

¹⁸²BERMAN, 2007b, p. 207.

Zenão de Cítio viveu de 333 a 263 a. C. e escreveu diversos tratados, como *Da República*, *Das leis* e *Da natureza humana*, dos quais só restaram fragmentos em escritos de outros autores. Fundador da escola estoica, classificava as virtudes entre “natural”, “moral” e “racional” e estabelecia uma simetria com a física, a ética e a lógica. Segundo Thomson, Zenão foi “o primeiro grande moralista a denunciar a escravidão humana numa época em que sua aceitação era praticamente universal.”¹⁸³

Diversas ações de Babúrin expõem características de sua índole, como a defesa em favor do camponês Ermil, que resultou em sua demissão, a recusa em infringir castigos físicos aos camponeses, o ato de acolher Púnin e Musa, a revolta com a crueldade e cobiça do patrão, o fato de ter perdoado tanto o pai quanto Musa por o terem abandonado, e sua aflição com as injustiças e infortúnios de seus semelhantes, como mostra a fala de Púnin: “Ele perdoou o pai há muito tempo; mas não pode suportar a injustiça de maneira alguma; a tristeza alheia o aflige!”. Essa compaixão para com o próximo seria uma qualidade de sua natureza, o que está em conformidade com a filosofia estoica, que afirma que devemos “viver segundo a natureza, ou, em outras palavras, de acordo com nossa própria natureza e com a natureza do universo, uma vida em que nos abstermos de todas as ações proibidas pela lei comum a todos, idêntica à reta razão difundida por todo o universo”.¹⁸⁴

Para os estoicos, devemos viver segundo a excelência para a qual a natureza nos guia, sendo que uma das principais formas de excelência é a justiça. Esta, por sua vez, “existe por natureza, e não por convenção, da mesma forma que a lei e a reta razão”.¹⁸⁵ É justamente esse conceito que Babúrin utiliza ao falar de Zenão: “[...] o bem neste mundo é um só: a justiça; a maior virtude nada mais é do que a justiça”, além de ser um

¹⁸³THOMSON, 2002, P. 204.

¹⁸⁴LAËRTIOS, 2008, p. 201-202.

¹⁸⁵Ibidem, p. 210.

argumento que reforça a indignação de Babúrin com a servidão que ainda perdurava na Rússia e explica sua adesão ao republicanismo que, segundo ele, é “uma estrutura na qual tudo é baseado na lei e na justiça”, onde ninguém pode coagir os seus semelhantes.

Em sua entrevista de emprego com a avó do narrador ainda no início do primeiro capítulo, Babúrin já declara sua busca por uma justiça social ao explicar porque havia acolhido e sustentava um camponês:

- Ele é sustentado por você?
- Por mim, senhora.
- Você o mantém por caridade?
- Por justiça... já que um homem pobre tem a obrigação de ajudar outro pobre.
- Ora essa! É a primeira vez que ouço isso. Até agora eu acreditava que isso era antes uma obrigação de pessoas ricas.
- Para os ricos, permito-me dizer, isso é um passatempo... mas para nossa gente...
- Bem, basta, basta, está bem – interrompeu-o vovó e, pensando um pouco, falou pelo nariz, o que sempre era um mau sinal: – E que idade ele tem, o seu parasita?
- A minha idade, senhora.
- A sua? Eu supunha que ele fosse seu pupilo.
- De modo algum, senhora; ele é meu companheiro e além disso...
- Basta – interrompeu-o vovó pela segunda vez. – Nesse caso, você é um filantropo. Iakov Petróvitch está certo: na sua posição essa é uma grande peculiaridade. [...]

Portanto, Babúrin entende a justiça como equidade, e por isso se sente no dever de ajudar outros pobres. Também acredita antes de tudo na união e ajuda mútua dos pobres, visto que os ricos darão algum auxílio aos menos afortunados apenas por passatempo e não visando uma sociedade igualitária. Pelo contrário, pois a autocracia russa preferia se perpetuar no poder como proprietária de terras e de servos, para enriquecer cada vez mais, e, caso praticasse algum ato de caridade, seria como uma distração e com dinheiro ou bens que não lhe fariam falta. Sendo assim, o fato de Babúrin ser um filantropo em sua condição, ou seja, também sendo pobre – pois provavelmente faltavam recursos para si próprio por ajudar outro necessitado –, era visto como uma grande peculiaridade para um proprietário de terras.

No segundo capítulo, Púnin conta ao narrador que Babúrin pretendia se casar com Musa, a mesma jovem por quem seu amigo Tarkhov estava apaixonado. Na intenção de convencer Tarkhov a deixar Musa livre para se casar, o narrador faz um discurso exaltando as qualidades do benfeitor da moça, mas isso irrita o jovem apaixonado, que chama Babúrin de um mero “idiota honesto” que não se encaixa em lugar nenhum. O narrador então defende a natureza do republicano:

– Ah! É o que você acha! Um casmurro! Não se encaixa!!! – Mas você sabia – prossegui num arbatamento repentino –, você sabia, meu caro Vladimir Nikoláitch, que não se encaixar em lugar nenhum em nossa época é um bom sinal de sua nobre natureza? Só as pessoas vazias, as pessoas más, se encaixam em toda parte e se conformam com tudo!

A ideia presente nessa fala de Piotr Petróvitch, de que as pessoas más são vazias e apáticas, guarda relação com a percepção que os estoicos tinham do homem mau em oposição ao sábio:

Os estoicos dizem ainda que o sábio é imune às paixões porque não pode cair diante delas. Mas, o termo “apatia”, que designa propriamente a ausência de paixões, pode aplicar-se também ao homem mau, no sentido de que ele é insensível e não se deixa comover. O sábio é igualmente imune à soberba e à vaidade, e é também indiferente à glória e à obscuridade.¹⁸⁶

Dessa forma, Babúrin está mais próximo do sábio do que do homem mau, pois não é insensível para não ser suscetível a paixões, sejam elas amorosas ou ideológicas. No entanto, não é vulnerável a ponto de cair diante de suas paixões, o que o aproxima ainda mais da categoria de sábio. Inclusive, o fato de ter perdoado e acolhido Musa, que o abandonara para fugir com Tarkhov, corrobora não apenas essa ideia, mas também o pensamento expresso por Babúrin ao falar de Zenão, de que “o sofrimento não é ruim, pois a paciência a tudo suplanta”. Ademais, no estoicismo acredita-se que o amor, como forma de excelência, está subordinado à moderação.¹⁸⁷

¹⁸⁶Ibidem, p. 208.

¹⁸⁷Ibidem, p. 210.

A ideia de que “o sofrimento não é ruim, pois a paciência a tudo suplanta”, também está ligada à perspectiva determinista da filosofia estoica frente aos males que causam o sofrimento. Popularmente, a expressão “serenidade estoica” é utilizada como sinônimo para expressar tanto o conformismo com as tristezas quanto com as alegrias proporcionadas pelo destino. Entretanto, os estoicos não defendiam a indiferença e resignação perante a fortuna, e sim a necessidade de agir com boa intenção moral em todas as situações, mesmo diante daquelas que não podemos mudar. Daí a necessidade de se ter paciência. Tal filosofia também explica a atitude resignada de Babúrin diante da fuga de Musa com Tarkhov:

– Prezado senhor! Desde a sua última visita aconteceu algo desagradável: nossa pupila Musa Pávlovna Vinográdova, não encontrando mais conforto em viver conosco, decidiu nos abandonar e expressou isso em uma declaração por escrito. Sem nos darmos o direito de impedi-la, deixamos que agisse a seu critério. Desejamos que esteja bem – acrescentou ele não sem esforço –, mas lhe pedimos encarecidamente para não fazer menção a esse assunto, bem como a semelhantes discursos inúteis e até lamentáveis. “Então é isso, assim como Tarkhov, me proíbe de falar de Musa” – pensei eu e não podia não ficar admirado por dentro! Não sem razão ele atribuía tanta importância a Zenão. Eu queria contar-lhe algo sobre este sábio, mas não me atrevia a falar e fiz bem.

Desejar o bem de Musa, mesmo após ter sido abandonado por ela, seu senso de dever frente às injustiças para com os pobres, camponeses e operários e o constante desejo pela libertação dos servos também se relacionam com os conceitos estoicos de bem e mal: “Os bens da alma são a excelência e os atos excelentes; os bens exteriores são ter uma pátria digna ou um amigo digno, e a felicidade de ambos.”¹⁸⁸ Em sua vida, Babúrin praticava boas ações, além de ansiar por uma Rússia livre e sem os males assinalados pelo estoicismo: “O inimigo e o dano que ele causa são males eficientes; a consternação, a mesquinhez, a escravidão, a ausência de alegria, a tristeza, a aflição e todas as ações deficientes são males absolutos.”¹⁸⁹ Vemos que os “atos excelentes” e a

¹⁸⁸Ibidem, p. 203.

¹⁸⁹Ibidem, p. 203-204.

busca pelos “bens exteriores” se refletem nas já citadas ações de Babúrin, e também posteriormente em suas atividades durante o degredo na Sibéria, pois auxiliava nas escolas locais e realizava discussões com velhos crentes, clérigos e poloneses exilados e, por fim, na alegria e satisfação ao receber a notícia da emancipação dos servos.

Por se tratar de uma obra ficcional, não podemos buscar uma correspondência exata da aplicação de conceitos filosóficos em todas as ações e opiniões das personagens da novela. Ainda que simpatizasse com a filosofia estoica, Babúrin é denominado principalmente como um republicano, logo, algumas concepções políticas do estoicismo não condizem com as crenças da personagem. Por exemplo, “para os estoicos a melhor constituição política é a mista, resultante de uma combinação de democracia, monarquia e aristocracia”.¹⁹⁰ Babúrin, no entanto, não concordaria com essa organização por ser contrário à monarquia e aristocracia. Vemos a definição do sistema político que ele defende quando Musa o questiona: “– Na república não há império – respondeu Babúrin, erguendo a cabeça e franzindo o cenho –, ela é... uma estrutura na qual tudo é baseado na lei e na justiça.” Outrossim, os estoicos da Antiguidade não eram revolucionários ou reformadores políticos, pois não procuravam atuar dentro das instituições ou partidos a fim de transformar o *status quo*, mas focavam nas relações humanas. Entretanto, agir politicamente não se restringe a ter um cargo político: “As relações entre os homens não se substanciam 'só' no sentido ético, e não há uma clara linha divisória entre ético e político, por mais que tentemos afastar tais campos. Disso sabiam bem os gregos e os estoicos, especificamente.”¹⁹¹ As ações de Babúrin já eram políticas, muito antes de seu envolvimento com um grupo revolucionário e o conseqüente degredo à Sibéria.

¹⁹⁰Ibidem, p. 211.

¹⁹¹GAZOLLA, 1999, p. 57.

Babúrin não perdeu a fé na força da lei, pois ele entendeu a decisão legislativa do governo como o cumprimento de suas esperanças mais íntimas: “‘Nikandr, Nikandr, está me ouvindo? Não há mais escravos na Rússia! Se regozije no caixão, velho camarada!’ E assim falou muitas vezes ainda, que ‘minhas esperanças’, disse, ‘se realizaram!’” Essa atitude do herói para com a reforma de 1861 baseou-se, portanto, no entendimento da relação das leis naturais e político-sociais, próximo da concepção ético-social dos estoicos e, especialmente, de Zenão.¹⁹²

Também vale ressaltar algumas referências ao estoicismo presentes em demais obras do escritor, como no discurso *Hamlet ou D. Quixote*, de 1860. Após descrever o caráter de Hamlet como “estóico e probo”, Turguêniev relaciona a filosofia estoica com a preservação da dignidade humana ao afirmar: “Um céptico honesto sempre respeita um estóico. Quando o mundo antigo se desagregou – e em todas as épocas semelhantes –, as pessoas melhores buscaram salvar-se no estoicismo, como o único refúgio onde ainda se podia preservar a dignidade humana.”¹⁹³

Segundo Thomas Hodge,¹⁹⁴ na abertura do capítulo XXVI de *Pais e filhos*, Turguêniev satiriza as personagens ao colocá-las sob um “pórtico grego, feito de tijolos russos”. Essa seria uma clara referência à *stoa*, ou seja, a entrada da ágora da antiga Atenas, onde Zenão e seus discípulos se reuniam, dando assim o nome à escola filosófica por eles criada, o estoicismo.

Ainda em *Pais e filhos*, no final do romance Bazárov diz ao pai choroso junto ao seu leito de morte: “E você, Vassíli Ivanitch, também está choramingando, ao que parece. Bem, se a religião cristã não ajuda, quem sabe um filósofo, um estóico, ajudaria? Você não se vangloria de ser um filósofo?”¹⁹⁵ Nesse caso, o protagonista

¹⁹²Cf. ГОЛОБКО, 1988, c. 198-199.

¹⁹³TURGUÊNIEV, Op. cit., p. 324.

¹⁹⁴HODGE, 2007, p. 467.

¹⁹⁵TURGUÊNIEV, Op. cit., p. 283.

sugere que adotar uma resignação estoica perante a morte seria melhor do que buscar consolo na religião.

Por fim, no capítulo XXII do romance *Na véspera*, o pai de uma das personagens é descrito como um “verdadeiro estoico”: “Seu pai? Seu pai também é conhecido por sua linhagem, homem da mais elevada moral, *un vrai stoicien*, major aposentado, parece, administra todas as propriedades do condado de B...”¹⁹⁶ Vemos o estoicismo ligado à ideia de altivez, dignidade e caráter moral.

¹⁹⁶ТУРГЕНЕВ, 1981, т. 6, с. 246-247. “– Отец его? Отец его тоже известный в своем роде человек, нравственности самой высокой, *un vrai stoicien*, отставной, кажется, майор, всеми именьями графов Б... управляет.”

7. Considerações finais

7.1. Crítica e recepção

A publicação de praticamente todas as grandes obras de Turguêniev foi marcada ou por uma situação conturbada ou por uma recepção crítica turbulenta. Em abril de 1852, depois de passar um mês preso, Turguêniev foi condenado a cumprir prisão domiciliar em Spáskoie-Lutovinovo por seu elogio fúnebre a Gógol, falecido no mês anterior. Porém, em carta de maio a Pauline Viardot, o autor explica que esse era apenas um pretexto, visto que estava em vias de publicar a coletânea das *Memórias de um caçador*:

[...] estou preso na delegacia – sob o comando mais alto – por publicar um artigo em um jornal de Moscou, algumas linhas sobre Gógol. Isso serviu apenas como desculpa – o artigo em si é completamente insignificante, mas há muito me olham torto, somado ao primeiro caso apresentado. Não reclamo absolutamente do soberano: o caso foi apresentado a ele de uma maneira tão traiçoeira que ele não poderia ter agido de outra forma. Eles queriam banir tudo o que foi dito sobre a morte de Gógol e, a propósito, ficaram encantados com a oportunidade de, ao mesmo tempo, proibir minha atividade literária. Daqui a duas semanas serei enviado para a aldeia, onde devo morar até nova ordem.¹⁹⁷

Esses contos, que retratavam a vida rural russa e foram sendo publicados na revista *O contemporâneo* entre 1847 e 1851, já desagradavam as autoridades. Quando publicada em forma de livro em agosto de 1852, a antologia foi bem recebida no meio intelectual e aclamada como uma obra importante para a abolição da servidão russa. Como havia dito

¹⁹⁷TУРГЕНЕВ, 1987, т. 2, с. 391. “[...] я нахожусь под арестом в полицейской части – по высочайшему повелению -- за то, что напечатал и одной московской газете статью, несколько строк о Гоголе. Это только послужило предлогом – статья сама по себе совершенно незначительна, но на меня уже давно смотрят косо, привязались к первому представившемуся случаю. Я вовсе не жалею на государя: дело было ему представлено таким предательским образом, что он не мог бы поступить иначе. Хотели подвергнуть запрету всё, что говорилось по поводу смерти Гоголя, – и кстаги обрадовались случаю одновременно наложить запрещение на мою литературную деятельность. Через две недели меня отправят в деревню, где я обязан жить до нового распоряжения.”

Belínski, ele “foi até o povo por um aspecto que ninguém antes dele havia ido.”¹⁹⁸

A publicação de *Pais e filhos*, dez anos mais tarde, é tida como uma das maiores controvérsias na história da literatura russa. Para comentar essa repercussão, Turguêniev escreveu o texto “A propósito de *Pais e filhos*”, cujo trecho a seguir dá uma clara ideia de como foi a sua recepção:

Ao mesmo tempo em que alguns me culpavam de tachar a nova geração de atrasada, obscurantista, e comunicavam-me que ‘com gargalhadas de desprezo punham fogo em minhas fotografias’, outros, ao contrário, acusavam-me de servilismo diante dessa mesma nova geração.¹⁹⁹

A novela apresenta o embate de ideias entre a geração de 1840, de conservadores e tradicionalistas, e a geração de 1860, dos radicais e revolucionários, e foi criticada de ambos os lados, seja por bajular a nova geração, ou por ridicularizá-la. No entanto, a obra também foi elogiada, por exemplo, pelo crítico Dmitri Píssariev e pelos escritores Herzen e Dostoiévski.

Da mesma maneira, a publicação da novela *Púnin e Babúrin* foi cercada de controvérsias. A crítica mais radical foi unânime na tentativa de denegrir a obra. Para ela, Turguêniev havia se distanciado da realidade russa e por isso perdera talento. Julgavam que a personagem de Babúrin era apenas um pequeno burguês fraco e falso “à maneira europeia”. Em suas “Notas literárias e jornalísticas” para o número quatro da revista *Anais da pátria*, de 1874, o crítico Nikolai Mikhailóvski afirmou que Púnin e Babúrin não eram mais do que reformulações das personagens do conto “Tchertopkhánov e Nedopiúskin”, publicado na coletânea *Memórias de um caçador* em 1852. Nesse conto, Panteliei Ieremêitch Tchertopkhánov e Tíkhon Ivánitch Nedopiúskin

¹⁹⁸БЕЛИНСКИЙ, 1941, с. 440. “Не удивительно, что маленькая пьеска эта имела такой успех: в ней автор зашел к народу с такой стороны, с какой до него к нему никто еще не заходил”.

¹⁹⁹ТУРГЕНЕВ, 1983, т. 11, с. 92. “В то время, как одни обвиняют меня в оскорблении молодого поколения, в отсталости, в мракобесии, извещают меня, что с «хохотом презрения сжигают мои фотографические карточки», – другие, напротив, с негодованием упрекают меня в низкопоклонстве перед самым этим молодым поколением.”

são amigos que moram juntos na pequena propriedade que Tchertopkhánov herdara de seu pai. Panteliei era insolente, inclusive com as autoridades: “sou um fidalgo de quatro costados, dizia. Certa vez, quase atirou no comissário de polícia rural que havia entrado em seu quarto sem tirar o quepe da cabeça.”²⁰⁰ Essa passagem pode nos remeter ao momento em que o narrador entra no quarto de Babúrin sem se anunciar e ambos travam uma discussão. Outra semelhança seria a suposta origem nobre, comum tanto a Babúrin quanto a Tchertopkhánov.

Como já foi visto, Babúrin luta contra as injustiças e é contrário a infringir castigos físicos aos camponeses; isso, em certa medida, ele e Tchertopkhánov têm em comum, pois este: “não suportava a injustiça e a opressão vindas de fora; defendia seus mujiques a todo custo. 'Como assim?', dizia, batendo freneticamente na própria cabeça. 'Quer tocar nos meus, nos meus? Eu não seria Tchertopkhánov se...’”²⁰¹ Justamente no momento em que Nedopiúskin está sendo ridicularizado, isto é, sofrendo uma injustiça, Tchertopkhánov intervém em sua defesa. Desde então, viram amigos inseparáveis e a gratidão de Nedopiúskin para com Tchertopkhánov chega à devoção servil, assim como a de Púnin para com Babúrin.

Além disso, com eles mora Macha, que pode lembrar Musa por ser uma jovem de vinte anos que tem um relacionamento com Tchertopkhánov: “– Bem, tenho o prazer de lhes apresentar – disse Panteliei Ieremêitch. – Não é minha mulher, mas é como se fosse.”²⁰² Mikhailóvski acreditava que, sendo cópias de Tchertopkhánov e Nedopiúskin, Púnin e Babúrin acabaram se mostrando mais fracos do que os originais. O retorno ao passado e a suposta falta de novos temas e imagens foram vistos por esses críticos como mais uma justificativa para o empobrecimento artístico de Turguêniev.²⁰³

²⁰⁰TURGUÊNIEV, 2013, p. 367.

²⁰¹Idem, p. 386

²⁰²Idem, p. 379

²⁰³Cf. ТУРЬЯН, 1965, c. 149.

Já a crítica liberal, ao contrário, foi favorável à obra. Foram escritos artigos elogiosos sobre a originalidade e profundidade do autor em edições de 1874 de periódicos como *A gazeta de São Petersburgo* e *A voz*. O jornalista Semión Hertsov-Vinogradski, por exemplo, escreveu em *O mensageiro de Odessa* que os heróis principais pareciam ter sido representados segundo exemplos reais.

Os críticos reacionários criticaram a novela duramente. Alguns tinham certa simpatia por Púnin, mas julgavam que Babúrin não era mais do que uma pequena figura fantástica. Apesar de interessante, acreditavam que tal figura havia sido criada pela imaginação de Turguêniev, e que não se tratava de um tipo, pois não haviam pessoas como Babúrin na Rússia nem em 1830, ou em 1840. Outros afirmavam que o escritor não compreendia a realidade, como o crítico Vassíli Avsiéenko, que, em resenha para a revista *O mundo russo*, afirmou que Turguêniev não possuía senso de verdade artística.²⁰⁴

No número cinco da revista *O mensageiro russo*, o crítico Boleslav Markiévitich escreveu que, o que se sentia, é que Turguêniev nunca havia visto nem o seu “republicano”, referindo-se a Babúrin, tampouco o seu “novo tipo”, em referência a Musa, pois essas personagens não pareciam reais, como Rúdin ou Bazárov. Para ele, o anacronismo da novela e o discurso maçante de suas personagens prejudicavam a obra. O crítico afirma ainda que “Seria melhor se o sr. Turguêniev finalmente se calasse, se já não tinha nada mais a dizer a seus leitores russos, além de seus Babúrins.”²⁰⁵

²⁰⁴Cf. SCHERRER In: TOURGUÉNIEV, 1986, p.1084.

²⁰⁵Cf. МАРКЕВИЧ, 1874, c. 403.

7.2. Construção das personagens e elementos autobiográficos

Não apenas a novela *Púnin e Babúrin*, mas toda a obra de Turguêniev está permeada de elementos autobiográficos e de personagens criadas a partir de pessoas reais, como afirma Henry James em seu ensaio de 1884 dedicado ao escritor:

O germe de uma história, para ele, jamais era uma questão de trama – essa era a última coisa em que pensava: tratava-se da representação de certas pessoas. A primeira forma em que um relato surgia para ele era na figura de um indivíduo, ou numa combinação de indivíduos, que ele desejava ver em ação, convicto de que tais pessoas deveriam fazer algo muito especial e interessante. Elas se erguiam à sua frente bem definidas, nítidas, e ele queria conhecer, e mostrar, o mais possível de sua natureza.²⁰⁶

Tal fato não só foi apontado por seus leitores, mas também foi revelado pelo próprio escritor em sua vasta correspondência. O editor Suvorin²⁰⁷ escreveu para Turguêniev em 1875:

Púnin e Babúrin representa em uma medida importante recordações autobiográficas ou não? Faço essa pergunta porque Polevoi disse que o senhor se iniciou na literatura russa por intermédio de seu servo, admirador apaixonado de Kheráskov. *Púnin e Babúrin* é uma de suas obras mais belas.

Em resposta, Turguêniev escreveu: “*Púnin e Babúrin* é de fato muito autobiográfica.”²⁰⁸ Já em carta do final de 1882 a Sidney Jerrold, tradutor das novelas *Púnin e Babúrin* e *Primeiro amor* para o inglês, Turguêniev escreveu:

Quanto aos dados biográficos, o senhor encontrará tudo o que precisa nas fontes que indicou; ademais, minha vida não representa nada de particularmente notável. Posso apenas observar que justamente nessa duas novelas escolhidas pelo senhor há muita reprodução da minha própria vida; e

²⁰⁶JAMES, 2004, p. 347.

²⁰⁷Aleksei Serguêievitch Suvorin (1834 – 1912), editor, escritor, crítico teatral e dramaturgo russo. Tornou-se amigo do escritor e também dramaturgo Anton Tchêkhov (1860 – 1904) com quem manteve uma rica e extensa correspondência.

²⁰⁸ТУРГЕНЕВ, 2003, т. 14, с. 61. “‘Пунин и Бабурин’ – это в значительной степени автобиографические воспоминания или нет? Этот вопрос ставлю потому, что у Полевого сказано, что с русской литературой Вы познакомились через своего дворового человека, страстного поклонника Хераськова. ‘Пунин и Бабурин’ одна из прекраснейших Ваших вещей.” “В ‘Пунине и Бабурине’ действительно много автобиографического”.

geralmente em minhas obras eu sempre me baseio em dados reais, procurando apenas em cenas casuais, na medida do possível, construir tipos.²⁰⁹

Os elementos autobiográficos estão bastante presentes no primeiro capítulo da novela: o jardim onde o narrador se encontra com Púnin quando criança e a avó de Piotr Petróvitch são inspirados em Spasskoe-Lutovinovo, a propriedade onde Turguêniev cresceu, e na mãe do próprio autor. Assim como Piotr Petróvitch, quando criança o escritor passava muito tempo no jardim com os servos e foi onde aprendeu muito sobre a natureza, como, por exemplo, os hábitos dos pássaros: “À medida que crescia, os guardas-caça e caçadores ensinaram-lhe tudo o que sabiam sobre galinhola e perdiz, tetraz e narceja, pato selvagem e codornizão, e mostraram-lhe os ninhos e explicaram seus hábitos.”²¹⁰

Essa recordação nos remete ao momento em que o narrador e Púnin travam conhecimento, quando este lhe demonstra como incitar os tentilhões ao canto:

– O que o senhor faz aqui? – perguntei com severidade.
– Pois veja o senhor – respondeu-me ele sem parar de sorrir. Estou chamando os passarinhos para cantar. – Ele mostrou suas xícaras. – Os tentilhões respondem muito bem! O senhor, por sua pouca idade, sem dúvida precisa escutar o canto das aves! Queira escutar: vou me pôr a gorjear, e eles vão me seguir no mesmo instante, que coisa agradável!
Ele começou a esfregar suas xícaras. De fato, um tentilhão respondeu numa sorveira próxima. O desconhecido se pôs a rir baixinho e deu-me uma piscadela.

Após esse primeiro contato, as duas personagens passam a se reunir regularmente no jardim para ler poesia. Ao lembrar um de seus encontros literários com Púnin, o narrador elenca os poetas clássicos aos quais seu novo amigo o introduziu, com atenção

²⁰⁹Idem, p. 375-376. “Что касается до биографических данных, то вы найдете все нужное в указанных вами источниках; впрочем, моя жизнь не представляет ничего особенно выдающегося. Могу только заметить, что именно в двух выбранных вами повестях много воспроизведено из собственной моей жизни; да и вообще в моих произведениях я постоянно опираюсь на жизненных данных, стараясь только случайные явления, по мере сил, возводить в типы.”

²¹⁰MAGARSHACK, Op. cit., p. 26. “As he grew older the gamekeepers and huntsmen taught him all they knew about woodcock and partridge, capercaillie and snipe, wild duck and corncrake, and showed him their nests and explained their habits to him.”

especial a Kheráskov, autor da obra *Russíada*, poema épico russo que segue a tradição de Homero e Virgílio, que retrata a tomada de Kazan em 1552 por Ivan, o Terrível:

Ele não lia, ele gritava, com uma solenidade altissonante, vibrante, anasalada, como um ébrio, como um frenético, como Pítia! E este era mais um costume dele: primeiro zumbia os versos baixo, à meia voz, como se murmurasse... A isso ele chamava de ler em esboço; depois passava a limpo esses mesmos versos já retumbante, e de repente erguia-se de um salto, levantava a mão – seja em súplica, ou em tom imperativo... Desse modo nós passávamos não apenas por Lomonóssov, Sumarókov e Kantemir (quanto mais velho fossem os versos, mais eram do agrado de Púnin), mas até mesmo pela “Russíada” de Kheráskov! E, para dizer a verdade, ela, essa mesma “Russíada”, me encantava em especial. Havia ali, entre outros, uma tártara valente, uma heroína gigante; agora me esqueci de seu nome, mas naquele tempo eu ficava com as mãos e os pés gelados assim que ele era mencionado! “Sim – acontecia de Púnin dizer acenando expressivamente com a cabeça –, Kheráskov – aquele não perdoava ninguém. Por vezes lança um versinho assim, que simplesmente machuca... Apenas resista!.. Você deseja compreendê-lo, mas veja só, lá está ele! E soa, soa como um címbalo! Por isso lhe foi dado o nome! Uma palavra: Kherrráskov!!!” Púnin acusava Lomonóssov de ter um estilo demasiado livre e simples, e a Derjávin se referia quase com animosidade, dizia que ele era mais cortesão do que poeta.

Esse também se trata de um dado autobiográfico, pois em carta a Bakúnin²¹¹ e Efremov²¹² de setembro de 1840, Turguêniev relata que a leitura do poema *Russíada* foi feita por um servo a ele próprio quando ainda era criança:

Para o Sr. Serebriákov (depois ele fugiu e agora se distingue no Cáucaso) a “Russíada” bastava! E Kheráskov. Oh “Russíada”! E oh Kheráskov! Quantos deleites lhe devo! Leon e eu escapávamos todo dia para o jardim, no caramanchão à beira da represa, e lá líamos – e como líamos! Ou melhor: ele lia – e como lia! Primeiro cada verso rapidamente, mais ou menos um rascunho; depois com os acentos, com intensidade e sentimento – passado a limpo. Um pouco floreado – mas agradável. Eu ouvia – isso é pouco! Eu prestava atenção – é pouco! Era todo ouvidos – é pouco! – e os clássicos: devorava – isso é pouco! engolia – isso ainda é pouco! Engasgava – é isso. Leon era um homem educado e me ofereceu um livro – mas recusei. Eu podia ler bem rápido não pior do que ele; mas não esperava alcançar a solenidade de suas exclamações. Além disso, ele falava um pouco anasalado, especialmente ao pronunciar a letra O, o que naquela época realmente me agradava [...]²¹³

²¹¹Mikhail Aleksándrovitch Bakúnin (1814 – 1876), teórico político russo.

²¹²Aleksandr Pavlovitch Efremov (1815-1876), professor de geografia na Universidade de Moscou.

²¹³ТУРГЕНЕВ, 1982, т. 1, с. 168-169. “Г-ну Серебрякову (он после бежал и теперь отличается на Кавказе) досталась „Россияда“! Хераскова. О „Россияда“! и о Херасков! Какими наслаждениями я вам обязан! Мы с Леоном уходили каждый день в сад, в беседку на берегу пруда и там читали – и как читали! или правильнее: он читал – и как читал! сперва каждый стих скороговоркой, так себе – начерно; потом с ударением, с напряжением и с чувством – набело. Немного пестро – но приятно. Я слушал – мало! внимал – мало! обращался весь в слух – мало! – и классически: пожирал – всё мало! глотал – всё еще мало! давился – хорошо. Леон был человек вежливый и предлагал мне

No segundo capítulo, quando o narrador conhece Musa, Tarkhov pergunta a opinião da jovem acerca do livro que lhe emprestara. Trata-se de um volume contendo *Ruslaviev ou Os russos em 1812*, publicado em 1831, e *Iuri Miloslávski ou Os russos em 1612*, de 1829, que são obras do escritor e dramaturgo Mikhail Zagoskin (1789 — 1852), que introduziu o romance histórico ao estilo de Walter Scott na Rússia:

- Pois bem, pois bem. E então? A senhora gostou dele? – *Ruslaviev* – acrescentou Tarkhov, dirigindo-se a mim.
- Sim. Só que *Iuri Miloslávski* me pareceu muito melhor. Nossa madame é muito severa quanto a esses livros. Diz que eles atrapalham o trabalho. Porque, na sua opinião...
- Mas *Iuri Miloslávski* está par a par com *Os ciganos* de Púchkin, não é? E então? Musa Pávlovna? – interrompeu Tarkhov com um sorriso.

Iuri Miloslávski também foi uma obra marcante na infância de Turguêniev. Em carta de 1853 a Aksakov,²¹⁴ ele escreve:

[...] eu estava no pensionato em Moscou no ano de 1831 (eu tinha 12 anos) – e à noite nosso supervisor nos contava o conteúdo de “Íuri Miloslávski”. É impossível retratar-lhe a absorvente e absorvida atenção com a qual todos ouvíamos; uma vez dei um pulo e corri para bater em um garoto que falava no meio da história.²¹⁵

Quando criança Turguêniev conheceu pessoalmente Zagoskin, que era amigo de seu pai. Nessa mesma carta, ele prossegue descrevendo a impressão que a figura do autor de *Iuri Miloslávski* lhe causara.²¹⁶ Embora fosse simples e amável, Zagoskin tinha uma jactância bonachona sobre as mulheres, o que não agradava Turguêniev; o jovem ainda destaca que geralmente, em tais ocasiões, Zagoskin se expressava em um francês

книгу – но я отказывался. Читать скороговоркой я мог не хуже его; но я не надеялся достигнуть торжественности его возгласов. Притом же он несколько говорил в нос, что в то время, особенно при произношении буквы О, мне весьма нравилось [...]”

²¹⁴Serguéi Timofiéievitch Aksákov (1791 – 1859), escritor, crítico literário e de teatro e memorialista russo.

²¹⁵ТУРГЕНЕВ, 1987, т. 2, с. 189. “[...] я находился в пансионе в Москве в 31-м году (мне был 12-й год) – и нам по вечерам надзиратель наш рассказывал содержание „Юрия Милославского“. Невозможно изобразить Вам то поглощающее и поглощенное внимание, с которым мы все слушали; я однажды вскочил и бросился бить одного мальчика, который заговорил было посреди рассказа.”

²¹⁶Em suas reminiscências, Turguêniev também afirma: “Seu Iuri Miloslávski foi a primeira impressão literária forte da minha vida.” [Его «Юрий Милославский» был первым сильным литературным впечатлением моей жизни.]. ТУРГЕНЕВ, 1983, т. 11, с. 72.

muito errado. No entanto, o escritor não possuía a irritabilidade mesquinha e a arrogância afetada que Turguêniev observara nos demais escritores com os quais tivera contato: “Zagoskin, que pôde tratar a mim, um garoto de treze anos, sem cerimônia – foi um homem excelente!”²¹⁷

Ainda no segundo capítulo da novela, quando o narrador e Púnin se reencontram após sete anos de separação, Piotr Petróvitch relembra o apreço do velho amigo pelo autor de *Russíada* e pergunta sua opinião acerca de Púchkin, o escritor russo que estava em alta na época:

- E o senhor, Nikandr Vavílich, será que ainda estima Kheráskov?
- Púnin deteve-se e acenou com ambas as mãos ao mesmo tempo.
- No mais alto grau, meu senhor! No ma...is al...to grau!
- E não lê Púchkin? Púchkin não o agrada?
- Púnin tornou a erguer as mãos acima da cabeça.
- Púchkin? Púchkin é uma serpente que se esconde em ramos verdes, a quem foi dada a voz de um rouxinol!

Esse julgamento de Púnin sobre Púchkin aparece em carta de Turguêniev a Annenkov,²¹⁸ datada de janeiro de 1857, onde o escritor reproduz a opinião de seu antigo professor de língua russa: “Como teria ficado indignado o meu professor de língua russa, Dmítri Nikítitch Dubenski, que chamava Púchkin de 'serpente dotada do canto de um rouxinol'.”²¹⁹ Mais adiante, no quarto capítulo, Musa relembra os últimos dias de Púnin, e há nova menção ao seu pavor a Púchkin: “[...] alguns dias antes de sua morte ele ainda declamava a *Russíada*; em compensação, tinha um medo de Púchkin, como uma criança que tem medo do bicho-papão.”

Após essa conversa com Púnin, o narrador faz menção de encerrar sua visita quando Babúrin o questiona acerca do filósofo Zenão. Piotr Petróvitch fica surpreso em

²¹⁷Idem. “Загоскин, с которым я, 13-летний мальчишка, мог обходиться бесцеремонно — был отличный человек!”

²¹⁸Pável Vassílievitch Annenkov (1813 – 1887), historiador e crítico literário e memorialista russo.

²¹⁹ТУРГЕНЕВ, 1987, т. 3, с. 179. “Утром приехал к нам г-н Дубле; композиция моя была "L'Homme vain" и окончание Мирабо речи; оно еще лучше начала. Читая сию речь, я восхищался до такой степени, что нельзя выразить.”

saber da admiração do republicano por tal pensador: “Desde o meu ingresso na universidade eu não me tornara um republicano pior que o próprio Babúrin. Sobre Mirabeau e Robespierre eu falaria com prazer.” A referência a Mirabeau, escritor e parlamentar francês, líder da posição moderada entre os revolucionários nos estágios iniciais da Revolução Francesa, também está presente em carta que Turguêniev escreveu a seu tio em 1831, quando tinha apenas doze anos de idade: “De manhã, o Sr. Dublet veio à nossa casa; minha composição era “L'Homme vain” e o final do discurso de Mirabeau; ele é ainda melhor do que o começo. Ao ler este discurso, fiquei de tal modo admirado que é impossível expressar.”²²⁰

Também é sabido que Turguêniev utiliza a figura de sua mãe, uma rica proprietária de terras extremamente severa como referência para o desenvolvimento de diversas personagens de seus contos, novelas e romances. A mãe do escritor, como destaca Wilson:

Identificava-se com o tsar e referia-se aos seus campônios como “súditos”. Era ela, mais do que um tirano, um bicho-papão. À menor divergência de suas ordens, e às vezes com pretextos forjados, mandava fustigar seus serviçais ou despachá-los para a Sibéria – conquanto deste último destino fossem ocasionalmente salvos por vizinhos, que os recebiam em suas propriedades, enquanto a criadagem de Varvara Petrovna fingia terem sido cumpridas suas sentenças.²²¹

Esse trecho nos remete ao momento, no primeiro capítulo de *Púnin e Babúrin*, em que a avó do narrador decide, de modo arbitrário, exilar o jovem camponês Ermil:

Vovó voltou para casa e tomou uma providência. Três horas depois levaram Ermil, totalmente “equipado”, para debaixo da janela do gabinete dela. O menino miserável foi mandado para o exílio, do outro lado da cerca; a alguns passos dele, avistava-se um carrinho de camponês, cheio de seus trastes miseráveis. Assim eram aqueles tempos!

²²⁰ТУРГЕНЕВ, 1982, т. 1, с. 124. “В какое негодование пришел бы мой учитель русского языка Дмитрий Никитыч Дубенский, называвший Пушкина ‘змеей, одаренной соловьиным пеньем’.”

²²¹WILSON, 1991, p. 221.

Entretanto, Babúrin interfere sugerindo à senhora que aquela seria uma decisão ruim e levantando a questão do abuso do poder dado aos proprietários de terras. A patroa se irrita com suas palavras e demite Babúrin. Assim como Varvara Petrovna, a mãe de Turguêniev, ela chama seus servos de “súditos”:

– Pois então – interrompeu ela –, as minhas disposições não te agradam. Isso pouco me importa –, tenho poder sobre meus súditos e não respondo a ninguém sobre eles –, só não estou acostumada que raciocinem em minha presença e nem que se intrometam em meus assuntos. Não preciso de sábios filantropos raznotchínets; preciso de criados submissos. Assim como tenho vivido antes de você, também viverei depois de você. Você não me serve: está demitido. Nikolai Antonov – dirigiu-se vovó ao mordomo –, acerte as contas com este homem; porque hoje mesmo no almoço ele não estará mais aqui. Ouviu? Não me incite à ira. E aquele outro também... mande o tolo parasita com ele. – O que Ermilka está esperando? – acrescentou ela, novamente lançando um olhar pela janela. – Eu o examinei. Bem, o que mais? – Vovó agitou o vestido em direção à janela, como se espantasse uma mosca importuna. Depois sentou-se na poltrona e, virando-se para nós, disse sombriamente: – Vão todas as pessoas embora! Todos nos retiramos – todos, exceto o moleque da faxina, a quem a fala de vovó não se referia, porque ele não era “uma pessoa”.

No final desse trecho o narrador ainda enfatiza a segregação vigente entre nobres e criados quando a velha senhora ordena que todas as pessoas saíssem do aposento e todos obedecem, exceto o moleque da faxina. O menino não sai, mas não por se recusar a obedecer a ordem, e sim porque ele mesmo sabe que não é considerado uma pessoa, visto que é apenas o moleque que faz a limpeza.

No terceiro capítulo, o narrador visita Babúrin após seu reencontro no cortejo fúnebre de Púnin. Durante a conversa, o republicano pergunta se Piotr Petróvitch havia libertado os servos da propriedade rural que herdara de sua falecida avó, ao que o narrador responde negativamente. Essa passagem também possui correspondência com a realidade, pois o próprio Turguêniev, de maneira semelhante ao narrador de sua novela, não havia libertado seus servos após a morte de sua mãe, como aponta Berlin em texto acerca da intelectualidade russa:

A *intelligentsia* não compreendia toda a sociedade culta russa – longe disso –, mas constituía seu elemento mais ativo. Nem sempre esteve plenamente à altura de suas declarações (nenhum russo precisa nos lembrar que dois inimigos mais apaixonados e eficazes da servidão – Nekrasov e Turguêniev – não libertaram na realidade os seus próprios servos). Mas as suas palavras inspiraram outros a realizar atos de heroísmo e martírio.²²²

Os acontecimentos desse capítulo se passam em 1849, que se trata de uma data importante, porque, um ano antes, ocorreram revoluções contra regimes autocráticos por toda a Europa. É importante notar que em seu texto “O homem dos óculos cinzentos: Das reminiscências de 1848”, Turguêniev relata o momento da queda do rei Luís Felipe, pois se encontrava na França nessa época:

Em 26 de fevereiro, às seis horas da manhã, eu ainda estava deitado – embora não estivesse dormindo – na cama no quarto do hotel – quando de repente a porta externa se escancarou e alguém gritou vigorosamente: “A França se tornou uma república!” Sem acreditar em meus ouvidos, pulei da cama e corri para fora do quarto. Um dos garçons do hotel corria pelo corredor – e abrindo alternadamente as portas à direita e à esquerda, lançava sua surpreendente exclamação em cada quarto.²²³

Com isso, houve o acirramento da censura na Rússia, o que culminou no desmembramento do Círculo de Petrachévski, ao qual o autor faz referência em sua novela, já que, nesse mesmo capítulo, Babúrin é preso por envolvimento com um grupo de conspiradores contra o governo. Além disso, segundo o próprio Turguêniev, a figura de Babúrin também havia sido baseada em uma pessoa real. A memorialista Natália Ostróvskaia relata que o autor afirmou em 1876: “Lamento muito que Babúrin tenha fracassado. Ele foi copiado de uma pessoa viva, o antigo administrador de minha mãe.”²²⁴ Os membros do círculo nos quais Turguêniev poderia ter se inspirado eram sobretudo oriundos da nobreza, como Ivan Arapiétov, Nicolau Khanikov, Apollon

²²²BERLIN, 2005, p. 109.

²²³ТУРГЕНЕВ, 1983, т. 11, с. 114. “26 февраля, в шесть часов утра, я еще лежал – хотя и не спал – на постели в ну-мере гостиницы, – как вдруг наружная дверь растворилась настежь и кто-то зычно прокричал: „Франция стала республикой!“ Не веря ушам своим, я вскочил с кровати, выбежал из комнаты. По коридору мчался один из гарсонов гостиницы – и, поочередно раскрывая двери направо и налево, бросал в каждый номер свое поразительное восклицание.”

²²⁴ОСТРОВСКАЯ, 1983, т. 2, с. 95. “Мне очень жаль, что мне Бабурин не удался. Он списан с живого лица, с бывшего управляющего моей матери.”

Maikov, Aleksei Plechéiev, enquanto o herói da novela era um pequeno-burguês. Babúrin estaria mais próximo, por exemplo, de figuras como Piotr Chápochnikov, petrachevista proprietário de uma loja de tabacos que foi preso com Dostoiévski em 23 de abril de 1849. Em nota oficial do caso Petrachévski foi dito sobre Chápochnikov: “extremamente irritado contra a atual ordem das coisas, tem bom conhecimento da literatura, tendo visitado algumas palestras em universidades, tem um grande número de conhecidos’ entre os ‘estudantes e outras pessoas que compartilham com ele uma opinião, e é extremamente ousado em suas expressões”²²⁵.

Sendo assim, Babúrin compartilha com Chápochnikov a indignação com a ordem vigente na época, o bom conhecimento da literatura e o relacionamento com certo número de conhecidos, pois o republicano soube sobre Zenão através de um “pequeno-burguês que tinha muitos livros velhos”; em São Petersburgo o republicano interveio em favor dos operários, em seguida apoiou um grupo de conspiradores contra o regime e, por fim, no exílio na Sibéria, mantinha atividades em escolas locais e discussões com velhos crentes, clérigos e poloneses exilados. Babúrin também poderia ser considerado ousado em suas expressões, conforme relata o narrador: “Eu mesmo ficara estupefato com algumas estranhezas no comportamento de Babúrin, em todo o seu jeito. Umás duas vezes ele opinou sobre as ordens do governo e altos dignatários com tal ódio e amargor, com tal repugnância, que fiquei perplexo...”

A reação de Babúrin descrita por Musa no último capítulo da novela é outro elemento que possui correspondência com a realidade, se tomarmos como base as cartas de Turguêniev. Em carta a Annenkov em fevereiro de 1861, ele escreve sobre o decreto que emancipou os servos da Rússia: “Quando minha carta chegar até o senhor,

²²⁵СЕМЕВСКИЙ, 1916, № 11, с. 23. Ver também ТУРЬЯН, 1963, с. 178. «„необыкновенно раздражен против существующего порядка вещей, имеет хорошие познания в литературе, посещает некоторые лекции университета, имеет большое число знакомых“ среди „студентов и других лиц, разделяющих с ним одно мнение, и чрезвычайно дерзок в своих выражениях“»

provavelmente esse grande decreto – decreto que colocou o tsar em tão alto e excelente grau – já terá saído”.²²⁶ Turguêniev estava em Paris quando o decreto foi publicado e recebeu a notícia através de um telegrama enviado por Annenkov, ao qual ele respondeu em março:

Obrigado pelo telegrama que nos deixou a todos com a cabeça tonta. Mas, infelizmente, não se sabe nada de positivo sobre os termos do novo Regulamento. Os boatos correm em direções opostas. [...] Aqui os russos estão furiosos: bons representantes do nosso povo! Que Deus abençoe o soberano.²²⁷

Ainda em março, Turguêniev escreve ao jornalista Evguêni Feoktistov: “[...] a notícia vinda da Rússia nos chocou a todos, embora eu esperasse por isso há muito tempo. Que Deus abençoe o tsar!”²²⁸ Já em carta a Tolstói, o escritor afirma que a novidade vinda da Rússia havia aumentado seu desejo de voltar para casa.²²⁹ Turguêniev também escreveu a Drujinin relatando que, em razão do novo decreto, o padre fizera um discurso tocante que levou todos às lágrimas e desejou que Deus desse força e saúde para que o tsar terminasse o que havia começado.²³⁰ Relato semelhante é encontrado em carta a Annenkov do final de março:

No domingo passado, iniciamos um serviço de ação de graças na igreja local, e o padre Vassíliev proferiu um discurso muito inteligente e tocante, que nos fez chorar (Muitos deixaram a igreja antes da oração). À minha frente estava N. I. Turguêniev²³¹ e também enxugava as lágrimas; para ele isso era uma espécie de: “Agora despedes o teu servo”.²³² Ali também se encontrava o

²²⁶ТУРГЕНЕВ, 1987, т. 4, с. 293. “Когда мое письмо к Вам дойдет, вероятно, уже великий указ – указ, ставящий царя на такую высокую и прекрасную ступень, – выйдет.”

²²⁷Ibidem, p. 301. “Спасибо за депешу, от которой у нас у всех головы кругом пошли. Но, к сожалению, ничего положительного не известно об условиях нового Положения. Толки ходят разные. [...] Здесь русские бесятся: хороши представители нашего народа! Дай бог здоровья государю.”

²²⁸Ibidem, p. 302. “[...] известия, пришедшие из России, потрясли меня всего, хотя я этого давно ожидал. Дай бог здоровья царю!

²²⁹Idem. “Давно ожидаемые и все-таки внезапные известия из России еще сильнее возбудили во мне желание вернуться домой.”

²³⁰Ibidem, p. 305.

²³¹Nikolai Ivánovitch Turguêniev (1789–1871), economista e teórico político russo. Participou do movimento dezembrista. Autor de *A Rússia e os russos* (1847).

²³²Referência às palavras de abertura da passagem bíblica *Nunc dimittis* (Lucas 2:29-32), onde Simeão se encontra com Jesus Cristo, pois havia recebido a promessa do Espírito Santo de que não morreria até ver o Salvador: “Agora despedes, Senhor, em paz o teu servo, segundo a Tua palavra”.

velho Volkonski²³³ (o decabrista). “Vivemos para ver este grande dia”, estava na mente e nos lábios de cada um.²³⁴

Esses e ainda outros trechos da correspondência de Turguêniev nos remetem ao relato de Musa sobre a reação de Babúrin ao receber a notícia do decreto da emancipação dos servos:

Sua força de vontade é de ferro, mas isso ele não pode suportar! Suas mãos tremiam enquanto ele lia; depois ele me abraçou três vezes e três vezes beijou-me, queria dizer alguma coisa, mas não! Não podia! E acabou derramando algumas lágrimas, o que foi muito espantoso de se ver, e de repente gritou: “Hurra! Hurra! Deus, salve o tsar!” Sim, Piotr Petróvitch, estas mesmas palavras! Depois acrescentou: “Agora despedes...” e ainda: “Esse é o primeiro passo, ao qual outros devem se seguir”

Babúrin bebeu à saúde do tsar, da Rússia e de todos os russos livres, pois sentiu que suas esperanças finalmente haviam se realizado. O republicano via o decreto como uma espécie de promessa da qual não se podia voltar atrás.

As referências a Belínski também podem ser vistas como um elemento autobiográfico, pois o escritor e o crítico foram grandes amigos:

[...] Turguêniev não só veio a admirá-lo como até mesmo a achar inspiração na sua candura e nobreza moral, no seu apaixonado interesse pelas letras (o qual era finamente estético, tanto quanto ético), nos seus esforços vigorosos e sérios em prol do desenvolvimento de uma grande literatura na Rússia, numa época em que, como diz Turguêniev, o czar estava fazendo tudo o que era possível para desencorajar não apenas a literatura, mas até a educação superior. Visitar o amigo, recordava ele, era – naquela atmosfera de espionagem e repressão – o bastante para reanimar o visitante pelo dia todo. A intimidade com Belinsky foi sem dúvida uma das influências mais importantes na vida de Turguêniev.²³⁵

Em *Púnin e Babúrin*, um dia antes da prisão de Babúrin por envolvimento com um grupo de conspiradores contra o governo, o narrador repara que Babúrin mantém um

²³³Príncipe Serguéi Grigoriévitch Volkonski (1788 – 1865), major-general, lutou na Guerra Patriótica de 1812 e participou da Revolta Dezembrista de 1825.

²³⁴Ibidem, p. 309. “В прошлое воскресение мы затеяли благодарственный молебен в здешней церкви -- и священник Васильев произнес нам очень умную и трогательную речь, от которой мы всплакнули. (NB. Много это было вроде: “ныне отпускаеши раба твоего”. Тут же находился старик Волконский (декабрист). “Дожили мы до этого великого дня”, было в уме и на устах у каждого.”

²³⁵WILSON, Op. cit., 252.

retrato de Belínski no lugar mais visível de seu quarto. É natural que o republicano o admirasse, por este também ter sido um *raznotchínets* e crítico ferrenho da autocracia e da servidão, sobretudo no final de sua vida, quando se tornara ainda mais radical. Em *Pais e filhos* o crítico não é citado, mas o romance é dedicado a ele, e seu protagonista, Bazárov, era loiro, filho de um médico, e teve uma morte prematura, assim como Belínski. A amizade e admiração pelo crítico era tamanha que Turguêniev deu instruções para que seu corpo fosse enterrado ao lado do amigo após sua morte.

Essa investigação dos elementos autobiográficos na novela é importante, pois o narrador se enquadra na seguinte teorização de Bakhtin:

“Tanto a narração como o *skaz* puro podem perder toda a convencionalidade e tornar-se discurso direto do autor, intérpretes direto das suas idéias. Assim é quase sempre o *skaz* em Turguêniev. Ao introduzir o narrador, Turguêniev, na maioria dos casos, não estiliza absolutamente a maneira individual e social *dos outros* de conduzir a narração. A narração em Andriêi Kólossov, por exemplo, é a narração de um intelectual letrado do círculo de Turguêniev. Assim narraria o próprio Turguêniev, e narraria acerca da coisa mais séria de sua vida.”²³⁶

Em *Púnin e Babúrin*, é possível observar ligações entre circunstâncias que envolvem o narrador e elementos da vida do próprio Turguêniev, dentre as quais destacamos a avó severa que remete à mãe do escritor, a leitura de Kheráskov junto a um servo quando criança, o ingresso na Universidade de Moscou e o emprego no Ministério do Interior. Desse modo, a proximidade entre a maneira de narrar de Piotr Petróvitch e do próprio autor ficaria ainda mais evidente. Entretanto, convém lembrar que, apesar das semelhanças entre a vida de Turguêniev e Piotr Petróvitch, escritor e narrador não são a mesma pessoa. Como afirma o teórico Oscar Tacca, é preciso separar essas duas figuras: “Um ligeiro esforço de abstração permite distinguir entre *autor* e

²³⁶BAKHTIN, 2010, p. 218.

narrador – ainda que a figura do primeiro apareça muitas vezes por cima do ombro do segundo”.²³⁷ Também Tzvetan Todoróv alerta para os disfarces do narrador:

Temos, pois, uma quantidade de dados sobre o narrador, que deveriam permitir-nos apreendê-lo, situá-lo com precisão; mas essa imagem primitiva não se deixa aproximar e reveste constantemente máscaras contraditórias, desde as de um autor de carne e osso à de um personagem qualquer.²³⁸

Portanto, ao estudar o lugar do narrador e do protagonista de *Púnin e Babúrin* tanto no contexto histórico e literário da época quanto na obra e na vida de Turguêniev, foi possível observar que, embora se diga republicano, o culto Piotr Petróvitch não consegue colocar seus princípios teóricos em prática, o que se explica pelo fato ser ele mais um entre os tantos “homem supérfluo” da obra de Turguêniev. Ademais, estudar a relação do estilo literário de Turguêniev com o Romantismo e o Realismo, além dos elementos recorrentes em suas narrativas – como a questão da dualidade, a referência a filósofos e a Púchkin –, nos auxiliam a compreender a riqueza tanto da novela *Púnin e Babúrin* quanto do conjunto da obra de um autor tão importante para a história da literatura.

E, ao acompanhar a evolução do narrador enquanto “homem supérfluo” em sua relação com um “homem novo”, vemos confirmar-se a afirmação de Bakhtin sobre o dialogismo:

Uma palavra, uma voz que é nossa, mas nascida de outrem, ou dialogicamente estimulada por ele, mais cedo ou mais tarde começará a se libertar do domínio da palavra do outro. Este processo se complica com o fato de que diversas vozes alheias lutam pela sua influência sobre a consciência do indivíduo (da mesma forma que lutam na realidade social ambiente).²³⁹

²³⁷TACCA, 1983, p. 65.

²³⁸TODOROV, 1966, p.146. “Nous avons donc une quantité de renseignements sur lui, qui devraient nous permettre de le saisir, de le situer avec précision; mais cette image fugitive ne se laisse pas approcher et elle revêt constamment des masques contradictoires, allant de celle d'un auteur en chair et en os à celle d'un personnage quelconque.”

²³⁹BAKHTIN, 2010b, p. 147-148.

Isso porque, em 1831, quando a novela se inicia e Piotr Petróvitch é ainda um pré-adolescente, a narrativa tem um tom mais lírico e romântico. No capítulo seguinte, em 1837, ele já surge como estudante da universidade, entusiasmado com os ideais dos revolucionários franceses e, por isso, se apresenta como republicano. Já no terceiro capítulo, datado em 1848, época em que o tipo “homem supérfluo” atinge seu ápice, Piotr aparece como um acomodado funcionário público de São Petersburgo, que não considera prudente conspirar contra o governo e se vê impotente para ajudar a tirar Babúrin da prisão. No último capítulo, em 1861, a figura do narrador não se mostra, limitando-se basicamente a ler a carta de Musa. Sobre sua vida, Piotr afirma que aconteceram muitas mudanças, sem, no entanto, especificar nenhuma dela, e acrescenta: “Nela surgiram novos interesses, novas preocupações...”. Essa declaração pode ser interpretada até mesmo como um afastamento ainda maior dos princípios republicanos de outrora.

Babúrin, por outro lado, é o *raznotchínets* que, mesmo possuindo poucos recursos e praticamente nenhum acesso à educação formal, é quem de fato age, quem busca por justiça, liberdade e igualdade, ainda que tais atitudes lhe tragam consequências extremamente negativas, como demissões, traição e exílio. Suas ações incluem a defesa do camponês Ermil, o acolhimento de Púnin e Musa, a defesa dos operários e o envolvimento com um grupo de conspiradores contra o regime em São Petersburgo. Por trás dessa diferença de visões e condutas, pode-se perceber que a proposta do narrador é contar a história da sua superfluidade através de um contraponto com a história de Babúrin, que é de fato um “homem de ação”, que age de acordo com os princípios que defende. Já Piotr não apenas não age de acordo com seus supostos ideais republicanos, como também não os aprofunda, permanecendo na inconsistência e na inação.

8. Bibliografia

ALLEN, Elizabeth. *Beyond Realism: Turgenev's Poetics of Secular Salvation*. California: Stanford University Press, 1992.

AMÉRICO, Edécio. *Os textos de Moscou e São Peterburgo como reflexo da identidade nacional russa*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 2011.

_____. "A Imagem Feminina de Moscou na Literatura Russa". *Revista RUS*, São Paulo, v. 3, n. 3 (2014), pp. 18-29.

AMÉRICO, Ekaterina Volkova. *Alguns aspectos da semiótica da cultura de Iúri Lótman*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 2012.

ARTEMYEVA, Tatiana V.; MIKESHIN, Mikhail I. "The Idea of History in Russia and Walter Scott's Historical Narratives." *Intellectual and Political Elites of the Enlightenment*, vol. 16. Helsinki: Helsinki Collegium for Advanced Studies, 2014, pp. 184-205. Disponível em <<https://helda.helsinki.fi/handle/10138/152649>>. Acesso em 25/06/2018.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Ed. Cultrix.

AZENHA, J. "Linguística textual e tradução: redefinindo o conceito de marca cultural". *TradTerm*, 12, São Paulo, 2006, pp. 13-32.

_____. "Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios". *TradTerm*, 16, São Paulo, 2010, p. 37-66.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Martins Fontes, 2010a.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo:

HUCITEC; UNESP, 2010b. (Linguagem e cultura).

BELÍNSKI, V. “Pensamento e observações sobre a literatura russa”. Tradução de Renata Esteves. In: GOMIDE (org). *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013. pp. 113-146.

БЕЛИНСКИЙ, В. Г. *Избранные философские сочинения*. Москва: Государственное издательство политической литературы, 1941.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas v. 1).

BERLIN, Isaiah. *Pensadores russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *A força das idéias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007a.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

BERNARDINI, Aurora. “Os escritores russos na época do populismo”. *Outra travessia*, n.7, p. 109 a 116, UFSC, 2008. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/viewFile/11982/11250>>

BIANCHI, M. F. O “sonhador” de *A senhoria*, de Dostoiévski: um “um homem supérfluo”. 2006. 175 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. “Os últimos dos moicanos”. In: TURGUÊNIEV, Ivan. *Rúdin*. Tradução de Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2012.

- BILLINGTON, J. H. *The icon and the axe: an interpretative history of Russian culture*. New York: Vintage Books, 1970.
- BOBBIO, Norberto. *Estudos sobre Hegel: direito, sociedade civil, Estado*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRANCO, Sonia. *Figurações críticas e literárias na Rússia oitocentista*. Tese de doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.
- BRIGGS, Anthony D. "Ivan Turgenev and the workings of coincidence". In: *The Slavonic and East European Review*, vol. 58. N. 2 (Apr. 1980), pp. 195-211. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4208026>>
- BRITTO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BROUWER, Sander. *Character in the Short Prose of Ivan Sergeevič Turgenev*. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1996. (Studies in Slavic Literature and Poetics v. 25).
- BYFORD, A. "The politics of Science and literature in French and Russian criticism of the 1860s". *Symposium*, 56.4 (2003):210.
- БЯЛЫЙ, Г. А. *Тургенев и русский реализм*. Москва; Ленинград: Советский писатель, 1962. Disponível em: <<http://turgenev-lit.ru/turgenev/kritika-o-turgeneve/byalyj-russkij-realizm/index.htm>> Acesso em 11/02/2019.
- CANDIDO, Antonio. "De cortiço a cortiço". *Novos Estudos/Cebrap*, nº 10, junho/1991.
- _____. "O Mundo-provérbio". In: *Os Malavoglia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- _____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Alfredo L. C. *Foco narrativo e fluxo de consciência*. São Paulo: Pioneira, 1981.

CECIL, David. "Turgenev". In: *Poets and story-tellers*. New York: The Macmillan Company, 1949, pp. 123-138.

CHANCES, Ellen B. *Conformity's Children: An Approach to the Superfluous Man in Russian Literature*. Columbus, Ohio: Slavica Publishers, 1978.

COSTLOW, Jane Tussey. *Worlds within worlds: the novels of Ivan Turgenev*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

COUTINHO, Carlos Nelson. "A dimensão objetiva da vontade geral em Hegel". *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 43, p. 59-75, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n43/a04n43.pdf>>. Acesso em 19/10/2019.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451998000100004>.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira*. São Paulo: Ática, 1978.

DE HAARD, Eric, 'The uses of poetry in Turgenev's prose: a quiet spot'. In: ANDREW, Joe., OFFORD, Derek., REID, Robert. (eds) *Turgenev and Russian Culture. Essays to Honour Richard Peace*. Amsterdam, New York: Rodopi, 2008, pp. 175 – 192.

DREYFUS, Hubert; KELLY, Sean Dorrance. *All things shining: reading the western classics to find meaning in a secular age*. New York: Free Press, 2011.

ДРУЖИНИН, Н. М. *Государственные крестьяне и реформа П. Д. Киселева. Т.1. Предпосылки и сущность реформы*. Москва-Ленинград: Издательство Академии Наук СССР, 1946.

DUBROVIN, M. I.; MELLO, M. J. *Locuções russas por imagens*. Moscou: Russki Yazik, 1981.

DUDLEY, Will. *Idealismo alemão*. Petrópolis: Vozes, 2013. (Pensamento Moderno).

- DUARTE, Pedro. *Estio do tempo: Romantismo e estética moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Tradução de Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- EICHENBAUM, B. *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin*. Madrid: Fundamentos, 1992.
- _____. et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- ESTEVES, Renata. *Vissariôn G. Belínski: uma apresentação*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 2011.
- _____. *Turguêniev e a inovação literária*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 2018.
- FARJADO, J. S. *O rei Lear da estepe, de Ivan Turguêniev: uma tragédia russa*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 2016.
- FIGUEIREDO, V; DUARTE, R. (org) *Theoria Aesthetica*. Porto Alegre: Escritos, 2005.
- FINCH, Chauncey E. "Turgenev as a Student of the Classics." *The Classical Journal*, vol. 49, no. 3, 1953, pp. 117-122. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3293365>>
- ФЕДОРОВ, А.И. *Фразеологический словарь русского литературного языка*, 2008. Disponível em: <https://gufo.me/dict/fedorov/>
- FLORINSKY, Michael. "Russian Social and Political Thought, 1825-1855". *The Russian Review*, Vol. 6, No. 2 (Spring, 1947), pp. 77-85. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/125311>>. Acesso em 05/06/2018.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: os efeitos da libertação, 1860-1865*. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. *Pelo prisma russo*. Tradução de Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992.

FREEBORN, Richard. *Turgenev: the novelist's novelist*. London: Oxford University Press, 1960.

_____. “Turgenev and Revolution.” *The Slavonic and East European Review*, vol. 61, no. 4, 1983, pp. 518–527. Disponível em: <www.jstor.org/stable/4208751>. Acesso em 16/01/2019.

_____. *The russian revolutionary novel: Turgenev to Pasternak*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. (Cambridge Studies in Russian Literature)

FRIEDMAN, Norman. “O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico”. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, março/maio 2002.

GARNETT, Edward. *Turgenev: a study*. London: W. Collins Sons & Co., 1917.

GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estóico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GILLESPIE, Michael Allen. *Nihilism before Nietzsche*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOMIDE, B. B. (org). *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013.

GONÇALVES, M. “A recusa da teoria da Mímesis pelas teorias estéticas na virada dos séculos XVIII e XIX”. In: *Mímesis e Expressão*. Duarte, R. e Figueiredo, V. (org.). BH: Edit UFMG, 2001.

ГЕРЦЕН, А. И. *Былое и думы. Часть четвертая. Москва, Петербург и Новгород (1840-1847)*. Москва: Государственное издательство художественной литературы, 1958. Disponível em: http://az.lib.ru/g/gercen_a_i/text_0130.shtml

- HERZEN, A. “Literatura e pensamento social depois do 14 de dezembro de 1825”. Tradução de Denise Sales. In: GOMIDE, B. B. (org). *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013. pp. 161-186.
- ГОЛОВКО, В. М. Идейная Эволюция героя в повести И. С. Тургенева «Пунин и Бабурин». *Русская литература*, 1988, № 1, с. 195–205. Disponível em: <<https://lib.pushkinskiydom.ru/Default.aspx?tabid=10540>>
- ГОРЬКИЙ, М. *Повести. Рассказы. Сказки. На дне. Публицистика*. Москва: Олма-Пресс Образование, 2004.
- ГРОМОВ, В. А. “И. С. ТУРГЕНЕВА и поэма Пушкина ‘Цыганы’”. *Спаский вестник*, 6 Н, Тула, 2000. с. 4-21.
- HODGE, Thomas P. “The ‘Hunter in Terror of Hunters’: A Cynegetic Reading of Turgenev's ‘Fathers and Children.’” *The Slavic and East European Journal*, vol. 51, no. 3, 2007, pp. 453-473. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/20459522>>
- HOUAISS, Antônio; CARDIM, Ismael. *Dicionário inglês-português*. 17. ed., atual. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HOWE, Irving. “Turgêniev: a política da hesitação”. In: *A política e o romance*. São Paulo: Perspectiva, 1998, pp. 83-102.
- HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime: tradução do prefácio de Cromwell; tradução e notas de Célia Berrettini*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- JAKOBSON, Roman. *Language in literature*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- JAMES, Henry. *French poets and novelists*. London: Macmillan and Co., 1878.

_____. “Ivan Turguêniev”. In: TURGUÊNIEV, I. *Pais e filhos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, pp. 327-354.

KAGAN-KANS, Eva. “Turgenev, the Metaphysics of an Artist, 1818-1883”. *Cahiers du Monde russe et soviétique*, Vol. 13, No. 3 (Jul. - Sep., 1972), pp. 382-405. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20169632>>. Acesso em 06/06/2918.

KAYSER, W. J. *A análise e interpretação da obra literária: introdução à ciência da literatura*. 7. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1985.

KROPOTKIN, Petr Alekseevich. *Ideals and realities in Russian literature*. New York: Alfred A. Knopf, 1915.

LANE-MERCIER, Gillian. “Translating the untranslatable: the translator’s aesthetic, ideological and political responsibility”. *Target*, v. 9, n. 1, p. 43-68, 1997.

LAÊRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LEDKOVSKY, Marina. *The Other Turgenev: From Romanticism to Symbolism*. Wuzburg, West Germany: Jal-Verlag, 1973.

LEITE, Ligia Chiappini M. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

LLOYD, John Arthur Thomas. *Two Russian reformers, Ivan Turgenev, Leo Tolstoy*. London: Stanley Paul & Co., 1910.

LÖVE, Katharina Hansen. *The Evolution of Space in Russian Literature: A Spatial Reading of 19th and 20th Century Narrative Literature. Studies in Slavic Literature and Poetics*, vol. 22. Amsterdam: Rodopi, 1994.

LOTMAN, I. “The Decembrist in daily life (Everyday behavior as a historical-psychological category)”. In: LOTMAN, I., GINZBURG, L., USPENSKII, B. et al. *The*

Semiotics of Russian cultural history: essays. Ithaca.: Cornell University Press, 1985, pp. 95-149.

МАРКЕВИЧ, Б. «Три последние произведения г. Тургенева». *Русский вестник*, 1874, Т. 111, № 5, с. 385-403. Disponível em:

<http://iht.univ.kiev.ua/library/russkiy_vestnik/1874_111_russkiy_vestnik.pdf>

MATLAW, R. E. (ed.) *Belinsky, Chernyshevski, and Dobrolyubov: Selected Criticism*. Bloomington: Indiana University Press, 1976.

MAUROIS, André. *Tourguéniev*. Paris: Bernard Grasset, 1931.

_____. *Turgueniev e a filosofia russa*. Rio de Janeiro: Alba, 1942.

_____. *Turgueniev: el pesador de almas*. Madrid: Aguilar, 1946.

MAGARSHACK, David. *Turgenev: a life*. London: Faber & Faber, 1954.

_____. *Turgenev's literary reminiscences and autobiographical fragments*. Translated and with an introduction by David Magarshack and with an essay on Turgenev by Edmund Wilson. London: Faber & Faber, 1958.

МЕДУШЕВСКИЙ, А. Н. Проекты аграрных реформ в России: XVIII – начало XXI века. Москва; Берлин: Директ-Медиа, 2015.

МИХАЙЛОВСКИЙ, Н. «Литературные и журналистские заметки». *Отечественные записки*, 1874, Т. 213, 4 н., с. 403 — 409. Disponível em:

<<https://goo.gl/54pemz>>

MOSER, Charles Arthur. “Esthetics as Nightmare”. *Russian literary theory, 1855-1870*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

_____. “Antinihilism in Russian Poetry of the 1860's”. *The Slavic and East European Journal*, 1965, vol. IX, nº 2.

МУРАМОВ, А. Б. *Тургенев-новеллист (1870-1880-е годы)*. Ленинград: Издательство Ленинградского университета, 1985. Disponível em: <http://i-s-turgenev.ru/books/item/f00/s00/z0000014/index.shtml>

NABOKOV, V. "Ivan Turguêniev". In: _____. *Lições de literatura russa*. São Paulo: Três Estrelas, 2014, pp. 100-138.

NOBREGA, Francisco Pereira. *Compreender Hegel*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. (Compreender).

OFFORD, D. *Portraits of early Russian liberals*. London: Cambridge University Press, 2009.

ÓJEGOV, S. I. *Tolkovii Slovar Rússkogo Iaziká*. Moscou: "AZ", 1994.

OSÓRIO, L. C. *Razões da crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ОСТРОВСКАЯ, Н. А. "Из воспоминаний о Тургеневе" // БОБОРЫКИНА, П. Д.; СТАСОВА, В. В.; РЕПИНА И. И. и др. *И.С. Тургенев в воспоминаниях современников: в 2 т.* Москва: Художественная Литература, 1983, т. 2, с. 57–95.

PACINI, G. *La grande stagione della critica letteraria russa*. Milano: Lerici, 1962.

PAULS, John P. "Chekhov's Humorous Names." *Literary Onomastics Studies*. Vol. 1, 1974.

_____. "Names for Characters in Russian Literature". *Names: A Journal of Onomastics*. Volume 11, 1963, Issue 1.

PETERSON, Dale E. *The clement vision: poetic realism in Turgenev and James*. Port Washington, N.Y.: Kennikat Press, 1975.

PHELPS, William Lyon. "Turgenev". In: *Essays on russian novelists*. New York: The Macmillan Company, 1911.

Dicionário *Priberam* da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998.
Disponível em: <<http://www.priberam.pt>>

PRITCHETT, V. S. *The gentle barbarian: the life and work of Turgenev*. New York: Random House, 1977.

RANDALL, Francis B. N. G. *Chernyshevskii*. Nova York: Twayne Publishers Inc, 1967.

SANTOS, Vitor Cei. “Nietzsche e Turguêniev: para uma genealogia do niilismo”. *REEL - Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, p. 1-12, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3725>>

ROBERT, Paul; REY-DEBOVE, Josette; REY, Alain. *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 2000.

RÓNAI, P. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SCHAPIRO, Leonard. *Turgenev: his life and times*. New York: Random House, 1978.

SCHNAIDERMAN, Boris; COHN, Sergio. *Boris Schnaiderman*. Rio de Janeiro: Azougue, 2010. (Encontros).

SCHNAIDERMAN, Boris. “Por falar em conto”. *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário de 7/11/1971.

_____. *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. *Tradução, ato desmedido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SEGRILLO, Angelo de Oliveira. Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas: elementos dos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e uma aplicação à análise da Rússia atual. 2016. Tese (Livre Docência em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

СЕМЕВСКИЙ, В. И. “Петрашевы: Студенты Толстов и Г. П. Данилевский, мещанин П. Г. Шапошников, литератор Катенев и Б. И. Утип.” // *Голос минувшего*, 1916, № 11, с. 5-28. Disponível em: <<https://runivers.ru/bookreader/book595300/>>

SILVEIRA, B. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos; UNESP, 2004.

SIMPSON, J. A. (ed). WEINER, E. S. C. (ed). *The Oxford English dictionary*. 2. ed., Oxford; New York: Clarendon Press; Oxford University Press, 2004, 20 v.

STRUVE, Gleb. “The Aesthetic Function in Russian Literature”. *Slavic Review*, v. XXI, n. 3, set. 1962.

TCHERNICHÉVSKI, N. “O russo no rendez-vous”. Tradução de Sonia Branco. In: GOMIDE, B. B. (org.) *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013, pp. 265-287.

TERRAS, Victor. “Turgenev's Aesthetic and Western Realism.” *Comparative Literature*, vol. 22, no. 1, 1970, pp. 19–35. Disponível em: <www.jstor.org/stable/1769297>. Acesso em 02/11/2017.

_____. *Handbook of Russian Literature*. New Haven: Yale University Press, 1985.

THOMSON, Oliver. *A assustadora história da maldade*. Rio de Janeiro; São Paulo: Prestígio; EDIOURO, 2002.

TODOROV, Tzvetan. “Les catégories du récit littéraire.” In: *Communications 8*, Paris, 1966, pp. 125–151. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1966_num_8_1_1120>

_____. *Poética da prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOURGUÉNIEV, I. S. "Pounine et Babourine". In: _____. *Romans et nouvelles complets, Tome III*. Trad. par Françoise Flamant, Henri Mongault et Edith Scherrer. Paris: Gallimard, 1986.

TROYAT, Henri. *Turgenev*. London: Allison & Busby, 1991.

ТУРГЕНЕВ, И. С. *Собрание сочинений в десяти томах*. Москва: Государственное издательство художественной литературы, 1961.

ТУРГЕНЕВ, И. С. *Собрание сочинений в десяти томах*. Сочинения. Том 1. Стихотворения. Статьи. Наброски. Москва: Наука, 1978.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах*. Том 6. Дворянское гнездо. Накануне. Первая любовь. 1858-1860. Москва: Наука, 1981.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах*. Письма. Том 1. 1831-1849. Москва: Наука, 1982.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах*. Том 9. Повести и рассказы 1874-1877. Новь. Москва: Наука, 1982.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах*. Том 11. Воспоминания. Очерки. Некрологи. Наброски. Москва: Наука, 1983.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах*. Письма. Том 2. 1850-1854. Москва: Наука, 1987.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах*. Письма. Том 3. 1855-1858. Москва: Наука, 1987.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах*. Письма. Том 4. 1859-1861. Москва: Наука, 1987.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах*. Письма. Том 13. 1874. Москва: Наука, 2002.

_____. *Полное собрание сочинений и писем в тридцатых томах. Письма. Том 14.* 1875. Москва: Наука, 2003.

TURGENEV, I. S. *A desperate character and other stories by Ivan Turgenev: translated from the russian by Constance Garnett.* London: William Heinemann; New York: Ams Press, 1899.

_____. *First love and Púnin and Babúrin.* London: W. H. Allen & Co., 1884.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Fumaça.* São Paulo: Ediouro, 1993. (Clássicos de bolso. Literatura estrangeira).

_____. *Pais e filhos.* Tradução e prefácio de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. *Memórias de um caçador.* Tradução de Irineu Franco Perpetuo. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Primeiro amor / Первая любовь.* São Paulo: Ars Poetica, 1993.

ТУРЬЯН, М. „О прототипе Бабурина“. *Русская литература*, 1963, № 1, с. 178-180.

_____. «„Пунин и Бабурин“ в ряду поздних произведений Тургенева». *Русская литература*, 1965, № 4, с. 148-155. Disponível em: <<http://lib2.pushkinskijdom.ru/Media/Default/PDF/RusLiteratura/RL-1963-1.pdf>>

ФЁДОРОВ, А. И. *Фразеологический словарь русского литературного языка.* Москва: Астрель; АСТ, 2008. Disponível em: <<https://phraseology.academic.ru/>>

VALDEZ, João Fernandes. *Dicionário francês-português, português-francês.* Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

VASSÍLIEV, Vladimir K. “On the semantics of the ‘Turgenev’s girl’ psychotype”. *Journal of Siberian Federal University. Humanities & Social Sciences*, 5 (2014, 7).

VOGUÉ, M. *O romance russo.* Rio de Janeiro: Editora A Noite, sd.

- VÓINOVA, N. I. et al. *Rússko-Portugálskii Slovar (Dicionário Russo-Português)*. Moscou: Rússkii Iazik, 1989.
- VOLPI, Franco. *O niilismo*. São Paulo: Loyola, 1999.
- WALICKI, Andrzej. *A history of russian thought*. Stanford: Stanford University Press, 1979.
- WELLEK, René. *Conceitos de crítica*. São Paulo: Cultrix, 1963.
- _____. *História da crítica moderna, vol. 3 - 4*. São Paulo: Herder, 1972.
- _____. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WHITCOMB, Selden L. *The study of a novel*. Boston: D. C. Heath & Co., Publishers, 1905.
- WILSON, Edmund. “Turguêniev e a gota vivificante”. In: *Onze ensaios: literatura, política, história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 220- 265.
- WOODWARD, James B. “Typical images in the later tales of Turgenev”. *The Slavic and East European Journal*, vol. 17, No. 1 (Spring, 1973), pp. 18-32.
- _____. *Metaphysical conflict: a study of the major novels of Ivan Turgenev*. München: Otto Sagner, 1990.
- ZVIGUILSKY, Alexandre. “Quelques sources possibles de ‘Hamlet et Don Quichotte’ d’Ivan Turgenev”. *Revue des études slaves*, Tome 48, fascicule 1-4, 1969, pp. 109-116.